

UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ – REITORIA ACADÊMICA
PROGRAMA PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA

Valdinei Trombini

**A NARRATIVA DOS PEREGRINOS A SANTIAGO DE COMPOSTELA:
UMA ANÁLISE COMUNICACIONAL**

Sorocaba/SP

2013

Valdinei Trombini

**A NARRATIVA DOS PEREGRINOS A SANTIAGO DE COMPOSTELA:
UMA ANÁLISE COMUNICACIONAL**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação e Cultura.

Orientadora: Prof^ª Dra: Tarcyanie Cajueiro

Sorocaba/SP

2013

Ficha Catalográfica

Trombini, Valdinei

T766n A narrativa dos peregrinos a Santiago de Compostella: uma
análise comunicacional / Valdinei Trombini. -- 2013.
99 f. : il.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Tarcyanie Cajueiro Santos
Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) - Universidade
de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2013.

1. Comunicação oral. 2. Peregrinos e peregrinações. 3. Santiago
de Compostela (Espanha) – Descrições e viagens. 4. Crescimento

Valdinei Trombini

**A NARRATIVA DOS PEREGRINOS A SANTIAGO DE COMPOSTELA:
UMA ANÁLISE COMUNICACIONAL**

Dissertação aprovada como requisito parcial
para a obtenção do grau de Mestre no
Programa de Pós-Graduação em Comunicação
e Cultura da Universidade de Sorocaba.

Aprovado em: 16/12/2013

BANCA EXAMINADORA:

Ass.: _____
Pres.: Doutora, Tarcyanie Cajueiro Santos, da Universidade de Sorocaba

Ass.: _____
1° Exam.: Doutora, Miriam Cristina Carlos Silva, da Universidade de Sorocaba

Ass.: _____
2° Exam.: Doutor, Jorge Miklos, da Universidade Paulista

RESUMO

O objetivo geral desta dissertação é a análise das narrativas feitas pelos Peregrinos sobre o Caminho de Santiago de Compostela. O objetivo central é descrever como esses peregrinos constroem as suas narrativas e identidades no mundo atual, tendo em vista a relação com a questão comunicacional. Parte-se do pressuposto de que o Caminho, para a maioria dos peregrinos, apoia-se na busca do autoconhecimento. A fundamentação teórica se dá a partir da discussão elencada por Stuart Hall sobre o conceito de identidade e no conceito de reflexibilidade trabalhado por Anthony Giddens e também sobre as narrativas de Walter Benjamin. Sandra de Sá Carneiro é outra autora sobre a qual este trabalho se fundamenta. Sua interpretação da peregrinação é de um fenômeno no qual, ao mesmo tempo em que se sustenta numa tradição de longa duração, assume um caráter atual – “novo”. E através dos vários tipos de apropriações e (re) significações que os agentes e agências envolvidas no fenômeno da peregrinação a Santiago de Compostela dão às suas ações, performances e usos, assim como atribuições (e disputas) de sentidos em torno das narrativas referentes ao Caminho e à peregrinação. Com a finalidade de compreender as diversas dimensões que envolvem esta peregrinação na sociedade contemporânea, realizamos a pesquisa utilizando o método qualitativo, buscando destacar os sentidos das narrativas dos peregrinos. Também foi realizada uma pesquisa quantitativa visando traçar um perfil dos peregrinos através de dados estatísticos obtidos nas entrevistas antes do recebimento da Compostela. Além disso, lançamos mão de pesquisas em sites de associações, comunidades de peregrinos e relatos de peregrinos. Utilizamos análise das narrativas como metodologia para a compreensão das narrativas feitas pelos peregrinos e disponibilizadas por eles nos sites das associações. Concluímos que a necessidade de narrar o que se vivenciou no Caminho para muitos peregrinos, relaciona-se com a busca de um sentido para o seu autoconhecimento, que não apenas é experimentado e vivido através da peregrinação, mas também relatado em narrativas que conferem um ordenamento reflexivo ao indivíduo.

Palavras-chave: Comunicação; Narrativas; Peregrinação; Identidade; Autoconhecimento; Caminho de Santiago.

ABSTRACT

The overall objective of this thesis is the analysis of the narratives made by the Pilgrims about the Way of St. James. The central aim of this thesis is to describe how these pilgrims construct their narratives and identities in the world today, in view of the relation with the issue of communication. This is on the assumption that the path for most pilgrims, relies on self-seeking. The theoretical starts from the discussion made by Stuart Hall on the concept of identity and reflexivity worked by Anthony Giddens. Sandra de Sá Carneiro is another author which this work is also based. Her interpretation of the pilgrimage is a phenomenon that, in the same time it rests on a long term tradition, is still taken as current - "new". Through the several types of appropriations and (re) significations that agents and agencies involved in the phenomenon the pilgrimage to Santiago de Compostela give to their actions , performances and uses and assignments (and challenge) of directions around the narratives concerning the Way and the pilgrimage. In order to understand the several dimensions involving a pilgrimage in contemporary society, we worked using qualitative methods, with a special emphasis on the meanings that emerge in the narratives of pilgrims. We also performed a quantitative study aimed to profile the pilgrims. Furthermore, we employed research sites of associations, communities of pilgrims and reports of pilgrims. We concluded that the need of relating what is experienced in the way many pilgrims relates of the search for self-knowledge, that is not only experienced and lived through the pilgrimage, but also reported in narratives that give an ordering reflective to the individual.

Keywords: Communication; Narratives; Pilgrimage; Identity; Self-knowledge; Way of St. James.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Sexo dos Peregrinos 2004 a 2012.....	40
Tabela 2 - Motivo da peregrinação a Santiago de Compostela - 2004 a 2012	43
Tabela 3 - Nacionalidade dos peregrinos	45
Tabela 4 - Idade dos peregrinos que fizeram o Caminho	48
Tabela 5 - Profissão dos Peregrinos	49
Tabela 6 - Meio de Locomoção na Peregrinação	50
Tabela 7 - Rotas de entrada para Peregrinação.....	51

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO 1	11
1.1 SER PEREGRINO: DA MOTIVAÇÃO PARA FAZER O CAMINHO DE SANTIAGO DE COMPOSTELA	11
1.2 A RELIGIOSIDADE PRESENTE NO CAMINHO: DO PASSADO AOS DIAS ATUAIS	13
1.3 ALÉM DA DIMENSÃO RELIGIOSA.....	20
CAPÍTULO 2	27
2.1 IDENTIDADE: A BUSCA DE UM CAMINHO NA ALTA MODERNIDADE	27
2.2 A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES ATRAVÉS DA PEREGRINAÇÃO A SANTIAGO DE COMPOSTELA.....	30
2.3 O PERFIL DOS PEREGRINOS QUE FAZEM O CAMINHO DE SANTIAGO DE COMPOSTELA.....	34
2.4 O CRESCIMENTO DA PEREGRINAÇÃO A COMPOSTELA NO PERÍODO DE 2004 A 2012	39
2.4.1 A Nacionalidade e Faixa Etária dos Peregrinos	44
2.4.2 Inserção no mercado de trabalho	48
2.4.3 Meios de locomoção dos peregrinos	49
2.5 A PEREGRINAÇÃO E SEUS SENTIDOS DE TRANSFORMAÇÃO	51
CAPÍTULO 3	59
3.1 AS NARRATIVAS DE PEREGRINOS EM COMPOSTELA: UMA ANÁLISE DOS SITES E DAS ASSOCIAÇÕES	59
3.3 A NOÇÃO DE COINCIDÊNCIAS NAS NARRATIVAS E A BUSCA DE AUTOCONHECIMENTO	67
3.4 O CAMINHO PARA CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS.....	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	82
REFERÊNCIAS	87

INTRODUÇÃO

O universo em estudo são as narrativas feitas pelos Peregrinos sobre o Caminho de Santiago de Compostela. O objetivo central é analisar e descrever como esses peregrinos construíram as suas narrativas após ter percorrido o Caminho de Santiago de Compostela pela rota Francesa. Embora existam vários Caminhos oficiais que levam a Compostela, temos como objeto de estudo o Caminho Francês, que se inicia ao norte da França, na pequena cidade de Sant Jean Pierd Port, que é o mais tradicional e reconhecido dentre eles.

O que nos leva a querer estudar este universo é, inicialmente, perceber qual o impacto deste fenômeno na identidade dos peregrinos. O indivíduo passa a buscar formas para enfrentar essa realidade, o que proporciona uma mudança significativa em seu “eu”, interferindo diretamente em sua identidade (Giddens, 2006).

A questão da identidade vem sendo extensamente discutida no mundo globalizado e pós-tradicional. Inúmeros autores, como Hall (2006), apontam que as velhas identidades, pensadas como tendo uma essência, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades, que condizem com um indivíduo fragmentado e não mais um sujeito unificado, como frequentemente foi entendido pelas ciências sociais.

Diante de um contexto nos quais as experiências do mundo são em sua maior parte midiaticizadas, de modo que a representação do real passa primeiramente pela mídia, a busca de um sentido do eu constitui-se como contra face de uma sociedade cada vez mais estruturada por tecnologias informacionais e sistemas abstratos e impessoais.

Não é à toa que em face da segregação de experiências, como a doença, a morte e outros acontecimentos existenciais, as pessoas atualmente valorizem experiências que se relacionem com o sagrado, buscando penetrar na esfera do simbólico, a fim de ultrapassar o mero domínio informacional. A peregrinação é um fenômeno que está tomando força no mundo. Na década de 1990 o número de peregrinos brasileiros que fizeram o Caminho de Santiago de Compostela aumentou. Este crescimento da peregrinação corresponde sob o ponto de vista comunicacional à proliferação de narrativas midiáticas feitas sobre o Caminho, tanto em livros quanto em sites e blogs. Do ponto de vista comunicacional, o peregrino passa a narrar a sua experiência. De acordo com Silva (2013), narrar é comunicar; é uma tentativa de mediar estas experiências. Portanto, o peregrino se torna um mediador, ao viver a experiência e depois narrá-la. A narrativa, desse modo, também é um modo de organização e perenização da memória. Narrar é dar sentido à experiência.

Perguntamos então, por que narrar o Caminho? Para tanto, nos baseamos nos relatos de peregrinos em sites como, “Portal do Peregrino, Associações de Confrades e Amigos de Compostela”.

As narrativas dos peregrinos sobre as suas distintas experiências fazem sentido como parte de um corpo de valores, ideias e crenças que configuram um universo todo particular, informado por uma determinada visão de mundo que se expressa através da construção da identidade do que é “ser peregrino”.

O objetivo geral desta pesquisa é compreender, a partir da forma como esses peregrinos construíram as suas narrativas após ter percorrido o Caminho de Santiago de Compostela pela rota Francesa, a importância deste fenômeno sob um olhar comunicacional. Nossa hipótese é a de que o aumento da peregrinação pela classe média brasileira para o Caminho de Santiago de Compostela relaciona-se com a busca de um sentido para o autoconhecimento, que não apenas é experienciado, como também relatado em narrativas que conferem um ordenamento reflexivo ao indivíduo. Isso de tal forma, que não apenas há um aumento considerável de livros sobre o assunto, como também inúmeros relatos de peregrinos publicados nos sites de associações. Hoje existe uma quantidade razoável de livros sobre o Caminho.

Até 2012 foram escritos mais de 260 livros. Normalmente eles narram a experiência pessoal do peregrino durante o Caminho. Descrevem o dia a dia da peregrinação, as experiências mais marcantes vivenciadas e os aspectos práticos para a sua realização. Estes livros podem ser adquiridos em livrarias ou comprados via internet; em geral, são catalogados de formas distintas como esoterismo, viagem, turismo, cultura, religião e autoajuda. As narrativas postadas pelos peregrinos nos sites das associações também falam de suas experiências, assim como os livros.

As combinações das diferentes narrativas produzidas formam um mapeamento do Caminho e constituem um registro de sequências de momentos nos quais o Caminho é visto como uma narrativa constantemente alterada. Também denota uma dinâmica na construção dos sentidos cuja produção discursiva admite versões diversas, posto que pressuponha experiências vivenciadas distintamente pelos peregrinos.

Esta pesquisa foi realizada no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura e o percurso metodológico que adotamos neste trajeto se apoia na interdisciplinaridade, tendo como eixo analítico a comunicação. A metodologia adotada não pôde fugir a essa perspectiva dialógica, que se abre para o imponderável e à problemática relação entre o sujeito e o objeto, que se constrói através de teias de significados advindos do embate com o contexto sobre o

qual nos situamos. Ao partir do pressuposto tão caro a Max Weber, de que “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu” (Geertz, 1989, p.15), buscamos compreender os relatos de experiências dos peregrinos. Para tanto, lançamos mão da análise de narrativas, publicadas nos sites das Associações dos Peregrinos de São Paulo e da Associação Brasileira dos Peregrinos.

As narrativas e os relatos foram coletados aleatoriamente devido aos diversos horizontes abordados pelos peregrinos. Nesse ínterim, objetivamos também delinear as motivações que levaram à realização da peregrinação, com base nas entrevistas e testemunhos recolhidos, além da análise das estatísticas disponíveis sobre os peregrinos. Ao traçar um retrato do Caminho de Santiago, explicitando os seus vários usos e apropriações por múltiplos agentes, pretendemos contribuir para uma análise deste universo no campo da comunicação.

Também utilizei como fonte empírica, a minha peregrinação a Santiago de Compostela, onde vivenciei as agruras, as alegrias e descobertas de se fazer o Caminho. Nessa caminhada conversei com peregrinos com os quais cruzava o Caminho e com os hospitaleiros dos albergues por onde passei. Dessa forma, o interesse pelo tema não se deriva apenas do aumento da peregrinação a Santiago de Compostela e das narrativas dos peregrinos sobre a experiência do Caminho, por parte dos brasileiros. Com a finalidade de ordenar as discussões, esse trabalho está dividido em três capítulos.

No primeiro capítulo, tratamos da motivação para fazer o Caminho de Santiago de Compostela a partir do que podemos entender sobre este personagem que é o peregrino. Quando se fala das peregrinações a Santiago, coloca-se no centro do cenário um ator social que, sem dúvida, tem papel fundamental – o peregrino. A ele se deve a fixação da cosmologia compostelana, bem como a permanência e atualização na memória coletiva e sua difusão em vários contextos sociais e econômicos. Também apresentamos uma referência histórica do deslocamento dos peregrinos por motivos religiosos, desde os primórdios até o presente, onde utilizo Barreiro Rivas como autor.

Em sua grande jornada de estudos, a peregrinação é entendida (Barreiro Rivas, 1997, p.101) como a viagem realizada até um lugar estranho. Um ato individualizado e suscetível de ser classificado com base, por exemplo, nas diversas motivações que o produz. Já o Caminho ou rota de peregrinação é uma tradição coletiva de motivações individuais mediante a qual se unificam suas razões, seus sentidos e suas linhas de influência sobre os valores de toda a comunidade. Nesta fase enfatizam-se os sentimentos sociais, nos quais o homem se percebe da sua finitude e procura nos seres superiores um apoio ou um rumo, a chamada providência ou moral que protege, castiga ou recompensa.

Em quase todas as grandes religiões existem fenômenos similares, incentivados pela simbologia dos Caminhos e a atração exercida por lugares sacralizados ou por templos de particular importância.

No segundo capítulo, é apresentado o referencial teórico, no qual trabalhamos as relações entre identidade e o contexto social sobre os quais o fenômeno da peregrinação a Santiago de Compostela se apoia.

É feita também uma análise que aponta às mudanças estruturais da sociedade no final do século XX, cuja fragmentação de classes, gêneros, culturas, raças e nacionalidades implodem o que no passado era sentido como sólido. Nesse contexto, autores como Anthony Giddens (2002) e Stuart Hall (2006) são trabalhados para pensar a questão das identidades e das sociabilidades, que são estendidas para a análise da experiência da peregrinação no Caminho de Santiago de Compostela.

Também é utilizada a autora Sandra de Sá Carneiro (2010), que trata da realidade de um fenômeno que ao mesmo tempo em que se sustenta numa tradição de longa duração assume um caráter atual – “novo” – através dos vários tipos de apropriações. Ela aponta também a (re) significações que os agentes e agências envolvidas no fenômeno da peregrinação a Santiago de Compostela dão às suas ações, performances e usos e atribuições (e disputas) de sentidos das narrativas referentes ao Caminho e à peregrinação.

Para posicionar o leitor trago uma pesquisa estatística que permite um posicionamento do perfil dos peregrinos que fazem a peregrinação a Santiago de Compostela. Utilizei como fonte as informações de Oficinas localizadas no Brasil. Os dados foram coletados através das credenciais ou passaporte do peregrino solicitado nas Oficinas e associações. Além disso, também fizemos uma análise da estatística do período de 2004 a 2012. Com o propósito de oferecer um mapeamento do fenômeno da peregrinação, consideramos temas que não se encontram em sites pesquisados no Brasil. Essa contribuição permitirá ao leitor avaliar e analisar diversas particularidades dos peregrinos que fazem o Caminho de Santiago de Compostela.

No terceiro capítulo, fazemos uma análise das narrativas dos peregrinos, tendo como referencial Walter Benjamin (1994) e Míriam Silva (2013). Por isso não poderíamos seguir nesse Caminho sem recorrer a esses autores, contribuem sobre narrativas e suas teorias.

A tradição só ganha sentido à medida que é capaz de relacionar os sentidos disponibilizados contextualmente com a substância viva da experiência do narrador. Assim, ganha destaque o valor da experiência como fonte e possibilidade da narrativa.

Empreendemos uma pesquisa qualitativa, com levantamento nos sites, nos livros e nos depoimentos de narrativas que relatam o significado e a importância do Caminho e da motivação que levou o peregrino a percorrer todos esses quilômetros. Também é feita uma análise do fenômeno da peregrinação por peregrinos brasileiros que concluíram o Caminho. Compreendemos as narrativas como um texto, um relato, cuja teia de significados remete à sentidos errantes, que por não terem um núcleo não podem ser apreendidas a partir de uma lógica unívoca. Por isso, o Caminho não é apenas religioso, mas também turístico, aventureiro, abarcando dimensões díspares e muitas vezes supostamente incongruentes. Partindo desse pressuposto, surgem novas perspectivas nas análises e observações das narrativas feitas pelos peregrinos em sites, ambientes virtuais e a criação de uma rede nacional de pessoas interessadas em trocar e divulgar informações, bem como, ver as narrativas de peregrinos que fizeram o Caminho de Santiago de Compostela.

Além disso, neste capítulo, discorremos brevemente sobre o fenômeno da virtualização da peregrinação. “Os meios de comunicação eletrônicos interativos, aproveitando-se da necessidade de o homem vincular-se por meio do rito de peregrinação, procuram desenhar um ambiente no qual esse vínculo possa acontecer” (MIKLOS, 2012, p. 140). Para Miklos (2012), esse ambiente eletrônico interativo tornou possível peregrinar virtualmente pelas cidades e povoados que fazem parte do Caminho de Santiago.

Nas considerações finais, apresentamos uma síntese dos resultados obtidos através das narrativas feitas pelos peregrinos nos sites das associações e confrarias e abordo a relevância do Caminho e a influência na própria mudança da identidade.

CAPÍTULO 1

1.1 Ser Peregrino: da motivação para fazer o Caminho de Santiago de Compostela

Quando se fala das peregrinações a Santiago, coloca-se no centro do cenário um ator social que, sem dúvida, tem papel fundamental – o peregrino. A ele se deve a fixação da cosmologia compostelana, bem como a permanência e atualização na memória coletiva e sua difusão em vários contextos sociais e econômicos.

Na Antiguidade clássica o termo “peregrino” era aplicado a todos os estrangeiros que chegavam a um determinado lugar, independentemente dos objetivos da sua viagem. No contexto atual da peregrinação a Santiago, o peregrino é aquele que percorre o Caminho por vários motivos, conforme pesquisa no site “Portal do peregrino”, dentre eles estão:

- Percorre ao menos 100 km a pé ou 200 km de bicicleta ou a cavalo de algum trecho do Caminho de Santiago, e que tem uma motivação religiosa;
- Aqueles que fazem exatamente o mesmo, mas que não têm motivação puramente religiosa, mas sim cultural ou turística;
- Aqueles que por devoção ao Apóstolo, mas que não percorrem o Caminho através dos meios de locomoção que se consideram de forma legítima, e sim em carros ou outro tipo de transporte público;
- Aqueles que vão ao Caminho de carro ou de ônibus, mas que seguem o mesmo percurso detendo-se, no entanto, nos lugares de maior interesse;
- Aqueles visitantes que nem vão à Compostela por motivações religiosas nem chegam depois de percorrer algum trecho do Caminho.

A princípio, podemos dizer que a motivação para fazer o Caminho, do ponto de vista estritamente formal, é o de dirigir-se à tumba do Apóstolo. Por si só já diferenciaria o simples viajante do peregrino no seu sentido mais restrito, ainda que ambos tenham o mesmo destino e façam o mesmo trajeto. No entanto, este último se distingue em virtude de sua viagem assumir um sentido “religioso” ou “espiritual”, de penitência ou de graça, aproximando-se assim das raízes apostólicas da fé ou da busca da mesma. Nesse contexto seria possível distinguir diferentes atitudes e intenções particulares em cada caso. Assim, quando nos aprofundamos no aspecto motivacional, percebemos que as razões que levam uma pessoa a “fazer o Caminho” são variadas e nem sempre se vinculam a uma espontânea vontade piedosa, como parece querer a Igreja Católica.

Utilizamos como ponto de partida a definição de peregrino como aquele indivíduo que declara ter percorrido o Caminho, independentemente dos motivos apontados, levando-se também em conta a autodeclaração. Isso por si só, já diferencia o simples viajante do peregrino no seu sentido mais restrito, ainda que ambos tenham o mesmo destino e façam o mesmo trajeto. Este último se distingue em virtude da sua viagem assumir um sentido diferente do turista de maneira geral, mesmo que nesse contexto seja ainda possível distinguir diferentes atitudes e intenções particulares em cada caso.

Como indicamos ao longo desse estudo, “ser peregrino” significa muito mais que a elaboração de um tipo ideal. Essa noção nos remete à sua capacidade de dar densidade simbólica a uma experiência que se acredita “transformadora”, capaz de “tornar significativa” a vida de seus participantes. Que ao se investir em uma nova perspectiva de visão de mundo, passam a atuar de maneira “mais livre”, “mais consciente de seus atos e ações”, mais comprometidos com um “novo estilo de vida”, em que as emoções são os substratos de novos arranjos em termos de novas formas de relações sociais e de construção de subjetividades.

Colocando como o principal ator social dessa poderosa performance que é a peregrinação, entende-se hoje o peregrino como portador da “missão” de difundir os principais valores associados ao “mundo jacobeo”. Nesse sentido concordamos com Carneiro (2007), para a qual a peregrinação a Santiago se converteu assim em uma tradição viva, em uma força ativa cheia de valores religiosos e culturais, com um corolário de significados sociais; vivenciada por grandes contingentes de pessoas provenientes dos mais diversos países, muitas vezes não pertencentes à denominada cristandade.

Segundo Carneiro (2010), desde os primórdios, a peregrinação a Santiago tem sido caracterizada por seus estudiosos como uma dupla ação, sendo que se expressa essencialmente na formação interior do peregrino e se manifesta durante a peregrinação a partir da busca do autoconhecimento. Nesse tempo e nesse espaço se constrói a verdadeira “identidade” do peregrino, ou, dito de outra forma, se constrói o “autêntico” peregrino.

Este, efetivamente, vai se construindo desde o momento em que “recebe o chamado” e deixa sua casa, o seu cotidiano, para entrar em um tempo e espaço sagrados, ou seja, o da peregrinação, que, como veremos mais adiante, é um ritual de múltiplos significados.

Na visão entre os diferentes atores sociais responsáveis pela peregrinação (clero, governo, associações e hospitaleiros), o peregrino se converte em difusor de valores e conhecimentos (para alguns isso estaria associado à ideia de uma missão). Frequentemente essa ação será institucionalizada em uma das numerosas confrarias ou associações de amigos

de Santiago, que contribuem para difundir e solidificar os valores e significados da peregrinação, que se unem em muitas localidades em todo o mundo.

Diferentemente de outras épocas, o peregrino que, em nossos dias, se põe à Caminho até Santiago tem ao seu alcance um conjunto complexo de informações geográficas, históricas, econômicas e culturais. Como veremos, as motivações pessoais são complexas, e muito frequentemente, elas aparecem justapostas, se sobrepõem e se integram.

Na maioria dos textos que se referem às motivações dos antigos peregrinos, vemos destacadas as seguintes motivações: penitência (penitência e causa), por pena canônica ou judicial, por obrigação testamentária e às vezes por encargos de outros.

A razão que se poderia considerar a “mais autêntica” ou “tradicional” seria a produção de acontecimentos comunicacionais, mas essa não parece ser a única que influi hoje, e pode ser que nem tivesse sido no passado. De todas as pessoas com quem tive contato e que serviu de base para esse estudo, nenhuma declarou como motivo a sua ida em busca de graças a Santiago. No entanto, é possível distinguir diferentes níveis nos quais se vive essa experiência e relacionar as motivações proferidas a determinadas condições sociais de existência, às “fases da vida”, bem como ressaltar a intensidade com que se vive e se concebem essas motivações.

Como veremos mais adiante, as pessoas que fizeram a peregrinação valorizam muito a comunicação com os outros peregrinos e com as pessoas que foram encontrando ao longo do Caminho. Atribuem importância ao diálogo, à comunicação, às trocas culturais e materiais que ocorrem nos 30 dias, aproximados, de vivência e convivência.

1.2 A Religiosidade Presente no Caminho: do passado aos dias atuais

O deslocamento por motivos religiosos, desde os primórdios, esteve presente na história. Numa primeira fase os povos primitivos eram movidos pelo medo, pela ignorância sobre a causalidade de determinados acontecimentos, e por isso criavam seres à imagem e semelhança do seu temor, bem como definiam quem eram os sacerdotes com capacidades para se comunicar com esses mesmos seres (Carneiro, 2010). A partir disso então, vão-se modificando as crenças, transitando para uma época em que a religião ligada à moral ganha relevância. Nesta fase enfatizam-se os sentimentos sociais, nos quais o homem percebe a sua finitude e procura nos seres superiores um apoio ou um rumo, a chamada providência ou moral de Deus, que protege, castiga ou recompensa.

Podemos encontrar pontos em comum em todas as religiões, às quais o indivíduo questiona “quem sou”, “como surgiu o universo”, “que forças regem a história”, “será que Deus existe”, “o que acontece quando morremos”? Sejam quais forem as respostas dadas a estas questões, todas as religiões apresentam o seu entendimento sobre estas dúvidas, contribuindo à sua maneira, para o desenvolvimento do homem e da sociedade.

Independentemente do tipo de religião, animismo, politeísmo, monoteísmo, monolatria, panteísmo, o homem passa a ter uma submissão às leis divinas, buscando sempre a harmonia. Ao mesmo tempo, a religião tem também grande importância, tanto na vida social como na política, em qualquer região do mundo.

Por considerarmos o Caminho de Santiago de Compostela mais próximo do místico ou espiritual do que do religioso, entendemos que essas dimensões pressupõem uma comunhão com Deus ou com o Santo ou com o “espírito do mundo”, cuja aproximação com este estado resulta da passagem por fases que vão purificando o peregrino. Está também presente um êxtase transitório, pois todo o processo é entendido como uma experiência, que possibilita uma nova perspectiva e que permanecerá depois desta.

Estas experiências são normalmente, sentimentos descritos pelos peregrinos, nos diversos relatos que estão publicados. Parece mesmo existir a crença de um poder ou da vivência de uma experiência inigualável quando se percorre o Caminho. No entanto, antes da criação do Caminho de Santiago, já era tradição percorrer uma rota que seguia para Ocidente, para Finisterra, ou “*Finis Terrae*”. Talvez este Caminho de Santiago seja resultado de uma apropriação e adaptação de uma lenda, ou mais provável, uma tradição anterior, isto é, que tenha passado do profano Celta ao sagrado Cristão.

As lendas não são inventadas, mas são adaptações de situações reais, que existiam em determinadas condições. Isto significa que, como terá acontecido noutras tradições, uma tradição pagã segundo a ideologia da instituição católica terá sido adaptada e modificada, desde os seus atores, enredo e objetivos, numa época em que o cristianismo se encontrava em expansão, e substituída por uma tradição e “religião nova”. (Carneiro, 2010).

Encontramo-nos, se assim for, diante de uma repetição ou continuação de uma caminhada em direção a este ponto do globo, desde um período histórico longínquo. A peregrinação, a viagem a pé, obriga o indivíduo, normalmente afastado do ambiente do Caminho e da natureza, a ajustar as suas energias com a força natural. Segundo Carneiro (2010), daqui resulta a tal renovação, o renascimento, harmonia e equilíbrio.

Conta-nos a história da peregrinação, que quando o mítico e o simbólico entram em confronto com a ciência, surgem conflitos. Carneiro (2010) lembra que a religião se ocupa da

relação entre homem e natureza, através do estabelecimento de ideais e mandamentos que vão guiar o homem na sua vida em comunhão com o outro, de forma a educá-lo e controlá-lo, auxiliando-o, muitas vezes, os mitos, lendas e histórias.

Fazendo uma síntese dos aspectos históricos mais significativos do período da construção do mito de Santiago, a análise do tema é complexa porém a intenção é situar o leitor no marco dos acontecimentos mais gerais que de alguma forma influenciou o surgimento da peregrinação.

O Caminho de Santiago é uma rota que surgiu na Idade Média e que conduz a relíquias de São Tiago, o Maior¹. O fenômeno das peregrinações tem registros considerados como relíquias devido à transposição dos tempos. Muitos povos tem consagrado ao longo dos séculos lugares únicos por sua tradição, beleza ou misticismo, que atraem inúmeras pessoas movidas por sentimentos misteriosos e repetidos. Budistas, Judeus, Hindus e outros conservam suas tradições na busca de algo por traz das peregrinações, e nota-se que algumas resistem até os dias atuais, como Katmandu, Hebron, Meca e Varanasi.

Nas terras cotadas pelo Caminho de Santiago, foram encontradas provas arqueológicas de uma peregrinação muito mais antiga que o cristianismo. Comunidades neolíticas, povos celtas e romanos viajavam até o cabo Fisterra – o ponto mais ocidental da Espanha, próximo à cidade de Santiago, local que acreditavam ser o fim do mundo devido a sua posição geográfica, onde a vista nada mais alcança senão o horizonte marítimo.

As três principais rotas da peregrinação para as sociedades ocidentais e cristãs são: o Caminho de Roma, que leva os fiéis até o mausoléu de São Pedro naquela cidade, percorrido pelos *romeiros*, o Caminho de Jerusalém, que conduz a lugares sagrados da vida de Jesus, percorrido pelos *palmeiros*; e o Caminho de Santiago de Compostela, percorrido pelos *peregrinos* ou *concheiros*².

Na Catedral de Santiago de Compostela, está o túmulo de Santiago, um dos apóstolos de Cristo, padroeiro da Espanha e primeiro mensageiro do cristianismo naquele canto da Europa.

¹ Embora em Português o nome do apóstolo seja São Tiago, procurei manter o mesmo termo da língua espanhola (Santiago), utilizada por todos os peregrinos que entrevistei, pela Associação Brasileira dos Amigos do Caminho de Santiago e pelos livros e artigos escritos no Brasil.

² Dante Alighieri, escritor toscano define na Vita Nuova (1293), capítulo XL, que romeiro é aquele que vai a Roma por devoção; palmeiro, o que vai a Jerusalém para orar nos santos lugares; e peregrino, o que vai à Casa de Santiago, na Galícia, ou retorna dela.

Falar das origens do culto a Santiago³ é falar de informações referentes à pregação dos discípulos de Cristo em terras Ocidentais, ou seja, de relatos muito antigos conhecidos entre a cristandade da Alta Idade Média⁴. As notícias mais remotas da pregação de Santiago no Ocidente fazem parte da cultura oral da cristandade hispânica, transmitida já nos primeiros séculos. No entanto, o fato dessas tradições se mostrarem com mais ou menos vigor não significa que a evangelização de Santiago tenha deixado marcas no território da Península Ibérica, visto que a adoção mais geral da religião cristã ocorreu de maneira progressiva, havendo “adaptações” as sensibilidades das comunidades locais, associadas, sobretudo ao declínio das crenças pagãs autóctones e romanas importadas.

A cristianização da Espanha foi um processo que esteve fortemente vinculado à romanização, muito embora com uma evolução diferente. O fato é que a primeira pregação evangélica não encontrou um campo receptivo e teve que esperar vários séculos para obter resultados na península.

Dentro do universo da pregação apostólica sempre foi destacado a missão evangelizadora dos 12 apóstolos de Cristo, segundo podemos retirar dos textos cristãos dos primeiros séculos. Ou seja, deveria ser interpretada como um projeto de alcance universal.

Referente ao que aconteceu com os Apóstolos após a crucificação de Cristo, sabe-se muito pouco. A informação que predomina é a de que se espalharam pelos quatro cantos do mundo para propagar a palavra de Deus. Mateus foi até a Etiópia, Tomás e Simão à Índia, Judas à Pérsia, Bartolomeu para a Armênia e há uma forte crença de que Tiago, filho de Zebedeu e Maria Salomé, irmão de São João Evangelista, tenha seguido para a Espanha depois de passar um tempo pregando na Samaria e na Judéia.

A Espanha era uma província do Império Romano e havia certo tráfego comercial. Hispânia como do Ocidente seria, nos planos evangelizadores dos apóstolos, meta fundamental a conquistar, pelo seu caráter de limite ocidental. Inicialmente chegou Santiago e depois de algumas décadas chegou São Paulo. Tiago teria chegado à península entre os anos 33 e 42, enquanto São Paulo faria a sua viagem uns 25 anos mais tarde, entre 63 a 67, na época das perseguições de Nero.

³ Os primeiros dados biográficos do Apóstolo Tiago vem principalmente dos Evangelhos, sendo conhecido como Iago, o Maior (mais velho), para distinguir de outro apóstolo com o mesmo nome.

⁴ Cabe fazer uma ressalva nessas informações, pois de um lado temos uma série de textos da Antiguidade Tardia e Alta Idade Média que iniciam a tradição escrita sobre a pregação e o sepultamento de Santiago na Espanha, os quais recolhiam a tradição oral que havia sobre o tema.

O que se passou na província da Galícia, sem esquecer a secular permanência de um substrato religioso pagão, é que as primeiras pegadas cristãs conhecidas não remontam além da segunda metade do século III (Singul, 1999).

O cristianismo estendeu-se pela Galícia durante a época baixo-imperial como religião de forte base popular e, sobretudo, sob o ascetismo gnóstico do priscilianismo⁵.

Segundo a tradição, Santiago desembarcou na Galícia e seguiu pelas calçadas romanas até Zaragoza, lá fundando a devoção à Virgem Pilar. Ninguém sabe ao certo quantas pessoas ele conseguiu converter, embora todos concordem que não foram muitos. Por isso, talvez, ele tenha decidido voltar a Terra Santa. Embarcou acompanhado de dois discípulos, Teodoro e Atanásio, dando por encerrada a sua pregação na Espanha após uma permanência de sete anos.

Ao regressar, Santiago foi preso decapitado em Cesarea, por ordem do rei Herodes Agripa, tornando-se o primeiro apóstolo de Cristo a morrer martirizado. Seus restos foram atirados fora do muro da cidade, mas recolhidos por Teodoro e Atanásio, que transportaram o corpo para a Espanha em uma embarcação. Chegando à Galícia, desembarcaram em um lugar que hoje é chamado Padrón, as margens do rio Ulla. Os discípulos pediram permissão à rainha local (uma pagã) para enterrarem o Apóstolo nas terras galegas. A rainha Loba, ou Lupa, à princípio não consentiu.

Conta ainda a tradição que aproximadamente (a data não está clara) entre 820-830⁶, o sepulcro de Santiago foi encontrado no bosque Libredón, na diocese de Iria Flavia, a mais ocidental e periférica do reino das Astúrias. O relato do descobrimento da tumba do santo, registrado em vários textos medievais, menciona a visão que um ermitão de nome Pelayo teve, habitante da localidade de Solovio, de umas luzes misteriosas, uma espécie de chuva de estrelas, que apareciam durante varias noites sobre um local localizado no bosque Libedón.

⁵ A difusão do priscilianismo entre os galegos deu-se desde fins do século IV até meados do século VI, sendo a sua época florescente da condenação e execução de seu mentor, o bispo Prisciliano de Ávila, entre 386 e 387. Ele foi acusado de heresia e bruxaria, sendo por isso executado pelo braço secular do império em Tréveris (Alemanha), do que resultou ser considerado popularmente como mártir e santo. A doutrina priscilianista manteve-se viva entre os galegos, incluindo parte de seu clero, até o II Concílio Bracarense (572), chegando ao ocaso em 600, aproximadamente (Lópes Pereira, 1985).

⁶ Essa é uma época de muita tensão para a cultura cristã hispânica, ainda que tenha passado o violento século VIII das conquistas Islâmicas, que para Astúrias fora decisivo, pois a permanente resistência armada permitiria a consolidação da identidade do reino e das suas estruturas política, sociais e militares. Na época do “descobrimento” do sepulcro de Santiago, Astúrias era a última defesa cristã da Península Ibérica.

No local que as luzes pareciam indicar, Pelayo descobriu um túmulo de mármore. Aquele surpreendente fenômeno foi então interpretado pelo eremita como um milagre do céu, e logo ele foi a Iria Flavia, contar para o bispo Teodomiro. O bispo também vê as luzes “milagre” e acha, sob a densa vegetação, um sepulcro de pedra o qual repousam três corpos, identificados imediatamente com sendo o do apóstolo Santiago e os de seus dois discípulos.

O bispo Teodomiro fez a noticia chegar a Afonso II, o Casto, rei das Astúrias, que rapidamente constatou a milagrosa revelação ocorrida, como pressagiavam os textos de Beda⁷, nos confins do Ocidente, em terras próximas ao mar Britânico. Logo depois, mandou construir no local uma capela de pedras e um monastério para 12 monges agostinhos.

Nascia então um dos mais importantes centros de peregrinação da cristandade. Para visitar o túmulo de Santiago, as pessoas partiriam de vários pontos da Europa, percorrendo um Caminho longo e cheio de perigos, uma estrada que ficaria conhecida pelos séculos futuros como o Caminho de Santiago do Campo da Estrela ou Compostela, uma referência às luzes vistas por Pelayo e à via Láctea.

A descoberta do túmulo de Santiago no século IX teve implicações políticas e religiosas. Na época em que Pelayo “viu as luzes”, o reino da Astúrias estava tentando deter os muçumanos, que disputavam o poder da fé com a Península Ibérica. A Igreja medieval e o islamismo disputavam o poder da fé com lanças, flechas e espadas. Os muçumanos combatiam pelas relíquias sagradas de Maomé. Faltava aos cristãos o poder encorajador de um símbolo concreto. A cruz era um forte símbolo religioso, mas de certa forma “histórico”. Era preciso alguma coisa mais próxima, mais eficaz.

Em 844, na famosa batalha de Clavijo, nas cercanias de Logroño, Ramiro I, rei da católica Astúrias, enfrentava as numerosas tropas de Abderrahaman II, quarto emir de Cordoba, na chamada Espanha muçumana. Os cristãos estavam em clara desvantagem quando ocorreu pelas fileiras cristãs a notícia de que o próprio Santiago lutava, montado em seu cavalo branco, contra os mouros, ao lado dos cavaleiros de Ramiro. Os cristãos começaram a combater com ânimo renovado e, segundo a lenda, o próprio Santiago teria conduzido suas tropas de fiéis a uma vitória esmagadora sobre os mouros.

⁷Depois da conquista islâmica da Península Ibérica, dois eclesiastas deixaram textos sobre a pregação de Santiago na Hispânia. Um deles o inglês Beda, o Venerável, que escreveu em fins do século VII e início do século VIII; o outro é um asturiano, o monge Beato de Liébana, nos fins do século VIII. A mais importante das noticias de Beda é a referência, um século antes do descobrimento do sarcófago apostólico, à localização na Galícia do sepultamento de Santiago, cem anos antes do rei Afonso II, atendendo ao chamando do bispo Teodomiro, constar que em seu reino estão os restos mortais do apóstolo Tiago.

Nesse sentido, como é defendida por vários estudiosos, a descoberta do corpo de um apóstolo em plena área de conflito, localizado no reino das Astúrias, era a justificativa que o exército precisava para avançar e atacar.

Essa imagem de Santiago, transformado em cavaleiro medieval, vestido de branco e tendo os mouros sob as patas de seu cavalo, ficou conhecida como Santiago Matamoros, e é uma imagem também venerada⁸ nas igrejas espanholas.

O mito adquiriu então fama mundial e crescente. O movimento de peregrinação e de culto aos restos do Apóstolo estendeu-se por todo o Ocidente.

Em 899, condizente com a aceitação popular, Afonso III (838-910), rei de Astúrias (de 866 a 910), ordenava a ampliação e melhora da capela original, erguida para abrigar os restos mortais do Apóstolo. Cerca de meio século depois, o capitão mulçumano Almanzor (931-1001), regente de Córdoba e líder dos mouros de Espanha, vence as forças cristãs, saqueia e destrói a capela, mas respeita o sepulcro de Santiago.

Em 1075, o bispo Diego Pelaez, com o apoio do rei de Leon e Castela, Afonso VI (1040-1109), conduziu a construção do que seria a terceira basílica no local santo.

Em 1122, o papa Calixto II, de origem francesa, instituiu o Ano Santo Jacobeo (de Jacob: Tiago, em português, Jacques em francês e James em inglês), que também é conhecido como Compostelano, e ocorre de seis em seis anos, quando o dia do aniversário do santo, 25 de julho, ocorre num domingo.

Entre os séculos XI e XV, o trânsito intenso de peregrinos transformou Compostela no mais importante centro político e econômico do Noroeste da Espanha.

Em 1188, a Catedral de Santiago de Compostela ganhou seu famoso Pórtico da Glória, obra inspiradíssima de Maestro Mateo, que dá acesso à Catedral. Contudo, as pestes (século XIV) e as guerras religiosas europeias ocasionaram o decréscimo da procura pelo Caminho, que submetia os peregrinos a intensos e sérios perigos e privações. Com o fechamento, no século XVI, da rota francesa como via de peregrinação e comércio, em virtude da guerra entre os reinos de Castela e da França, a peregrinação entrou em declínio.

⁸ A criação da ideia do patrono de Santiago surge no século VIII no reino das Astúrias. O santo patrono, defensor do povo cristão da Hispânia, general dos exércitos cristãos, conduz os hispano-cristãos a vitória contra os inimigos: na idade Média contra os mouros e, posteriormente, no século XVI, contra os protestantes europeus. Santiago assim passa a ser símbolo da resistência católica.

Por volta de 1588, diante do ataque iminente do explorador inglês Francis Drake (1540-1596), o arcebispo San Clemente escondeu a arca com os restos mortais de Santiago, que permaneceu em lugar ignorado por mais de 300 anos.

Em 1878 as relíquias são reencontradas pelo cardeal Palay, quando o culto a Santiago tomou novo vigor. Esse impulso, contudo, teve de esperar não só a redescoberta das relíquias, mas também o fato de acalmar os ânimos perante a situação interna na região, pois o período posterior traria uma sangrenta guerra civil (1936 – 1939) em solo espanhol e duas grandes guerras mundiais. O Caminho se ressentiu, mas não se extinguiu a peregrinação.

O Caminho de Santiago gerou prosperidade cultural e econômica em todas as regiões que o atravessavam, embora de forma distinta. Fomentou a literatura, a música, a arte e a história e, em consequência, apareceram cidades e vilas, além de inúmeras igrejas, catedrais e hospitais, com o objetivo de apoiar e auxiliar os peregrinos. O Caminho, desde a sua origem, sempre funcionou como catalisador de culturas, transmissor de ideias e promotor de encontros entre povos e línguas.

Essa virtude acentuou-se particularmente no século XX. Em 1993, o Caminho foi declarado patrimônio da humanidade pela UNESCO. A Peregrinação a Santiago de Compostela sempre representou muito mais que um simples fenômeno religioso e é isso que discuto a seguir.

1.3 Além da Dimensão Religiosa

Por mais que se diga que a peregrinação a Santiago se constitui em um fenômeno religioso, ela se encontra presente na “mentalidade da época”, pelos objetivos e instrumentos de poder e não é possível compreender um sem a compreensão do outro⁹.

Nos seus estudos, Barreiro Rivas (1997) procura identificar os interesses políticos e civis que estavam por trás do fenômeno das peregrinações medievais e demonstrar sua prioridade não só lógica, mas também cronológica, em relação às motivações religiosas que as envolveram. Para isso, ele estabelece primeiramente uma importante diferenciação entre os termos peregrinação e Caminho/rota de peregrinação.

⁹ Um dos aspectos mais ressaltados por José Luís Barreiro Ribas, professor de Ciência Política da Universidade de Santiago de Compostela, .

Em sua grande jornada de estudos, a peregrinação é entendida (Barreiro Rivas, 1997, p.101) como a viagem realizada até um lugar estranho. Um ato individualizado e suscetível de ser classificado com base, por exemplo, nas diversas motivações que o produzem. Já o Caminho ou rota de peregrinação é uma tradição coletiva de motivações individuais mediante a qual se unificam suas razões, seus sentidos e suas linhas de influência sobre os valores de toda a comunidade.

O autor assinala também que o traço da religiosidade não é a existência das peregrinações, mas sua organização em rotas que integram em uma mesma direção e objetivos que trazem uma grande quantidade de fenômenos locais e regionais preexistentes. Permite que a cristandade assinale os extremos de um mundo, que ela depois pretenderá garantir cível e militarmente, seja através das Cruzadas ou da Reconquista. E, ainda, que permitem através de sua projeção dotar de unidade e de eficácia a prática de um movimento que até então não tinha importância política.

Por esses aspectos, vemos que são políticas as razões pelas quais se potencializou a rota jacobea, na qual foram citadas infraestruturas viárias e assistenciais que trazem grande segurança, oferecendo privilégios e abrigos a seus usuários e garantindo a liberdade de movimentos das pessoas que transitavam em seus espaços, numa época de fragmentação política dos grandes territórios.

A principal argumentação de Barreiro Rivas (1997) é a de que a história política do fenômeno jacobeo começa séculos antes da “descoberta” das relíquias do santo, no século IX. Assim para entender melhor o fenômeno é preciso voltar ao momento da derrubada da ordem imperial romana, quando se destrói a cosmologia do espaço mediterrâneo e emerge a sensação de caos, ou de vazio social, que conduz a reconstrução da sociedade do Ocidente a partir de uma nova legitimidade e de novos pressupostos territoriais e políticos.

É nesse contexto que o Caminho de Santiago, em detrimento de muitos outros aspectos pode ser entendido como a abertura de um processo cosmológico que veio a substituir a topografia pagã e cristã, para delimitar os espaços ocidentais e dotá-los de uma nova legitimidade universal imposta sobre a divisão e o patrimônio do poder.

Por esses motivos, não seria possível compreender plenamente a vertente política do culto à Santiago sem fazer referência ao contexto histórico que o torna viável. Sobretudo para situar em todo o seu alcance os mecanismos cosmológicos empregados na organização do espaço ocidental, visando estabelecer a natureza e a profundidade da fragmentação política que o precedeu, com o objetivo de estabelecer amplas comparações que colocam a descoberto as forças sociais que foram então operativas ainda hoje.

O complexo simbolismo cosmológico que se materializa em Santiago como principal meta dos peregrinos do período medieval faz parte de um movimento de reação frente às consequências da fragmentação do espaço e dos poderes políticos e econômicos que afetaram ao antigo Império do Ocidente depois das invasões bárbaras.

Outro ponto defendido por Barreiro Rivas (1997) é que a característica fundamental do Império Romano foi à criação de um espaço político unificado em torno do Mediterrâneo.

No entanto, é preciso lembrar que essa ideia do mundo romano como espaço único, não é só uma análise histórica efetuada a partir da perspectiva atual, assim que, já era uma visão comum nos tempos do império, cujos cidadãos vivenciavam o peso que produzia aquela poderosa estrutura política na qual se integravam línguas, culturas e etnias diferentes, unificadas por um formato pela língua mais universal, o latim, o direito e a economia.

Dessa maneira, a fragmentação política, social e econômica que afetou as províncias do Império do Ocidente e que constituiu uma das características básicas do medievo europeu, ocorreu em um grande período histórico e obedeceu a múltiplas e complexas causas. Algumas das quais já estavam associadas às claras manifestações da anarquia política e militar do Baixo Império e à destruição da burguesia urbana, consequência do crescente absolutismo monárquico – durante o período compreendido entre Septímio Severo e Maximino, que se prolonga aproximadamente desde o ano 193 até 238.

Portanto, pode-se estabelecer como ponto de partida desse processo de fragmentação a divisão do mundo romano. Efetuada depois da morte do imperador Teodósio, o Grande, no ano de 395, consagrada de forma irreversível depois do falecimento, no ano de 408, de Estilicón, um vândalo romanizado que havia alcançado os pontos máximos de poder dentro do exército e cuja tutela da unidade efetiva do império lhe fora dada por Teodósio. Nesse período a separação entre Ocidente e Oriente obedecia a profundas razões históricas derivadas em boa parte da resistência que o mundo grego ofereceu a romanização. A vigor com que Roma havia desenvolvido as tarefas administrativas e militares permitiu uma integração federativa de ambos os mundos que durou vários séculos. Houve então a fragmentação quando a crise afetou o poder imperial e a unidade do exército, provocando a necessidade de recorrer a formas de compromisso para manter a essência e a unidade política e econômica do espaço político do Mediterrâneo.

É dentro desse contexto que se percebe como a divisão do mundo romano propiciou as chaves para a criação do Império Bizantino, que se manteve incólume em sua estrutura, reconquistando as costas do Adriático, resistindo aos ataques dos novos bárbaros, dos persas e dos árabes e se prolongando durante mais de mil anos, aproximadamente até 1453. Dessa

forma, o mundo romano, suas tradições jurídicas e administrativas e sua cultura por muito tempo estiveram assentados sobre uma estrutura bilíngue. Mas, ao mesmo tempo, em consequência disso, precipitou a derrubada das províncias ocidentais em um caos militar e político que perdurou por quase três séculos, cujo resultado foi a atomização do poder e a fragmentação extrema de seu espaço.

É por isso que Barreiro Rivas (1999) afirma, não existir contradição alguma entre a afirmação de que a partir do século IX uma grande corrente de fé moveu muitos peregrinos a visitar o túmulo do apóstolo Santiago. E a outra que diz a eleição de Compostela como meta universal se deve a sua posição estratégica para o reino da Astúrias e a organização geral do império cristão, propagada pelo papa e pelos poderes políticos do império.

Essa dualidade de interesses, cada dia mais aceita pelos estudiosos do fenômeno, aponta para o fato de que o culto jacobeo se origina, em um primeiro momento, em certos acontecimentos da vida religiosa local e vê potencializados seus aspectos políticos em função de sua capacidade para organizar o espaço cristão de Astúrias. Se torna então, o eixo central de sua resistência e, somente em um segundo momento, se admite que o culto a Santiago se estenda por toda a Europa.

Quando no final do século VIII, o reino das Astúrias se dispôs a restaurar o espaço cristão ao norte da península, Beato¹⁰, e outras pessoas próximas a ele difundem dentro e fora dos domínios políticos de Mauregato (783-788) o comentário ao Apocalipse, em cujo contexto estava explanado algumas ideias cosmológicas com mais tradição no Ocidente Cristão.

A experiência de isolamento perante a cristandade ocidental e à consciência da importância do papel de *finis terrae* parece ter levado os líderes da cristandade asturiana a reafirmar sua condição de terra apostólica, e sentirem a necessidade de sacramentá-la para que toda a comunidade tivesse consciência desse fato e se envolvesse ideologicamente na guerra contra o islã.

A invasão da Península Ibérica pelos árabes, ocorrida no ano 711, mais do que a conquista significou a destruição da ordem política dos visigodos. Nesse sentido, a

¹⁰ Beato de Liébana foi um monge que viveu no último quartel do século VIII, o reino das Astúrias. Na época em que Beato escreve sobre a tradição da pregação jacobea na Hispânia, ainda faltavam uns 50 anos para o descobrimento do sepulcro apostólico. O monge difunde por todo o Norte da península a versão da evangelização de Santiago, que já fora aceita entre os hispano-visigodos, acrescentando a notícia que a tumba do Apóstolo se encontra em território asturiano (Singul, 1999).

crisandade hispânica viveu a invasão árabe como uma migração, isenta de qualquer motivação religiosa e, no final do século VIII, teve consciência da verdadeira dimensão das mudanças religiosas que estavam se operando na Espanha (Barreiro Rivas, 1999).

Entre o reinado de Mauregato e o de Afonso III, transcorre a época mais gloriosa do reino das Astúrias. Durante esse período se restaura a legitimidade visigoda como centro da corte de Oviedo e, se recupera uma parte de suas leis e costumes e se estabelece a paz interna nos territórios cristãos do norte. Ao mesmo tempo se cria uma nova ordem eclesiástica, com o seu centro religioso situado primeiro em Oviedo e depois em Santiago de Compostela. Com isso se deslocam os centros de poder político, cultural desde Toledo e Sevilha até o Norte-Oviedo, León e Santiago.

Em função desses fatos, Barreiro Rivas (1999) comenta que a formação de uma “mentalidade de resistência”, capaz de confrontar um objetivo militar racionalmente impossível deve ser atribuída a um “fator com muitas causas”. Dentre elas podemos situar o florescimento de uma literatura apocalíptica, como a já mencionada, que, dentro do marco da fé cristã do medievo europeu, dá explicação ao fracasso histórico do reino visigodo com a mesma contundência com que profetiza sua restauração.

No marco dos acontecimentos políticos globais do Mediterrâneo que afetam os árabes, Bizâncio e o império carolíngio, a coroação imperial de Carlos Magno¹¹, acaba culminando na ruptura definitiva do poder imperial romano perante o poder cada vez mais unificado dos árabes, ao reconstruírem o império em duas partes: a) uma oriental, que se situava em torno do Bizâncio, e b) uma ocidental, que ficava ao redor de Aquisgran.

Em 812, quando é firmada a paz entre Carlos Magno e Bizâncio, se vê fracassada também a política mediterrânea dos carolíngios, que, ao cederem o Sul da Itália para Bizâncio, renunciavam a qualquer forma de recompor a antiga unidade mediterrânea. Não só devido às contradições internas da sociedade carolíngia, mas, sobretudo pelo crescimento do cristianismo, por sua capacidade de integração, inclusive política, que dotou a sociedade do Ocidente de uma extensa estrutura operativa quanto ao seu desenvolvimento econômico,

¹¹ A coroação ocorreu no Natal do ano 800, e logo Carlos Magno alcançou uma dignidade imperial que não correspondia com a unidade efetiva dos povos submetidos a Leão III. Ao lhe outorgar o título de protetor da crisandade, reforça ainda mais, não só a sua autoridade sobre todo o Ocidente que efetivamente dominava, mas também a legitimidade que necessitava para poder estender seu poder em nome da crisandade e de seu projeto ecumênico.

político e social, que tornou possível a transição da fragmentação do mundo medieval até a concentração de poder nos Estados modernos.

Somente no reinado de Afonso II, o Casto (791-842), se consolida então a ideia da Reconquista, a qual atribuía à monarquia asturiana o direito legítimo da conquista e instauração do antigo reino visigodo.

Mas o reino da Astúrias não encontrou facilmente sua homogeneidade interior. Fundada sobre um conjunto de povos das montanhas do Norte, pouco acostumados a conviver dentro de espaços políticos amplos, sua principal vantagem na hora de resistir aos árabes se converte também no principal inconveniente para a organização do novo reino.

Por isso, a conversão da guerra contra os árabes em uma cruzada contra o islã é algo que não se esgota na pura simbologia, nem se explica só pela acentuada religiosidade do homem medieval, mas constitui uma fórmula muito pragmática para dotar de coerência militar e política as comunidades cristãs (Barreiro Rivas, 1997, p.178).

E dentro desse contexto mais geral que este autor procura identificar fundamentalmente os interesses políticos e civis que estavam por trás do fenômeno das peregrinações medievais e demonstrar sua prioridade não só lógica, mas também cronológica, em relação às motivações religiosas que as envolvem. A ideologia da Reconquista, a inserção no reino da Astúrias no âmbito político ocidental e a fixação da legítima posse cristã dos territórios da Espanha ocupados pelos árabes constituem os elementos principais de todo o processo.

Já as peregrinações, particularmente em seus aspectos religiosos, aparecem com um instrumento eleito, entre outros possíveis, para transmitir os valores que tornaram possível a urgente tarefa política e militar de reconstrução do reino visigodo-cristão, destruído pelo islã em princípios do século VIII.

Contudo, tempo mais tarde, com a progressiva integração dos espaços políticos da Europa e do Norte da Espanha, o Caminho de Santiago irá perdendo seus significados políticos e militares, ressaltando mais os valores sacrais, até converter-se em um fenômeno predominantemente religioso.

Finalizando, é importante ressaltar a formação do fenômeno *jacobeo* a partir somente das necessidades internas de organização e resistência do reino de Astúrias, seria um grave erro. Talvez o maior que se poderia cometer nesse assunto, pois isso implicaria limitar as causas iniciais desse processo a certos acontecimentos de cunho local de suas origens a influências das ideias políticas e das concepções filosóficas que então começaram a transformar o Ocidente (Barreiro Rivas, 1997).

Como enunciado pelas colocações acima, estamos diante de um fenômeno que, ao transbordar a fronteira religiosa, se inscreve em um cenário que pode ser entendido como um permanente campo de disputa entre distintas forças políticas e econômicas, de trocas e intercâmbios culturais, um ponto de encontro entre as mais variadas crenças, valores e ideologias, sejam elas religiosas ou não.

CAPÍTULO 2

2.1 Identidade: a busca de um Caminho na alta modernidade

Um tipo diferente de mudança estrutural transformou as sociedades modernas no final do século XX, fragmentando classes, gêneros, etnias, raças e nacionalidades, que no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais.

Estas transformações abalaram a ideia que temos em nós como sujeitos integrados. A perda de um "sentido do eu" estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentramento do sujeito (HALL, 2006). Esse duplo deslocamento - descentramento dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos - constitui uma "crise de identidade"¹² para o indivíduo e é vivenciada no contexto no qual a velocidade e a dúvida tomam lugar da tradição e do hábito.

A identidade outrora pensada enquanto algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocada pela experiência da dúvida e da incerteza.

Esses processos representam uma transformação tão fundamental e abrangente que somos compelidos a perguntar se não é a própria modernidade que está sendo transformada.

Giddens (2002), ao refletir sobre a sociedade em que vivemos, penetra no terreno da autoidentidade, procurando analisar de que forma a contemporaneidade se relaciona com os aspectos mais íntimos da vida pessoal.

Em seu livro, "Modernidade e identidade" (Giddens, 2002), o autor analisa a transformação na identidade a partir do rompimento com uma ordem dita tradicional.

Giddens (2002) não segue a orientação de autores que nomeiam a sociedade contemporânea como pós-moderna ou pós-industrial. Em vez disso, prefere a terminologia alta modernidade ou tardia, para indicar que os princípios dinâmicos da modernidade ainda se encontram presentes na realidade atual.

Alta modernidade, modernidade tardia ou modernização reflexiva, portanto, é definida pelo autor como uma ordem pós-tradicional, que, longe de romper com os parâmetros da modernidade propriamente dita, radicaliza ou acentua as suas características fundamentais.

¹² Na crise de identidade, segundo Hall (2006), a identidade é vivenciada no contexto no qual a velocidade e a dúvida tomam lugar da tradição e o hábito e é deslocada pela experiência da dúvida e da incerteza.

Nas palavras de Giddens (2002, p.9):

As instituições modernas diferem de todas as formas anteriores de ordem social quanto a seu dinamismo, ao grau em que interferem com hábitos e costumes tradicionais, e a seu impacto global. No entanto, essas não são apenas transformações em extensão: a modernidade altera radicalmente a natureza da vida social cotidiana e afeta os aspectos mais pessoais de nossa existência. A modernidade deve ser entendida num nível institucional, mas as transformações introduzidas pelas instituições modernas se entrelaçam de maneira direta com a vida individual, portanto com o eu.

A discussão tem início com o reconhecimento de que, em uma sociedade tradicional, a identidade social dos indivíduos é limitada pela própria tradição, pelo parentesco, pela localidade. A modernidade, caracterizada como uma ordem pós-tradicional, ao romper com as práticas e preceitos preestabelecidos, enfatiza o cultivo das potencialidades individuais, oferecendo ao indivíduo várias opções e possibilidades de escolha a tal ponto que a identidade passa a ser percebida como "móvel", mutável.

É, nesse sentido, que, na modernidade, o "eu" torna-se, cada vez mais, um projeto reflexivo, pois onde não existe mais a referência da tradição, descortina-se, para o indivíduo, um mundo de diversidade, de possibilidades abertas, de escolhas. O indivíduo passa a ser responsável por si mesmo e o planejamento estratégico da vida assume especial importância. Como diz Giddens (2002), o eu não é uma estrutura passiva, que como uma tábula rasa é moldada apenas por fatores externos. O eu, também tem a capacidade de se autocriar, forjando novas compreensões de si.

O rompimento com a ordem tradicional, ao mesmo tempo em que promove certa autonomia pessoal, retira também uma sensação de firmeza das coisas, podendo constituir-se em grande fonte de ansiedade para o indivíduo. Uma simples leitura de um jornal de domingo é suficiente para observarmos a ocorrência de inúmeros desacordos entre especialistas das mais diversas áreas.

Podemos dizer que vivemos hoje em um contexto instável e complexo de argumentos e contra-argumentos científicos. Na ausência de uma autoridade definitiva, ao indivíduo é que cabe escolher e decidir em que acreditar. Várias são as correntes, os discursos e as teorias, cada um pode produzir a sua síntese pessoal e desenvolver o seu projeto reflexivo individual. Este projeto reflexivo diz respeito, portanto, a um mundo cada vez mais constituído de informação. Nele, o indivíduo sente-se obrigado a viver realizando escolhas contínuas que passam a compor a sua narrativa de identidade, sempre aberta a revisões.

A reflexividade da modernidade, considerada pelo autor uma das maiores influências sobre o dinamismo das instituições modernas, permite vislumbrar de que forma a modernidade, fenômeno global de longo alcance, altera a natureza da vida social cotidiana.

Assim, diante de sistemas abstratos e da auto-referencialidade da mídia, que gera cada vez mais experiências mediadas, muitos indivíduos buscam dar sentido as suas próprias vidas através do que Giddens (2002, p.12) chama de “projeto reflexivo do eu, que consiste em manter narrativas biográficas coerentes, embora continuamente revisadas”.

Outro fator que também repercute para a recriação reflexiva do eu é o que Giddens chama de contínua segregação de experiências, na qual “o contato direto com eventos e situações que ligam a vida individual a questões mais amplas de moralidade e finitude são raras e fugazes” (Giddens, 2002, p.15).

É dentro desse contexto, que não apenas inúmeras pessoas de todo o mundo buscam o Caminho de Santiago de Compostela, como também após terminar este Caminho, relatam suas narrativas em livros, artigos e sites das diversas associações que abundam na internet, o porquê de fazer a peregrinação e a sua experiência com ela. Perguntamos, então por que fazer o Caminho? Por que narrar suas experiências?

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. Entre estes, existem dois grupos, que se interpenetram de múltiplas maneiras. A figura do narrador só se torna plenamente tangível se temos presentes esses dois grupos. "Quem viaja tem muito que contar", diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições. Se quisermos concretizar esses dois grupos através dos seus representantes arcaicos, podemos dizer que um é exemplificado pelo homem sedentário, e outro pelo homem viajante. Na realidade, esses dois estilos de vida produziram de certo modo suas respectivas famílias de narradores.

Cada uma delas conservou, no decorrer dos séculos, suas características próprias. Assim, entre os autores alemães "modernos, Hebel e Gotthelf pertencem à primeira família, e Sielsfield e Gerstäcker à segunda. No entanto essas duas famílias, constituem apenas tipos fundamentais. A extensão real do reino narrativo, em todo o seu alcance histórico, só pode ser compreendido se levarmos em conta a interpenetração desses dois tipos arcaicos. O sistema corporativo medieval contribuiu especialmente para essa interpenetração. O mestre sedentário e os aprendizes migrantes trabalhavam juntos na mesma oficina; cada mestre tinha sido um

aprendiz ambulante antes de se fixar em sua pátria ou no estrangeiro. Se os camponeses e os marujos foram os primeiros mestres da arte de narrar, foram os artífices que a aperfeiçoaram. No sistema corporativo associava-se o saber das terras distantes, trazidos para casa pelos migrantes, com o saber do passado, recolhido pelo trabalhador sedentário.

2.2 A construção das identidades através da peregrinação a Santiago de Compostela

Para esta pesquisa, o universo de análise abrange a Peregrinação como um todo, entendendo que este fenômeno reverbera nas Oficinas e associações do Caminho de Santiago, sendo pontos de apoio para os peregrinos antes e após a realização do Caminho. Giddens (2002) é um autor que traz reflexões relevantes para pensar as relações de sociabilidades que são estendidas para além da experiência da peregrinação no Caminho de Compostela.

Para Giddens, a vida social moderna, além da reflexividade institucional, que envolve a incorporação rotineira de conhecimento como um atributo necessário para pensar a autoidentidade é caracterizada também por reorganização profunda do tempo e do espaço associados aos mecanismos que descolam as relações sociais de seus lugares específicos e recombina-as através de grandes distâncias no tempo e no espaço. Esse processo radicaliza e globaliza traços institucionais determinados pela modernidade e atua na transformação da natureza e do conteúdo da vida social cotidiana” (Giddens, 2002, p.10).

Outra característica que a modernidade apresenta é a dúvida radical que pressupõe que todo o conhecimento tenha a forma de hipótese – a afirmação mesmo que considerada verdadeira está sujeita a verificação, podendo ser afirmada ou negada.

Os sistemas de conhecimento acumulado representam diversas fontes de autoridade, que podem, na maioria das vezes, ser contestados internamente e divergente em suas implicações, ocasionado incertezas e múltiplas escolhas capazes de redimensionar as noções de “confiança” nas relações sociais.

Desta forma, a questão da “confiança” no contexto da “alta modernidade” – o mundo de hoje – não está mais atrelada aos antigos laços de parentesco e amizade vinculados a um padrão de sociabilidade comunitária. As relações pessoais, diante dos mecanismos de “desencaixe”, passam a significar um projeto a ser construído, implicando em uma abertura do indivíduo para com o outro e resultando em um processo mútuo de autorevelação. Isto é, o “vínculo social elaborado nesse contexto é construído pelo indivíduo a partir de suas afinidades e necessidades” (Giddens, 2002, p. 121-126).

Em um dos pólos da interação entre o local e o global está no que Giddens denomina de “transformação da intimidade”. A intimidade tem suas formas próprias de ordenamento interno e a sua reflexividade. Desta maneira, surge como protótipo das novas esferas da vida pessoal a denominada “relação pura”. A relação pura é uma relação que existe em função do que ela própria pode fornecer. Esta necessita do “compromisso”, ou seja, uma forma específica de confiança para que se concretize. Como enfatiza Giddens (2002, p. 14, 21 e 90), “refere-se, então, às relações sociais que utilizam a força material e do maquinário nos processos de produção”.

O conceito de autoidentidade para Giddens (2002, p. 221) significa o eu entendido reflexivamente pelo indivíduo em termos de sua biografia. O compromisso, por sua vez, deve ser entendido como um fenômeno do sistema internamente referido: é um compromisso com a relação enquanto tal, assim como com a outra ou com as outras pessoas envolvidas.

[...] O compromisso, dentro da relação pura, é essencialmente o que substitui as âncoras externas que as relações pessoais próximas costumam ter em situações pré-modernas. [...] O que é uma “pessoa comprometida” no contexto de uma relação próxima? É alguém que reconhecendo tensões intrínsecas a uma relação da forma moderna, ainda assim está disposto a correr o risco, pelo menos até certo ponto – e que aceita que as únicas recompensas serão aquelas inerentes à própria relação. (Giddens, 2002, p. 221).

A natureza do vínculo social elaborado no interior das associações pós-Caminho se aproxima do conceito de “relação pura”. A relação entre as pessoas que participam das associações não está ancorada em condições exteriores da vida social e econômica. Muito pelo contrário, “o vínculo estabelecido entre essas pessoas acontece mais pela satisfação emocional que deriva do contato próximo com o outro, e enquanto essa satisfação persistir ele se mantém” (Giddens, 2002, p. 87).

Existe um compromisso entre as pessoas de manter e preservar a relação desde que esta gere satisfação para ambas às partes e certos interesses, principalmente os materiais, passa a não ter a relevância necessária para preservação da relação. Além da satisfação pessoal do relacionamento, as pessoas que se encontram nessas Oficinas e associações do Caminho de Santiago possuem um interesse em comum: a peregrinação. Pode-se dizer que existe uma afinidade entre elas, uma vez que adotam “estilos de vida” e afinidade com o fato de “ser peregrino”. Isto é, são práticas ou troca cultural que incorporam hábitos, crenças, valores, escolhas e desejos que remetem ao ato de estar planejando, realizando ou refletindo sobre a prática da peregrinação.

O espaço das associações é oferecido para que os agentes sociais reflitam e se expressem sobre sua escolha de vida. Esses associados fazem da prática da peregrinação uma das esferas de significado de suas vidas, escolhidas no tempo-espaço como uma forma de comportamento a ser adotado de maneira planejada. O planejamento da vida, diz Giddens (2002), requer a preparação para o futuro e a interpretação do passado. “Ser peregrino” envolve todos os discursos e reflexões daqueles que planejam a peregrinação e também daqueles que já a realizaram e necessitam, portanto, de um ambiente institucional para dar forma as suas ações.

O aspecto chave para o desenvolvimento da modernidade é a vida social moderna que é influenciado diretamente pela reorganização do tempo e espaço. Giddens (2002, p. 10) diz que:

A reorganização do tempo e do espaço, somada aos mecanismos de desencaixe, radicaliza e globaliza traços institucionais preestabelecidos da modernidade; e atua na transformação do conteúdo e da natureza da vida social cotidiana.

Através dessa transformação as instituições passam a buscar cada vez mais uma mecanização de seus processos, influenciando diretamente na vida social, dando uma sensação de deslocamento para lugares específicos através de grandes distâncias no tempo e no espaço. Com isso a modernidade não substitui diretamente as tradições e os hábitos pelo conhecimento racional, porque a dúvida traz a razão crítica moderna que permeia a vida cotidiana que constitui uma dimensão do mundo social.

Segundo Giddens (2002, p. 10), “a modernidade é uma ordem pós-tradicional, mas não uma ordem em que a certeza da tradição e do hábito tenha sido substituída pela certeza do conhecimento racional”.

Analisando essa visão, a dúvida passa a ser característica da razão crítica moderna, permeando a vida social.

A modernidade introduz o princípio da dúvida radical, pois todo conhecimento toma a forma de uma hipótese. Assim as afirmações a princípio serão verdadeiras até serem corroboradas, estando abertas para revisões e, por isso, podendo em algum momento ser abandonadas. Com a definição da modernidade “alta” ou “tardia”, nosso mundo de hoje, que se representa através do eu como contexto institucional, tem que ser construído de maneira totalmente reflexiva. Nessas ocasiões a dúvida e a incerteza levam os peregrinos a buscar dentro das suas relações sociais uma noção de confiança e risco, ou seja, cada indivíduo traz como base em seus valores pesos em que ele irá se balizar para poder lidar com a

modernidade de maneira clara e objetiva. A confiança é um fenômeno imprescindível para o desenvolvimento da personalidade e tem uma grande importância distintiva e específica para um mundo que traz abstrações.

A confiança está ligada diretamente a um senso de segurança, pois afasta dela ameaças e perigos que podem estar presentes em uma atividade corriqueira do cotidiano. Dessa forma a confiança passa a ser uma “embalagem protetora”, que monta guarda em frente do eu, dentro das relações interna ou externa. A modernidade também é uma cultura que traz riscos. Quanto a esses riscos não se refere à vida social, que é mais arriscada do que antes, mas sim um risco globalizante, sendo aquele que é construído por influências trazidas pela globalização. Na globalização, o futuro é trazido para o presente através do ambiente reflexivo do conhecimento. Pensar em risco é poder aferir até que ponto os resultados reais poderão estar conforme aquele que nos planejamos.

A conscientização do risco nos permitirá aferir e calibrar se o que foi colocado como meta foi atingido ou não. O risco sempre traz uma imprevisibilidade, ou seja, sempre poderá trazer obstáculos que impedirão atingir a meta prevista, porém trará condições em que as barreiras presentes sejam contempladas como formas de obstáculos que podem ser transponíveis, permitindo chegar ao seu objetivo.

A modernidade reduz o risco de certas áreas e modo de vida, porém no mesmo espaço de tempo, pode colocar novos parâmetros de risco que nos levarão a avaliar suas consequências e seu grau de gravidade. Essas consequências são derivadas de um caráter globalizado dos sistemas sociais da modernidade, denominado por (Giddens, 2002, p. 11), como o mundo moderno tardio, ou seja, a alta modernidade.

O processo de comunicação tem influenciado a identidade do indivíduo, principalmente quanto a suas relações sociais. Os meios de comunicação principalmente os eletrônicos e agora a internet, dentro dessa modernidade, contribuem de maneira direta na autoidentidade quanto nas relações organizacionais e sociais. O indivíduo na vida social moderna traz a noção de um estilo de vida e assume em particular um significado de reconstrução permanente.

Quanto mais a tradição perde sua força o seu domínio, o indivíduo é encurralado dentro do seu meio, a buscar alternativas em seu estilo de vida dentro das diversidades de opções que o meio disponibiliza. A escolha de um estilo de vida é cada vez mais importante na constituição da autoidentidade e da atividade diária.

A organização e o planejamento da vida cotidiana tem que levar em conta os riscos que poderão aparecer nessa caminhada, porque a exposição ao novo conhecimento torna-se uma característica central da formação e estruturação da autoidentidade.

2.3 O Perfil dos Peregrinos que fazem o Caminho de Santiago de Compostela

Com o objetivo de trazer uma perspectiva dos brasileiros que fazem a peregrinação a Santiago de Compostela, pesquisei várias fontes de informações de várias Oficinas localizadas no Brasil. O estudo foi feito através das credenciais ou passaporte do peregrino solicitado nas Oficinas e associações. Nesses formulários se tem quatro tipos de informações: idade, profissão, local de moradia e forma de peregrinação. Usando essa fonte como base, verifiquei que em 2012 a quantidade de brasileiros que solicitaram e receberam a credencial ou passaporte foi de 2229¹³ peregrinos.

O perfil dos brasileiros que receberam a compostela pode ser definido como; 58% sexo masculino, 42% sexo feminino, 68% com idade entre 30 a 60 anos, sendo que o maior percentual se concentra entre 31 a 45 anos. A rota escolhida por esses peregrinos se concentram 62% na rota Francesa, tendo como início Sant-Jean Pied-de-Port (França), sendo que o segundo local pelo qual os brasileiros também tem preferência é Roncesvalles (Espanha) com 38% escolhido pelos brasileiros.

O principal meio que os brasileiros escolheram para fazer o Caminho foi 96% fazer a pé e apenas 4% escolheram fazer de bicicleta. Quanto à ocupação desses peregrinos 49% são profissionais liberais, 16% são empregados (sem especificação), 14% técnicos, 12% funcionários públicos, 9% aposentados (que relatam a sua profissão anterior). Com esses dados temos a condição, por certo, limitada de traçar um perfil dos peregrinos brasileiros: vive nas grandes capitais brasileiras, maioria do sexo masculino, exercem profissão liberal, tem a faixa etária entre 31 a 45 anos e iniciam o Caminho a pé em Sant-Jean Pied-de-Port (França).

Gostaria de salientar que não foi possível obter números totais de peregrinos que solicitaram a credencial ou o passaporte do peregrino, pois muitos peregrinos brasileiros podem adquirir essa credencial durante o Caminho, o que inviabiliza a obtenção de dados com mais exatidão.

¹³ É interessante salientar que não foi possível obter o número exato de credenciais emitidas pelas Oficinas e Associações no Brasil. Esses dados são referentes aos brasileiros que conquistaram a Compostela em 2012.

Sobre os custos da viagem e estadia para a realização da peregrinação a Santiago de Compostela, podemos dizer que os brasileiros que fazem o Caminho pertencem a uma classe considerada como média, pois o gasto para essa peregrinação pode variar em torno de \$1800,00 a \$2500,00. Mas o que leva o brasileiro a buscar esse Caminho e não outros como o de Fátima em Portugal, o de Roma na Itália, ou o de Jerusalém?

Para essa pergunta tem-se uma resposta muito interessante, pois a grande parte dos brasileiros que fizeram ou tomaram conhecimento do Caminho, foi por intermédio da leitura do livro *O Diário de um Mago*, escrito por Paulo Coelho (1987). Através desse livro o autor é considerado um mago ou bruxo.

O Diário de um Mago (1987) surgiu no cenário editorial brasileiro não como a obra de um simples escritor, mas como o relato "verídico" do herdeiro de uma Tradição e detentor de uma sabedoria.

Suas histórias são, antes de tudo, fábulas alinhavadas para servirem de veículo a uma verdade revelada. Já no relato de sua peregrinação a Santiago de Compostela, Paulo Coelho começa a estruturar uma mensagem de cunho esotérico, com matizes levemente gnósticas, a partir dos conceitos de "Bom Combate", "Ágape" e "Linguagem dos Sinais". Mas é com *O Alquimista* (1988) que sua doutrina ganha forma definitiva. Nessa obra, a proposta de "ir atrás do sonho" ganha contornos de dogma, no individualismo exacerbado da "Lenda Pessoal".

"É aquilo que você sempre desejou fazer. Todas as pessoas, no começo da juventude, sabem qual a sua Lenda Pessoal. [...] Seja você quem for ou o que faça, quando quer com vontade alguma coisa, é porque esse desejo nasceu na alma do Universo. É sua missão na Terra. [...] Cumprir sua Lenda Pessoal é a única obrigação dos homens. Tudo é uma coisa só."

A fidelidade de Paulo Coelho ao monge Aleister Crowley - "Fazer o que tenhas vontade" - seria comovente não estivesse tão incomodamente velada. O mago talvez tenha abandonado os rituais sugeridos por seu antigo guru e buscado aproximar-se de outras tradições místicas. Mas o "Hocus Pocus" filosófico da Besta inglesa ficou de tal modo entranhado em sua mente, que acabou sendo reprocessado de forma talvez inconsciente.

Lendo com atenção a obra do mago tem-se a impressão de que a única coisa que estudou na vida foram os escritos de Crowley. Sob o verniz alquímico de seus ensinamentos, persistem as antigas ideias ocultistas. Mesmo quando tenta ser gnóstico, apoiando-se em interpretações fantasiosas da doutrina "*sola fide* (justificação pela fé)" do apóstolo São Paulo, o mago se mostra apenas um antinomista de ocasião, incapaz de libertar-se do jugo da carne e dos apelos da matéria. A Lenda Pessoal é a Verdadeira Vontade, e somente através dela o homem poderá encontrar "Ágape", o "Amor sob vontade".

O mago se distancia do credo anárquico da Sociedade Alternativa mais pela renúncia ao bom humor dos velhos tempos do que por uma revisão profunda de suas convicções.

O que Paulo prega é a concentração da vontade, eliminando-se qualquer empecilho ao seu cumprimento. Semelhante foco tornaria a vontade tão irresistível quanto uma lei da natureza. Ora, estamos diante de um postulado ocultista.

O mago se limita a omitir a necessária "energização" da Lenda Pessoal, mediante a ação ritual dos encantamentos adequados. Segundo sua doutrina, a vontade é uma força tão pura e positiva, que chega a estar imbuída de sacralidade.

De fato, o autor eleva o desejo juvenil ao plano de um ato de fé, capaz de abrir ao fiel às portas do Absoluto. A doutrina de Paulo Coelho atua em frequências complementares.

À primeira vista, irradia uma aura de bondade. O Caminho do espírito é belo e gratificante. Cada vez mais pessoas seguirão os seus sonhos e o “Bem triunfará”, pois ele nada mais é que o somatório dos bens acumulados por aqueles que seguem a sua Lenda Pessoal. No entanto, em um plano subliminar, essa mensagem atua sobre o lado obscuro do ser, insuflando o ego do leitor, entorpecendo seu espírito crítico, dando-lhe carta branca para agir apenas em benefício próprio.

Com toda essa agitação em que o autor é a parte principal dessa anarquia, o livro *Diário de um Mago* passa a ser uma das maiores referências do autor. Os brasileiros começam a ter um contato com a mística vivenciada por esse bruxo e que traz uma aventura fantasiosa dita por muitos, mas intrigante dita por outros sobre o Caminho de Santiago de Compostela. Portanto, a partir desse livro vários brasileiros começam a buscar informações para poder fazer o Caminho.

Conforme dados da Associação dos Amigos de Santiago de Compostela, somente no ano de 2012 mais de 80 mil brasileiros foram fazer o Caminho. E essa peregrinação passa a trazer uma grande mudança dentro da Cultura Brasileira, pois já surgiram 02 Caminhos oficiais para a preparação daqueles interessados em buscar essa experiência.

Esses Caminhos chamados como “O Caminho da Fé e o Caminho do Sol”, tem um percurso que visa chegar a cidade de Aparecida do Norte no vale do Paraíba. Muitos fazem esse Caminho como um treinamento para poder fazer o Caminho de Compostela que tradicionalmente tem 790 K.

O brasileiro também tomou conhecimento sobre o Caminho através da Rede Globo no programa *Globo Repórter* que fez várias reportagens sobre esse assunto e também a apresentação do filme de Renato Aragão “Didi o Peregrino”, que mostra a aventura do ator no Caminho de Santiago de Compostela.

Outras formas são pessoas que tiveram contato com familiares, amigos e em viagens para a Espanha, onde se deparam com várias pessoas andando por Caminhos diversos, ostentando uma concha vieira¹⁴, um cajado e uma mochila nas costas. Muitos em sua maioria buscavam um sentido místico ou de autoconhecimento visando encontrar um sentido, uma direção em uma fase crítica em suas vidas.

Muitos ressaltam que suas expectativas estavam mais vinculadas à oportunidades que teriam em caminhar e aprender com a experiência. Outros indicam que suas expectativas foram sendo construídas em função das leituras realizadas na época de preparação.

Como já mencionei um dos principais responsáveis pelo crescente interesse dos brasileiros pelo Caminho de Santigado de Compostela é o escritor Paulo Coelho (1995) que relata as suas experiências de iniciação junto a uma ordem mística através do seu livro *Diário de um Mago*. Lançado em 1987, o livro tornou-se um *Best Seller* não apenas nacional, mas também internacional, com aproximadamente 7,5 milhões de cópias, o que lhe valeu uma condecoração do governo espanhol. A partir dessa data, vários outros livros sobre o assunto foram publicados e também vários vídeos foram produzidos.

Ao lado desses fatores, a criação de várias *homepages* sobre o tema, a organização de inúmeros grupos de discussão via Internet e a fundação da Associação Brasileira de Amigos do Caminho de Santiago foi fundamental na ampla divulgação do fenômeno no contexto brasileiro.

Toda peregrinação em sua dimensão temporal, faz com que os peregrinos tenham reapropriações dos seus sentidos, símbolos e crenças que compõem as suas representações. As peregrinações são analisadas por muitos como um processo ritualístico, que fornece subsídios para se desvendar fenômenos particulares. A análise da peregrinação como ritual nos remete a um aprendizado específico de fenômenos que proclamam valores que muitas vezes são colocados a uma dimensão que revela várias dimensões, podendo se manifestar de formas muitas vezes impensadas, porém nem sempre ficam evidenciadas.

A peregrinação atravessa um espaço e tempo sagrado, um solo moral cujo agente principal é o peregrino, havendo uma conjunção entre o interno e o externo. Realizar o Caminho de Santiago de Compostela tornou-se uma privilegiada experiência que revelou

¹⁴ Concha Vieira: A concha é o símbolo do peregrino e é bastante usada. Serve qualquer uma e pode ser pendurada em qualquer lugar. Você pode pendurar no pescoço, mas o mais comum é vê-las penduradas nas mochilas dos peregrinos que vão a pé ou nas bagagens dos peregrinos de bicicleta. Segundo as informações colhidas, a mesma significa proteção e busca de conhecimento e devemos devolvê-la ao mar depois de completado o caminho, o que significa que o seu caminho só estará completo quando chegar a Finisterra, segundo alguns. Assim você agradece pela proteção e diz que o conhecimento adquirido não é seu e sim de todos, e que você o disponibilizará a todos.

significados, crenças, valores, conflitos que expressam um processo reflexivo para uma nova construção do “autoconhecimento”.

O significado da peregrinação traz múltiplas facetas que se segue além da função restrita de marcar etapas da vida de uma pessoa, ou de colocá-la em uma situação liminar, compreendendo o Caminho relacionado à transformação de processos sociais mais amplos.

Na minha caminhada como peregrino brasileiro, parto do reconhecimento das múltiplas motivações, da continua revisão e atualização de valores, da introspecção em que meu universo se classifica e da disputa dos sentidos dentre os diferentes atores do interior dentro de um mundo ainda inóspito por mim.

Em geral o discurso sobre a peregrinação é feito de valores e projeções ideológicas, entre a paixão e a descrença, assim como são construídas imagens recorrentes que simulam a sua apreensão como fenômeno social. Essa pluralidade nas representações sobre o Caminho é reforçada pelo seu percurso no tempo e evidenciada nas condições pela constituição como fenômeno de longa duração, bem como a sua reprodução permanente que permite uma transformação.

Fazer o Caminho foi uma experiência mágica, pois adentrava na dimensão de “um mundo sagrado”, na qual estão em harmonização constante a história e a modernidade, a magia e a religião, a curiosidade com as evidências dos fatos, referências históricas e as culturais. Durante toda a rota, os peregrinos passam por pontes medievais e modernas, hospeda-se em albergues que já foram hospitais dentro de mosteiros, hospitais e igrejas que marcam a passagem de vários séculos.

Os brasileiros, ao se referirem ao Caminho durante suas experiências, trazem conhecimentos prévios que legitimam de certa forma as suas crenças e representações, seus estilos de comportamento atualizados aos serem colocados em prática por um contingente cada vez maior de pessoas.

2.4 O Crescimento da Peregrinação a Compostela no período de 2004 a 2012

A estatística dessas informações levantadas a partir das Oficinas e Associações¹⁵ aponta para o crescimento significativo de peregrinos tanto do Brasil quanto do resto do mundo durante os anos.

Essas informações foram divididas em duas partes: a primeira mostra a evolução da peregrinação no mundo no período de 2004 a 2012, sendo utilizado como fonte para as informações registradas na Oficina de Acogida de Peregrinos¹⁶ e Oficina Sociologia de Compostela. A segunda, apresenta a evolução da peregrinação no Brasil, tendo como base o ano de 2011, sendo utilizadas como fonte as informações disponibilizadas pela AACCs – Associação de Amigos e Confrades de Compostela¹⁷. Os dados abaixo mostram o crescimento no número de pessoas de ambos os sexos que percorreram o Caminho no mundo. Estas informações refletem somente os peregrinos que receberam a Compostela¹⁸ no período de 2004 a 2012. Vale salientar que muitos se submetem a fazer o Caminho de Santiago de Compostela, mas não chegam até o final da sua peregrinação por motivos diversos, entre eles contusões, bolhas, dores musculares, conflitos psicológicos, além do esgotamento físico.

Portanto o número de peregrinos que iniciam essa jornada podem ser bem maior do que o apresentado nessa estatística. Os dados abaixo indicam, em primeiro lugar, o grande crescimento do contingente de peregrinos.

Percebemos em termos absolutos que no ano de 2004 a soma de peregrinos de ambos os sexos totalizaram 179.944 e no ano de 2012 a soma foi de 192.488, correspondendo em termos absolutos 6,5%.

¹⁵ Missão das associações, incentivar, assessorar e preparar brasileiros para a Peregrinação ao sepulcro do Apóstolo Santiago; difundir o Espírito Peregrino, ou seja, os sentimentos de humildade, simplicidade, fraternidade, solidariedade e fé, obtidas através do exercício de autoconhecimento e espiritualidade, essência do Caminho de Santiago de Compostela. Destinadas a promover e apoiar as Peregrinações pelo Caminho de Santiago de Compostela na Espanha.

¹⁶ Fonte: Registro de la Oficina de Acogida de Peregrinos. Elaboracion: Oficina de Sociologia del Arzobispado de Santiago de Compostela (www.oficinadelperegrino.org/2012/05/publicaciones-para-peregrinar.html).

¹⁷ AACCs : A Associação de Confrades e Amigos do Caminho de Santiago de Compostela - São Paulo - Brasil foi fundada em 25 de novembro de 1995 e é uma das muitas associações existentes no mundo destinadas a promover e apoiar as Peregrinações pelo Caminho de Santiago de Compostela na Espanha.

¹⁸ Compostela: O peregrino que chega a Santiago, ao completar sua caminhada, recebe seu certificado na Oficina de Peregrinos da Catedral. Este "**diploma**", conhecido como **Compostela**, é escrito tradicionalmente em latim.

Tabela 1 - Sexo dos Peregrinos 2004 a 2012

Ano	Sexo dos Peregrinos	
	Homem	Mulher
2004	100431	79513
2005	55106	38218
2006	59416	40961
2007	68780	47246
2008	72936	52205
2009	85945	59932
2010	151706	120429
2011	105831	77535
2012	108809	83679

Fonte: <http://peregrinossantiago.es/esp/oficina-del-peregrino/estadisticas/?anio=2004&mes=6>

Em segundo lugar, mostra um significativo aumento do número de peregrinos de ambos os sexos, de 2005 a 2012, sendo que no ano de 2004 e 2010 por causa do ano compostelano teve um número expressivo de peregrinos. Essa tendência é respaldada pelo comportamento dos peregrinos nos dois anos jubilares¹⁹, o número cresce em 2005 de 93324 peregrinos para 2012 de 192488 peregrinos, ou seja, um aumento de 51,5%²⁰ entre esses períodos. As informações e tendências da evolução foram coletadas pela Oficina do Peregrino que é a principal fonte de dados para essa estatística.

Essas informações são coletadas através de um questionário padronizado em que um funcionário coleta todas as informações dadas pelo peregrino²¹ que se dirige a oficina para solicitar a Compostela – certificado oficial concedido pelo Arcebispo de Santiago a quem realiza a peregrinação. Esse formulário permite coletar os dados referentes ao modo pelo qual os peregrinos efetuam as suas peregrinações, bem como qual a sua rota, a motivação, a idade, o sexo, a sua ocupação e também a sua procedência. É através desses dados que a Igreja consegue traçar uma estatística, permitindo dar clareza ao perfil dos peregrinos que buscam fazer o Caminho.

¹⁹ O Ano Jubilar Compostelano - também conhecido como Jubileu ou Ano Santo (Jacobeu) - é celebrado desde a [Idade Média](#), por disposição papal, quando o dia do [apóstolo Santiago Maior \(25 de julho\)](#), cujos restos mortais supostamente se encontram na [catedral compostelana](#), coincide com um [domingo](#), o que sucede habitualmente cada 6,5,6 e 11 anos. O último celebrou-se em 2010. O próximo será em 2021 e depois em 2027, [2032](#) e [2038](#).

²⁰ Essa tabela leva em conta o número de peregrinos ano a ano e o procedimento utilizado para se chegar nesse valor foi da seguinte forma: Efetuado a somatória (Σ) do valor entre homens e mulheres do ano de 2005 e 2012 e dividiu-se o resultado de 2005 com o resultado de 2012 e multiplicou-se por 100 para se achar o percentual.

²¹ O funcionário efetua oralmente as perguntas e anota no respectivo formulário.

Vale lembrar que esses dados são muito específicos, referindo-se somente aos peregrinos que solicitam a Compostela. Para aqueles que buscam receber esse documento é necessário dar alguns passos, ou seguir alguns requisitos que são:

- 1 – Ter como meta do percurso a chegada à Catedral de Santiago de Compostela;
- 2 – Percorrer uma distância mínima em um dos Caminhos que levam a Santiago de Compostela, podendo ser feito em qualquer rota reconhecida (Caminho Francês, Aragonês, Português, do Norte, a Rota da Prata);
- 3 – Comprovar através do carimbo no passaporte de peregrino ter percorrido os últimos 100 km a pé ou a cavalo, ou ter percorrido os últimos 200 km de bicicleta;
- 4 – Declarar fazer o Caminho por uma motivação religiosa ou por razões exclusivamente culturais ou ainda por razões religiosas e culturais, combinadas.

Mesmo assim, para fazer jus ao certificado, todo peregrino que visa percorrer o Caminho deve solicitar a credencial ou passaporte do peregrino no início do percurso, para que seja preenchido durante as passagens feitas nos albergues²² e também para poder comprovar a peregrinação. No final do Caminho, o peregrino deve apresentar essa credencial ou passaporte para ter direito à Compostela. Muitos peregrinos, principalmente espanhóis, ainda que de posse da credencial, desconhecem a existência da Compostela; outros nem estão interessados em recebê-la, pois no conceito de muitos peregrinos, somente o fato de saírem de casa para fazer a peregrinação já os credencia como peregrino independente de diploma ou certificado.

Mas essa questão é muito mais complexa do que parece, porque é muito difícil precisar com exatidão o número daqueles que fazem o Caminho. Os dados que nos permite fazer uma estatística aproximam-se do número de “caminhantes”.

A população é variável no começo do percurso (seja Roncesvalles ou Saint-Jean-Pied-de-Port, Pamplona ou outra localidade) até o fim Santiago, em Santiago, onde existe uma grande rotatividade. Muitos espanhóis percorrem a totalidade do Caminho de modo bem particular, pois eles utilizam os finais de semana, feriados ou de férias para gradativamente buscarem a conclusão de todo o percurso.

Durante o Caminho conversei com vários peregrinos (brasileiros e outros de diversas nacionalidades), buscando saber quais as motivações que os levaram a fazer o Caminho.

²² Albergues: Eles são exclusivamente para os "**peregrinos tradicionais**", ou seja, aqueles que peregrinam a pé, de bicicleta ou a cavalo, sem fazer etapas de carro. Não se podem fazer reservas e o acesso só é permitido mediante a apresentação da credencial de peregrino

Muitos ficaram indecisos na hora de responder essa pergunta, alguns ficaram “totalmente perdidos”, “sem saber o que dizer”, “indecisos”.

Por mais que possa parecer óbvia uma resposta imediata, os peregrinos se colocam em um estágio de questionamento no qual buscam por uma resposta. Dentre muitos para os quais fiz essa pergunta, alguns me responderam, como é o caso de uma peregrino com quem tive contato:

Ele, aparentemente, estava fazendo o Caminho por questões religiosas, haja vista, ser uma pessoa sem qualquer tipo de crença, pelo menos até aquele momento, e portanto esse era seu objetivo inicial, porém isso poderia mudar mediante a cada passo que dava em direção à Santiago de Compostela. (Informação verbal)²³

Outros se mostraram um pouco sem jeito, pois eles haviam observado que muitos estavam buscando essa resposta e eles nem queriam saber sobre o motivo da peregrinação.

O que lhes interessava era fazer o Caminho para buscar algo que eles nem mesmo sabiam que estavam procurando.

Uma outra peregrina me respondeu o seguinte:

Vim em busca de algo que nem imagino. Estou fazendo o Caminho porque muitos amigos fizeram e encontram algo que não se consegue definir, porém mudou muito a minha forma de ver a vida, meus valores e principalmente a minha relação com o mundo (Informação verbal).²⁴

A partir desses dados, percebemos diferentes necessidades e estratégias que os peregrinos buscam. À medida em que se percorre o Caminho de um *pueblo*²⁵ ao outro, o peregrino passará por uma tempestade de conflitos internos que o colocará em prova, face a face com ele mesmo. Essa situação lhe permite buscar um Caminho, mas um Caminho com uma percepção mais profunda na busca do seu “autoconhecimento” e isso o remete a um estado de busca constante.

²³ Relato de peregrino, DONIZETE SCARPONE, 64 anos, Professor na Itália

²⁴ Relato de peregrino, ROSA MARIA, 46 anos, Analista Financeira na França

²⁵ Pueblo: São os pequenos povoados que fazem parte da rota para Santiago de Compostela.

Tabela 2 - Motivo da peregrinação a Santiago de Compostela - 2004 a 2012

Ano	Motivo da Peregrinação		
	Religioso	Religioso e outros	Não Religioso
2004	134330	35528	10086
2005	35456	49977	8491
2006	41793	49726	8858
2007	43581	60944	9501
2008	50732	63598	10811
2009	62188	70303	13386
2010	148964	109380	13791
2011	78969	93147	11250
2012	7949	101171	11827

Fonte: <http://peregrinossantiago.es/esp/oficina-del-peregrino/estadisticas/?anio=2004&mes=6>

Ao analisarmos esses dados, percebemos que o principal motivo em se fazer a peregrinação é o “Religioso”. Quando avaliamos a segunda coluna, vemos que o motivo “Religioso e outros”, tem também uma grande relevância nessa estatística.

Também observamos que o termo “outros”, se refere à motivação pela cultura, pelo turismo, pela gastronomia e pelas relações interpessoais, ou seja, fazer novas amizades, etc.

Então se somarmos as colunas das motivações “Religioso e Religioso e outros”, teremos 1.240.736 correspondente 92.67% de peregrinos que já encontraram a suas motivações.

Quanto à terceira coluna, dos “Não religiosos”, há a busca de várias motivações, sendo que para alguns é a busca de si, a procura de ação, o autoconhecimento, e muitos porque leram o livro de Paulo Coelho²⁶, além de outros motivos.

Quanto às razões que movem os peregrinos, os dados recolhidos na Oficina do Peregrino²⁷ revelam que a motivação de ordem religiosa e outros (exclusiva ou não) é a principal para mais de 47,5% dos peregrinos no período de 2004 a 2012.

Mas também podemos perceber uma significativa variação que vale destacar, pois quando falamos em motivo “outros” nesse dado, temos que levar em consideração que a representação é 2,3% ou seja, 29812 peregrinos.

Em 2010, o motivo religioso teve um expressivo aumento tanto no “Religioso, como no Religioso e Outro”. Tais resultados sinalizam uma significativa mudança em relação aos motivos declarados por aqueles que recebem a Compostela, ou seja, parece ser crescente a

²⁶ Livro de Paulo Coelho – Diário de um Mago(1995)

²⁷ Oficina do Peregrino: Local onde se tem informações sobre o caminho e também permite a retirada da credencial ou passaporte do peregrino

participação daqueles que dizem ter realizado a peregrinação por motivos estritamente religiosos.

Estas informações indicam que hoje os peregrinos são muito mais motivados por fazer o Caminho juntando o “Religioso e Outros”, do que estritamente “Religioso”.

É prematuro tirar uma conclusão exata dos dados, porque esses resultados não consideram os caminhantes que não comparecem às Oficinas de peregrinos, e também porque os que se dirigiram às Oficinas, por receio de não receber a credencial ou passaporte do peregrino nem sempre respondem que estão fazendo o percurso por motivos não religiosos, e acabam declarando motivo religioso apenas para garantir o recebimento da credencial.

Outros dados sobre as pessoas que fazem o Caminho são apresentados pela pesquisa realizada pela Federação Espanhola, no ano de 2010.

Como o instrumento de coleta não limita as opções e os indivíduos “temem” responder livremente, pois essa condição emerge e pluraliza os motivos declarados para se percorrer o Caminho de Santiago de Compostela.

Assim essa pesquisa assinala que o *aspecto espiritual* representa o principal, com 28,5%. Já o segundo motivo mais apontado foi à possibilidade de conhecer novas paisagens ao longo de toda a rota *jacobea* (19,58%), seguindo *por* razões esportivas (14,7%) e motivação exclusivamente religiosa (22,4%).

2.4.1 A Nacionalidade e Faixa Etária dos Peregrinos

O Caminho como espaço físico, apresenta muitas atratividades, pois a beleza, a arquitetura, a arte, os museus, as catedrais, as ruínas, o folclore, etc, constituem uma região de fortes atrações. Por isso as motivações apresentadas para fazer o Caminho são sem sombra de dúvida complementares, pois elas passam pela necessidade da descoberta de novos rumos em busca de uma história que poderá ter uma intersecção com a sua própria.

Na tabela abaixo apresentamos uma estatística em nível mundial, ou seja, são informações coletadas diretamente da Catedral de Compostela, através de uma breve entrevista feita com o peregrino antes de chegarem a Compostela. Esses peregrinos são de várias nacionalidades e buscam um significado.

Os dados abaixo não permitem retratar de modo exato a diversidade de origem dos peregrinos.

Diversidade não só feita pela observação de campo como também por dados coletados na pesquisa feita na Catedral de Santiago de Compostela. Esses dados foram coletados de maneira uniforme, o que permite fazer essa estatística de maneira que possa ser uma base de dados para possíveis estudos pretendidos.

Veremos na tabela seguinte os trinta principais países de diversas procedências dos peregrinos agregados dos principais continentes, os dados são de 2004 a 2012.

Tabela 3 - Nacionalidade dos peregrinos

Nacionalidade dos Peregrinos		Ano da Peregrinação								
		2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
1	Espanha	137163	52928	52248	55326	61112	79007	188089	97822	95275
2	Itália	7670	7430	10013	10275	10707	10341	14222	12183	15620
3	Alemanha	6816	7155	8097	13837	15746	14789	14503	16596	12404
4	França	6567	5909	6791	6982	6618	7459	9140	8166	8121
5	Portugal	3252	2574	3365	4001	4341	4854	7786	8649	10329
6	Estados Unidos	2028	2047	1909	2229	2214	2540	3334	3726	7071
7	Brasil	1439	1163	1172	1395	1365	1248	2121	1983	2229
8	Reino Unido	1432	1512	1541	1696	1559	1700	2031	2389	3758
9	Holanda	1399	1610	1636	1655	1864	1916	2063	2398	3015
10	Bélgica	1279	1283	1443	1332	1291	1410	1507	1685	1955
11	Áustria	1203	1470	1422	1686	1847	1995	1734	1921	1772
12	Canada	1090	1420	1546	1859	1933	2194	1877	2362	2904
13	México	1001	473	484	514	653	638	1444	1189	1047
14	Suíça	699	726	780	1136	1246	1208	1128	1226	1308
15	Argentina	590	278	347	377	360	461	1125	726	822
16	Venezuela	587	135	177	162	210	278	865	437	444
17	Irlanda	563	622	849	1090	1535	1722	2296	2677	3844
18	Austrália	480	666	730	785	1022	1015	1734	1352	1885
19	Dinamarca	415	698	801	835	986	1061	980	1644	1682
20	Eslovênia	410	128	140	167	229	357	441	510	373
21	Polônia	357	422	600	867	1102	1321	2040	1820	2307
22	Suécia	322	340	411	588	929	1039	1264	1262	1275
23	Finlândia	302	272	408	427	619	825	742	654	720
23	Colômbia	295	148	131	184	196	273	748	425	456
25	Noruega	262	278	373	628	718	647	609	899	969
26	Japão	257	278	282	327	412	526	796	877	860
27	Hungria	246	326	609	625	730	710	715	772	885
28	Chile	180	77	84	89	83	120	264	190	178
29	Republica Checa	153	330	399	560	564	618	666	975	832
30	Uruguai	122	74	89	81	77	88	243	170	165
31	Andorra	117	66	80	79	67	69	182	70	108
32	Equador	107	58	60	56	61	85	274	174	183
33	Outros	10	9	3	8	4	3	3	6	8

Fonte: <http://peregrinosantiago.es/esp/oficina-del-peregrino/estadisticas/?ano=2004&mes=6>

É interessante esclarecer que foram observados representantes de diversos outros países, porém que não trazem uma representatividade relevante para esse estudo estatístico, podendo ser estes enquadrados como “outros”. No topo da tabela, temos os Espanhóis que são sem qualquer dúvida os que mais percorrem o Caminho. Isso se deve também ao estado da religião, ou seja, Santiago de Compostela é o padroeiro da Espanha. Comparando a diferença com os peregrinos Espanhóis, temos os Alemães com 13,4% e os Italianos com 12%. As informações, discriminadas por país e distribuídas no período (2004 a 2012 – vide tabela), permitem ter uma visão mais ampla da origem dos peregrinos não espanhóis, indicando que estes provêm de várias nacionalidades do mundo e reiterando a universalização da peregrinação.

Sobre a preponderância das nacionalidades de 2004 a 2012, o maior número de estrangeiros vem da Alemanha, seguido pela Itália e França e o Brasil, que vem em sétima posição. Ainda que essa tabela seja mais detalhada, ela não nos permite visualizar a multiplicidade da nacionalidade dos peregrinos.

Já em 2004 percebemos uma maior presença dos brasileiros. Existem, no entanto alguns dados desagregados para o ano de 1999 que possibilitam verificar a presença de peregrinos brasileiros, sendo que os primeiros acham-se na revista (*Compostela 2000*): em extensa tabela com o título, Peregrinos de 99 países, dos cinco continentes, solicitaram e obtiveram a Compostela, durante o último Ano Santo do século XX) – registro que mostra 1570 brasileiros receberam a Compostela.

Quanto à idade dos peregrinos, é interessante destacar a disposição dos dados coletados, pois essas informações não seguiram um padrão. Podemos perceber que no ano de 2004, 2005, 2010, 2011 e 2012, a faixa etária foi dividida em três colunas sendo que a primeira coluna define os peregrinos com idade menor que 30 anos, a segunda coluna de 30 a 60 anos e a terceira coluna de peregrinos maiores de 60 anos.

Já nos anos 2006 a 2009, essa faixa etária foi dividida em cinco colunas sendo a primeira de 0 a 12 anos, a segunda de 13 a 18 anos, a terceira de 19 a 35 anos, a quarta de 36 a 65 anos e a quinta e última mais de 65 anos.

Como recorte, vamos analisar o período de 2006 a 2009, devido aos dados estarem mais distribuídos, nos permitindo uma análise mais ampla dessas informações. Podemos destacar o grande interesse em fazer o Caminho dos mais jovens dentro da faixa etária de 0 a 12 anos, no qual houve um crescimento significativo do ano de 2006 = 930 para 2009 = 1272, com aumento de 73,11%. Na faixa etária de 13 a 18 anos, houve um crescimento ainda maior sendo que em 2006 = 9780 para 2009 = 12303, correspondendo a 79,5%.

Em termos comparativos entre as duas faixas etárias de 0 a 12 anos e de 13 a 18 anos, concluímos que em quatro anos houve um aumento em torno de 10% de jovens que fizeram o Caminho. Outra análise interessante dentro do período de 2006 a 2009 é a quantidade expressiva de peregrinos que se enquadram na faixa etária de 36 a 65 anos, isso representa 58% de peregrinos que fizeram o Caminho nesse período.

Não podemos deixar de destacar os peregrinos com idade acima dos 65 anos, que correspondem a 5,4% de todos os peregrinos que fizeram o Caminho dentro do período de 2006 a 2009. E também percebemos uma grande evolução dentro desse período, pois 2006 = 4843 e 2009 = 7874, correspondendo a um aumento de 62% de peregrinos.

Vale comentar que não existe idade para fazer o Caminho. Existe uma grande variação de faixa etária que busca através das suas particulares motivações fazer o Caminho.

Os jovens até os 18 anos, costumam peregrinar para fazer companhia para seus pais, parentes, etc, porem não me deparei com nenhum deles fazendo o Caminho sozinho. Outro destaque que gostaria de fazer é quanto aos peregrinos de mais de 65 anos, pois dentro da minha caminhada, encontrei vários, quer seja nos albergues, quer seja nos diversos Caminhos rumo a Santiago de Compostela. Dentre esses, encontrei uma brasileira, carioca, aposentada, chamada Rosa. Perguntei a sua idade e ela me respondeu que estava na casa dos setenta e dois anos e estava fazendo o Caminho pela terceira vez.

Aquela informação me deixou ansioso, pois andar quase 800 km não é fácil e fazê-lo pela terceira vez seria mais difícil ainda. Não pude resistir à ansiedade e lhe perguntei: “Porque ela estava fazendo novamente o Caminho?”, a sua resposta foi imediata:

Cada caminhada rumo a Santiago de Compostela, eu vejo coisas diferentes que me faz repensar a minha forma de viver e ver a vida. Hoje pela terceira vez fazendo o Caminho, tenho a certeza que não será o mesmo que fiz nas últimas vezes, por certo algo será diferente. Portanto o que mais motiva é saber que algo diferente irá acontecer e sem dúvida eu estarei aprendendo algo novo nessa vida. (Rosa, 72 anos)

Então após ouvir esse relato, percebi o quanto de significado traz o Caminho, ou seja, cada momento é único e principalmente, cada pessoa tem o seu. Muitos daqueles que montam planejamentos visando encontrar algo, podem se frustrar, pois muitas vezes aquilo que é certo para um pode não ser para o outro. A grande certeza que podemos esperar é que no percurso até Santiago de Compostela, teremos grandes incertezas, o que nos remete a uma boa reflexão.

Tabela 4 - Idade dos peregrinos que fizeram o Caminho

IDADE DOS PEREGRINOS					
ANO	> 30 ANOS	DE 30 A 60 ANOS		< 60 ANOS	
2004	98600	66783		14561	
2005	53294	30217		10413	
Total	151894	97000		24974	
IDADE DOS PEREGRINOS					
ANO	De 0 a 12	De 13 a 18	De 19 a 35	De 36 a 65	Mais de 65
2006	930	9780	35266	49558	4843
2007	1070	10338	37689	58631	6298
2008	1093	10503	41123	65364	7158
2009	1272	12303	51135	73293	7874
Total	4365	42924	165213	246846	26173
IDADE DOS PEREGRINOS					
ANO	< 30 ANOS	DE 30 A 60 ANOS		> 60 ANOS	
2010	79899	158184		34052	
2011	52142	105736		25488	
2012	54731	109310		28447	
Total	106873	215046		53935	

Fonte: <http://peregrinossantiago.es/esp/oficina-del-peregrino/estadisticas/?anio=2004&mes=6>

2.4.2 Inserção no mercado de trabalho

Muitos peregrinos que fazem o Caminho ainda se encontram no mercado de trabalho. Dentro da nossa pesquisa, procurei elencar as principais ocupações desses peregrinos que conquistaram a Compostela. Lembrando que essa informação foi obtida através do questionário respondido pelos peregrinos antes de pegar a Compostela. Esses peregrinos fizeram todo o percurso e comprovaram a sua passagem pelos albergues através do passaporte do peregrino que atesta o seu pernoite naquele estabelecimento. Abaixo segue um quadro com as diversas profissões em que os peregrinos ocupavam no momento que conquistou a Compostela.

Tabela 5 - Profissão dos Peregrinos

Profissão dos Peregrinos	Ano da Peregrinação								
	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Estudantes	45132	18827	20886	21797	22789	26844	50204	31839	34747
Empregados	29300	16552	16351	19056	22024	31640	62951	43596	43069
Liberal	22660	11153	13266	13442	16135	16379	29401	18862	21779
Técnicos	18481	11592	12054	14648	15704	17883	32850	25082	24754
Aposentados	12804	10389	11888	1675	2189	3393	6227	4230	5168
Trabalhadores	12019	4798	5178	7626	8218	7671	14012	6861	7285
Professores	11805	7886	8285	9381	9915	11105	16717	13886	14400
Funcionários	10048	5029	4642	5467	6025	7025	15738	9434	8751
Donas de casa	9763	2989	2776	3314	3547	3574	10984	4040	4368
Desempregados	2383	1490	1694	1675	2189	3393	6227	4230	5168
Gerentes	1521	1080	1029	1269	1223	1346	2152	1475	1818
Sacerdotes	1233	521	732	837	934	870	1663	827	1159
Artistas	1143	1035	920	936	936	1177	1408	1529	1471
Agricultores	800	333	343	321	396	444	1011	563	631
Marinheiros	390	102	119	131	119	136	440	232	350
Religiosas	325	79	152	125	144	153	793	362	477
Atletas	126	69	79	121	113	108	162	119	167

Fonte: <http://peregrinossantiago.es/esp/oficina-del-peregrino/estadisticas/?anio=2004&mes=6>

Os termos de inserção ocupacional declarada mostram os estudantes no topo da lista, correspondendo a 20,7% dos peregrinos no período de 2004 a 2012.

Na segunda posição, vem os empregados sem quaisquer especificações que corresponde a 21,6%; os liberais²⁸ a 12,38%, os técnicos correspondem 13,14%, os aposentados a 4,4% e os professores a 7,85%.

Os dados sobre a ocupação dos peregrinos sugerem que a maioria tem um nível razoável de escolaridade e presumidamente de renda. Com esses dados é possível traçar um perfil geral dos peregrinos que se dirigem a Santiago de Compostela: Homens, escolarizados, em idade madura, que fazem o Caminho a pé.

2.4.3 Meios de locomoção dos peregrinos

Nas Oficinas de Peregrinos, foram levantados vários dados quanto ao meio de locomoção dos peregrinos e pode se observar que no período de 2004 a 2012, praticamente 84,5% dos peregrinos concluíram os últimos 100 km do Caminho a pé, sendo que 15,10%

²⁸ Liberais: São definidos como aqueles que têm negócio próprio

percorreram os últimos 200 km de bicicleta, 0,36% concluíram o Caminho a cavalo e os que concluíram o Caminho de cadeira de rodas representam 0,01% desses peregrinos.

Tabela 6 - Meio de Locomoção na Peregrinação

Ano	Meio de Locomoção na Peregrinação			
	Pé	Bicicleta	Cavalo	Cadeira de Rodas
2004	156952	21260	1672	60
2005	76674	16985	242	23
2006	81783	18289	294	11
2007	93953	19702	364	7
2008	103669	21143	290	39
2009	120605	24892	341	39
2010	237852	32926	1315	42
2011	153065	29949	341	11
2012	164778	27407	281	22

Fonte: <http://peregrinosantiago.es/esp/oficina-del-peregrino/estadisticas/?anio=2004&mes=6>

Utilizando esses meios de locomoção, o peregrino pode optar por várias rotas, sendo que a mais utilizada desde a Idade Média é o Caminho Francês.

Essa rota ainda continua sendo a preferida pela quase totalidade dos que buscam ou chegam a Santiago de Compostela, sendo que esse Caminho representa 75,43% da preferência de todos os peregrinos dentro do período de 2004 a 2012.

Em segundo, temos a rota Portuguesa que representa 9,9% da preferência dos peregrinos.

Na terceira colocação temos o Caminho do Norte que representa 5,46%, na quarta colocação a rota Via de la Plata com 4,70%, na quinta colocação a rota do Caminho Primitivo que representa 2,54%, na sexta colocação a rota do Caminho Inglês que representa 1,53%, na sétima colocação a rota dos “Outros Caminhos (Aragonês, Madri, da Galícia)” que representam 1,53%.

Para finalizar, temos a rota Muxia Finisterre que é pouco utilizada e representa 0,1% das preferências dos peregrinos. Na tabela abaixo podemos ver essa evolução e perceber que a rota de Muxia e Finisterre começou a ter uma procura em 2011, pois até então não havia esta procura por parte dos peregrinos.

Tabela 7 - Rotas de entrada para Peregrinação

Ano	Rotas de entrada para Peregrinação							
	Caminho Frances	Caminho Português	Via de la Plata	Caminho do Norte	Caminho Primitivo	Caminho Inglês	Outros Caminhos	Muxia Finisterre
2004	138646	15839	9309	7117	4876	3092	1065	0
2005	79396	5507	3843	3140	1028	651	359	0
2006	82407	6467	5378	3523	1588	804	210	0
2007	91872	8110	5871	4193	2569	1085	326	0
2008	98729	9770	5104	7035	2719	1451	333	0
2009	113001	11956	6254	9254	3388	1793	302	0
2010	189212	34147	14197	17954	7661	6442	1522	0
2011	132652	22062	8061	11729	5544	2720	396	202
2012	134979	25628	8163	12919	6349	3577	873	0

Fonte: <http://peregrinosantiago.es/esp/oficina-del-peregrino/estadisticas/?anio=2004&mes=6>

Gostaria de ressaltar que não foi possível obter os números que totalizam os brasileiros que solicitaram a credencial do peregrino e/ou receberam a Compostela. Os dados apresentados correspondem ao número levantado das credenciais que foram solicitadas e entregues inclusive pela AACCS – Brasil, com sede no Rio de Janeiro. No entanto, existe outra AACCS, com sede em São Paulo que também fornece credenciais, além do fato de muitos brasileiros deixarem de pegar a credencial na Espanha ou na França, conforme o local escolhido para o início da peregrinação.

Existe outra associação de amigos do Caminho, denominada Associação de Confrades e Amigos do Caminho de Compostela, reconhecida oficialmente pela Xunta de Galícia, província onde esta localizada a cidade de Santiago de Compostela.

No Brasil, conta com o apoio do Centro de Turismo Espanhol localizado na cidade de São Paulo – Capital.

2.5 A Peregrinação e seus Sentidos de Transformação

Considerada uma das mais antigas rotas de peregrinação do mundo, o Caminho de Santiago de Compostela é conhecido por suas histórias, lendas e místicos rituais, percorrido ao longo dos tempos por peregrinos de todo o mundo.

Na realidade, há vários Caminhos e não apenas um cujo ponto de chegada é a cidade de Santiago de Compostela, na região da Galícia, Espanha. Segundo a tradição, ali repousam

os restos mortais de Tiago Maior, um dos doze apóstolos de Jesus, guardados numa arca de prata no porão da catedral dedicada ao santo.

Se na Idade Média, inúmeros peregrinos fizeram este Caminho em busca de indulgência, na contemporaneidade, a peregrinação não apenas é feita por motivos religiosos, como também na maioria das vezes, por uma “experiência transformadora”, pela busca de um sentido para o eu e para a própria vida. Sem falar no turismo propriamente dito, mas que não aparece como a principal razão nos relatos que os peregrinos escrevem após fazerem o Caminho.

A peregrinação, do latim *per agros*, isto é, *pelos campos*, é uma jornada realizada por um devoto de uma dada religião a um lugar considerado sagrado por essa mesma religião. Derivada do latim *peregrinato*, significa o ato de peregrinar, de viajar a lugares santos.

A palavra “peregrinação” deriva do latim *peregrinatione*, definindo-se como o ato de peregrinar, ir a lugares santos.

Já o peregrino do latim *pergrinus* refere-se àquele que peregrina, mas também ao estranho, estrangeiro. A peregrinação, portanto, etimologicamente está relacionada com o aparecimento do ‘outro’, do estrangeiro, significando a jornada de uma pessoa a um lugar sagrado, percorrendo Caminhos por terras desconhecidas (CARNEIRO, 2007, p.76).

A princípio, toda peregrinação implica numa tríplice estrutura: um homem que transita por uma rota; uma meta, escolhida por sua relação com o sagrado, e uma motivação para encontrar-se com a realidade misteriosa e invisível.

Inseparável da arte de viajar está o anseio de romper com os hábitos do cotidiano e de se afastar de casa até ver realmente o mundo ao seu redor. Para a maioria dos peregrinos, caminhar, andar é a melhor forma de sair da mente. Embora a forma da trilha mude de cultura para cultura e das diferentes épocas da história, um elemento permanece o mesmo: a renovação da alma. Para muitos, a finalidade expressa da peregrinação é tornar a vida mais significativa em busca de uma reflexão da sua própria identidade.

Segundo Carneiro (2010), entre os cristãos, normalmente, as peregrinações têm duas origens distintas: uma, a veneração aos lugares santos, ou seja, aqueles que o Salvador santificou com sua presença; a outra, o culto dos santos e de suas relíquias. As primeiras adorações à Terra Santa se produziram espontaneamente pela devoção em memória de Jesus Cristo, a piedosa curiosidade pelos lugares cujos nomes apareciam nos Evangelhos e nos feitos dos apóstolos e mais tarde pelos mesmos do Antigo Testamento.

Nas palavras de Carneiro (2007, p.135), nas origens no movimento de peregrinação devem distinguir-se dois momentos diferentes:

O primeiro seria aquele no qual uma pessoa experimenta de modo individual os fatos que sacralizam um lugar (seja um milagre, uma aparição ou uma invenção revelada de alguma relíquia). O segundo é aquele em que tal experiência se transforma em um movimento essencial de emoção coletiva (CARNEIRO, 2007, p.78).

A essência do Caminho sagrado é traçar uma rota de testes e escolhas, provações e obstáculos, a fim de chegar a um lugar sagrado e tentar alcançar o segredo do seu poder. É por meio da partilha desse território sagrado que as pessoas chegam não somente a descobrir a ideia de sua origem e o seu destino, mas a de ter experiências daquilo que revela o significado de suas vidas. Um processo de despertar e se transformar que precisa ser experimentado diretamente, o que cada um terá de fazer por si mesmo.

A experiência e o Caminho são similares porque jorram da mesma fonte e essa fonte é o desejo. Desejo profundo de ser outra coisa, diferente daquilo que se parece ser, pois a verdadeira jornada é feita com fé e a pé.

É importante destacar que em quase todas as grandes religiões existem fenômenos similares, incentivados pela simbologia dos Caminhos e pela atração exercida por lugares sacralizados ou por templos de particular importância. Portanto o termo “peregrinação” vai além do âmbito do catolicismo, contemplando as demais religiões mundiais, havendo referências à sua prática também fora do âmbito das religiões mundiais. Seu principal objetivo pode ser cidades ou templos, consagrados por recordação à presença de uma divindade ou pelas relíquias de um santo ou herói. Muitas vezes também a peregrinação pode ter por fim lugares naturais, rios, fontes, cavernas ou grutas, em cujas proximidades se construíram, em muitos casos, santuários dedicados a alguma divindade. Os objetos encontrados, os restos materiais de um herói ou de um Deus encarnado, assumem muitas vezes nessas peregrinações relevâncias incontestáveis.

A concepção cristã da *peregrinatio* passou por um longo processo, desde o conceito da vida como uma peregrinação, passando pela ideia de empreender voluntariamente o exílio, como propagou, por exemplo, o monacato antigo, até o desejo de seguir Cristo até os lugares onde havia vivido como redentor. Junto à *peregrinatio pro Christo* e o desejo da própria cura, deve-se apontar o culto à tumba e às relíquias como outro motivo importante. A história mostra que na Idade Média, as pessoas consideravam as relíquias de um santo como autênticas quando se sabia da existência de milagres.

As peregrinações se apresentam, particularmente nas sociedades modernas e complexas, como arenas onde competem simultaneamente discursos religiosos e seculares, ortodoxias oficiais e interpretações populares de um mesmo código doutrinário, grupos

religiosos estabelecidos e seitas proféticas de contestação ao *status quo*. Toda peregrinação cria e estimula um campo variado de transações religiosas e inter-religiosas, culturais e interculturais, num sistema abrangente de trocas culturais, vínculos comunicacionais, econômicos e políticos. Servem desta forma, tanto para difundir novas ideias e práticas religiosas que desafiam o culto oficial quanto para sedimentar e confirmar a ortodoxia oficial e a fé dominante em oposição às crenças populares e aos dissidentes proféticos.

Há uma variedade de discursos, com seus múltiplos sentidos e compreensões, que constituem o próprio culto da peregrinação, assim como os mútuos “mal-entendidos” que decorrem do modo como cada grupo interpreta as ações e os motivos dos outros em termos do seu próprio discurso específico. Há entre os peregrinos e turistas religiosos, mesmo aqueles que visitam o mesmo lugar, uma multiplicidade de interpretações, muitas vezes incompatíveis entre si.

O fato de um centro de peregrinação estar fixo em um espaço não significa que os seus significados estejam fixos na cultura. Parte do fascínio dos estudos de peregrinação reside em se poder examinar a justaposição de vários pontos de vista. Nesse sentido, o sagrado e os rituais são de suma importância para o entendimento da peregrinação.

Como têm sido ressaltados por muitos antropólogos, os rituais marcam o tempo, organizam o espaço - duas maneiras de definir o que queremos dizer com o sagrado. Segundo Turner (1974), os peregrinos, ao deixarem suas casas e comunidades, entram num estado de liminaridade²⁹ quando viajam para o lugar sagrado, de onde retornam transformados, para serem reintegrados em suas comunidades de origem. Reafirmam assim, o esquema básico constitutivo desses rituais de passagem: separação, liminaridade e agregação³⁰.

Durante o tempo do deslocamento, se desengajam da *estrutura* da sociedade na qual vivem o seu cotidiano e inauguram uma nova forma de relacionamento social.

O autor, ao conceituar essa modalidade de relação social decorrente dos estados liminares engendrados pelos rituais de passagem, utiliza a palavra latina *communitas* para

²⁹ Estado de liminaridade: é um estado subjetivo, de ordem psicológica, neurológica ou metafísica, consciente ou inconsciente, de estar no limite ou entre dois estados diferentes de existência. Assim é definido na Neurologia e nas teorias antropológicas sobre os rituais, como o definem autores como Arnold Van Gennep ("Ritos de Passagem") e Victor Turner ("Liminaridade e Communitas", em "O Processo Ritual Estrutura e Anti Estrutura").

³⁰ Segundo Turner (1974), pode-se discernir tendências interpretativas típicas dessa fase. Discutem-se os ritos de passagem como uma resposta adaptativa obrigatória, quando os indivíduos são obrigados a mudar de posição dentro de um sistema. Deste ângulo, os ritos seriam elaborações sociais secundárias, com a função de aparar os conflitos gerados pela transição da adolescência à maturidade, uma passagem postulada inevitável, difícil, problemática e conflituosa em qualquer sociedade humana. Nessa perspectiva, o foco é sempre nos jovens e naquilo que é percebido como uma arriscada e conflituosa transição dentro da sociedade.

designar a “área de vida em comum”. Segundo Turner (1974), a “*communitas*” caracteriza-se por uma relação entre indivíduos concretos e históricos. Esta relação não os diferencia em função da posição social e sim os integra através de uma relação direta e imediata. No entanto, Turner chama a atenção para a efemeridade dessa fase, ou seja, a espontaneidade e a imediaticidade dessa relação logo se transforma em estrutura. Isso acontece quando as relações livres entre os indivíduos tornam-se relações governadas por normas sociais.

Ao estudar a estrutura das peregrinações na Europa e no México, Turner as aproxima da experiência de “*communitas*”. Para ele, a peregrinação produz um espaço simbólico onde regras, hierarquias e valores morais são suspensos em função da comunhão entre os indivíduos que compartilham a mesma experiência. Segundo Turner (1974), os peregrinos, quando estão viajando para o lugar sagrado entram num estado de liminariedade que os modificam. Portanto, para Turner, a peregrinação apresenta um caráter anti-estrutural, que leva para a experiência de “*communitas*”, atraindo, desta forma, os peregrinos. Ao deixarem a estrutura com suas regras e valores, os peregrinos buscam a integração na “*communitas*” para restaurar sua individualidade essencial. É essa busca da “*communitas*”, presente em todas as sociedades humanas e em todas as religiões, que torna a experiência da peregrinação um universo da cultura.

Ao observarmos o fenômeno da peregrinação a Santiago de Compostela nos dias de hoje, percebemos que a reintegração dos indivíduos e a dissolução ou atenuação das divisões sociais não apareceram como sugere o modelo Turneriano. Contudo, isso não significa a ausência da “*communitas*” como uma experiência presente nas peregrinações, apenas que a peregrinação é um fenômeno complexo e variado, inserido em diversos contextos históricos e culturais, diferentemente do sugerido pelo modelo de Turner.

No Caminho de Santiago de Compostela, os valores da “*communitas*” podem ser observados também para além do momento da situação liminar da peregrinação. Quando a experiência da “*communitas*” reverte para o interior da sociedade, ou seja, da estrutura, possibilita o surgimento dos ambientes das confrarias e associações. Neste contexto, as normas cotidianas de status social, hierarquia, constrangimentos morais e interação são abandonados a favor do aparecimento de uma associação espontânea de experiências compartilhadas num ambiente de diferenciação e igualitarismo, a “*communitas*”³¹. Assim

³¹ *Communitas* : São grupos que se encontram no interior da liminaridade durante um processo ritual. Na formação da “*communitas*” percebe-se um estado de comunhão entre os sujeitos, em que não há hierarquias, isto é, não há mais uma diferença entre a estrutura social e, Turner parte da ideia de que existem dois modelos de relacionamento humano: A estrutura caracterizada pela sociedade estrutural, de modelo frequentemente hierárquico e posições político-jurídico-econômicas. E o modelo advindo do período limiar, uma sociedade não

como temos de estar atentos para identificar a fonte do nosso desejo, também é importante para o viajante ver claramente como e quando realizar a viagem.

Com a experiência obtida no Caminho durante o percurso, vivencia-se uma relação diferente com o tempo, uma liberdade de pensamento que não se tem em casa - ou que não se permite em casa, onde somos sobrecarregados de relações e de responsabilidades. Isto de tal modo que a tônica que marca os discursos dos peregrinos é “a menos que você deixe espaço para o imprevisto, como pode o divino entrar em você?” O começo da aventura de "encontrar a si mesmo está em perder o Caminho", ou ainda, como está no título de um dos livros brasileiros sobre o Caminho, "Perdi meu roteiro, encontrei meu Caminho" (CARNEIRO, 2000).

A filosofia fundamental da peregrinação poderia assim ser resumida: o clímax do ritual é alcançado quando se descobre que "você não é você" (CARNEIRO, 2000).

Por identificação com o outro e não com o ego, parte-se então para a descentramento (HALL, 1990). Esta ética do constante "tornar-se" como valor e está sempre presente.

A lendária hospitalidade e a consideração conferidas aos peregrinos também contribuem para o sentimento de prazer e gratidão que cercam a peregrinação. Em toda parte, o Caminho dos peregrinos é duplo, exterior e interior, contendo o movimento dos pés e da alma no tempo e no espaço. O relato abaixo de um peregrino deixa transparecer uma das formas pelas quais esse fenômeno pode ocorrer:

Cada amanhecer, com sol ou chuva, o Peregrino vai feliz pelos Caminhos. Foram 30 dias andando por quase 800 km, às vezes junto a minha irmã, às vezes propositadamente afastadas, para que cada uma de nós pudesse ter seu momento de solidão, pois o Caminho é de introspecção, de reflexão. Como em um filme, vemos a nossa vida passar, nossos erros e acertos. A cada dia vamos praticando o amor ao próximo, à humildade, fé e esperança. É um Caminho de paz. De silêncio. Ah, como o Caminho nos ensina a ouvir o silêncio! Como nos ensina a ouvir os sons da natureza, a respeitá-la e agradecê-la! O Caminho nos ensina a conversar com Deus, seja qual for o Deus de nossa crença (Informação verbal)³²

Os relatos dos peregrinos do Caminho de Santiago de Compostela apontam, sobretudo, para a busca da realidade plena de nossa existência. Neste sentido, ao que tudo indica a vivência é sentida como única e intransferível.

O sentido do sagrado despertado no Caminho revela o poder que a própria pessoa tem de transformar a vida. Seja lá o que for sua busca: uma deidade, a base do ser, o vazio, o

estruturada e relativamente indiferenciada, comunidade onde indivíduos, em situação de transição, submetem-se a autoridade geral de anciãos rituais.

³² Relato escrito no site do Portal do Peregrino

inconsciente, a natureza, o absoluto, o encontro dessa busca liberta quem a encontra fora das concepções formuladas pelo ego.

O despertar de um sentido religioso torna as pessoas conscientes de uma realidade mais profunda e de uma vida mais significativa. Ajudando-os, segundo os informantes, a "varrer vários conceitos, valores e preconceitos", "despertando novas percepções e uma nova consciência" (CARNEIRO, 2000).

A ideia da metáfora da peregrinação como sendo uma jornada com um propósito também é recorrente nos discursos. Nos relatos a peregrinação celebra a identidade pessoal, conduz à definição de nós mesmos, tendo o efeito milagroso de apagar pecados. O círculo completo é um símbolo da alma - uma imagem da totalidade - e o fim da jornada é tornar-se novamente um todo.

A arte da viagem é a arte de "ver um significado". O importante da peregrinação "é aperfeiçoar a si mesmo enfrentando as dificuldades que surgem" (CARNEIRO, 2000).

Desta maneira, todas as jornadas contemporâneas são rapsódias sob o mesmo tema da transformação e da descoberta da identidade.

Neste sentido, os elementos de identidade com a peregrinação frequentemente acionados não são regidos somente pelo particularismo católico, mas, sobretudo, por valores e práticas centradas no ideário de transformação e, no compromisso social com o próximo, numa profissão de fé que é traduzida na posição de peregrino.

Estas experiências são assim, bastante significativas para os indivíduos, levando-os, por vezes, a expressar sentimentos de renovação física, espiritual, pessoal e social - eis porque alguns peregrinos referem-se ao trajeto como "Caminho da transformação".

Ao retornarem às suas vidas cotidianas, muitos expressam o desejo de tomarem uma decisão, de agirem, ou de serem menos materialistas, de serem mais generosos com os outros, de trazer sua vida espiritual para a prática do dia-a-dia. Outros tomam decisões mais radicais - deixam o emprego, mudam de profissão, se mudam, ou alteram uma relação. A confiança e a força que vêm durante o percurso levam muitos a quererem levar estes sentimentos para a vida diária. Muitos experimentam desapontamentos, todos se sentem tocados, ninguém é indiferente à experiência.

O valor da experiência é exacerbado, convertendo-se no critério supremo e determinante de um novo tipo de religiosidade, ou melhor, de uma "nova consciência religiosa". Onde ganham centralidade e se sobressaem às vivências e práticas, o experimentalismo, a expressão das emoções, intuições, crenças difusas e místicas capazes de promover o autoconhecimento e o bem-estar. Enfim, talvez faça parte do repensar o

individual e o coletivo, o sagrado e o profano, a religião e a magia, as dimensões objetivas e subjetivas da vida social, em novas bases.

CAPÍTULO 3

3.1 As narrativas de Peregrinos em Compostela: uma análise dos sites e das associações

Para Walter Benjamin (1994), a narrativa se refere à experiência que se torna fonte de histórias orais. São falas que contêm um ensinamento, uma sugestão, um provérbio ou conselho. O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria. A arte de narrar estaria definindo porque a sabedoria estaria em extinção.

Vivemos em um mundo onde a pressa tomou conta da nossa rotina tornando os momentos de bate-papo, conversas informais e vivências em grupo, que são os elementos propícios para o desenvolvimento da narrativa, cada vez mais escassos. Se por um lado antigamente eram comuns as pessoas se reunirem nas salas de estar para um café da tarde e longas conversas sobre suas vidas, atualmente os momentos para conversar são nos intervalos das aulas, do trabalho, dos afazeres.

O modo de viver mudou, estamos com mais pressa, mais atarefados e com menos tempo. E o modo de conversarmos teve que se adaptar a esta mudança.

Para Benjamin (1994), é como se estivéssemos cada vez mais privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências. Para ele, uma das causas deste fenômeno é estarmos pobres em experiência comunicável, aquela transmitida de boca em boca.

Talvez as experiências estejam deixando de ser comunicáveis. Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo e, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: “quase nada do que acontece está a serviço da narrativa e quase tudo está a serviço da informação” (Benjamin, 1994, p.203). Metade da arte da narrativa está em evitar explicações. [...] O extraordinário e o miraculoso são narrados com a maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. “Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação” (Benjamin, 1994, p.203).

A informação, marca da contemporaneidade, só tem valor enquanto é nova. No momento frenético em que vivemos tudo se torna descartável e apenas o imediato tem importância. O maior exemplo da descartabilidade e da superação das coisas está na

tecnologia, pois não cessam as inovações em aparelhos eletrônicos, computadores, câmeras digitais e outros.

A tecnologia é o maior veículo de obtenção da informação: as fotografias, filmagens, videoconferências, mensagens de celular, salas de bate papo, messengers e sites da internet nos fornecem grande parte das informações com as quais entramos em contato diariamente. Se por um lado torna-se cada vez mais fácil, e até instantâneo, saber o que se passa do outro lado do mundo, por outro lado, o interesse sobre tais informações dura apenas o tempo necessário para a leitura das manchetes.

Para Silva (2013), as mídias, ao trazerem suas narrativas, colocam-nas como parte do cotidiano. São formas a serem pensadas como mecanismos de representação da vida comum. Entretanto, não cabe a estes veículos trazer as narrativas apenas como a reprodução do cotidiano, mas, sobretudo, como um modo de reinventar o corriqueiro, de transformá-lo, de dar-lhe novos sentidos e de inserir-lhe novas práticas.

“As narrativas conservam suas forças e depois de muito tempo ainda são capazes de se desenvolver (Benjamin, 1994, p.204)”. Elas não estão interessadas somente em transmitir “o puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. O que se transmite através da narrativa está longe de ser algum dado quantificado ou uma nova teoria científica, pois está impregnada com a experiência de vida do narrador, que nela imprime a sua marca. Esta marca é algo que se perpetua no tempo e difere a narrativa da informação. São marcas como lendas, mitos e histórias que carregam os valores, costumes e cultura de quem as contam. A narrativa, portanto, contém em si uma relação entre o ouvinte e o narrador que diz respeito à tradição, à conservação do que é narrado. Do ponto de vista comunicacional, o peregrino narra a experiência. De acordo com Silva (2013), narrar é comunicar, é uma tentativa de “mediar” esta experiência. Portanto, o peregrino se torna um mediador, ao viver a experiência e depois narrá-la. A narrativa também é um modo de organização e perenização da memória. Narrar é dar sentido à experiência.

Partindo desse pressuposto, surgem novas perspectivas nas análises e observações das narrativas feitas pelos peregrinos em sites, ambientes virtuais e a criação de uma rede nacional de pessoas interessadas em trocar e divulgar informações bem como ver narrativas de peregrinos que fizeram o Caminho de Santiago de Compostela.

Os meios de comunicação eletrônico interativos aproveitando-se da necessidade de o homem vincular-se por meio do rito de peregrinação procuram desenhar um ambiente no qual esse vínculo possa acontecer (Miklos, 2012, p.140). Para Miklos (2012), esse ambiente eletrônico interativo, tornou-se possível peregrinar virtualmente pelas cidades e povoados que

fazem parte do Caminho de Santiago. Assim com essa tecnologia disponibilizada o Caminho toma uma dimensão que o próprio autor denomina como “Ciberperegrinação”.

Com ela, além do Caminho de Santiago, os monumentos, as catedrais, os albergues, estão virtualmente disponibilizados numa vista panorâmica de 360° na horizontal e 290° na vertical.

Com esse dispositivo as fotos podem ser vistas em diferentes tamanhos, em qualquer direção e ângulo. Com o ingresso na modernidade e com a evolução constante que a tecnologia nos proporciona, a cibercultura influencia diretamente na busca da compreensão do tempo e do espaço. Antes, fazer o Caminho de Santiago se dava por meios percorridos nas formas tradicionais, a pé, a cavalo ou de bicicleta, porém agora com essa tecnologia isso pode ser feito em seu escritório, sua casa e por que não dizer sentado na sua poltrona.

Para Miklos (2012), esse novo espaço midiático proposto fere o princípio da necessidade mítica, pois o tempo e o espaço surgem como imagens da mídia, quebrando essa unidade ativa da participação de todos num mesmo lugar. Essa quebra dividiu o espaço social e distancia os interlocutores desse processo, estreitando a relação com a cultura de massa.

As relações de comunicação, que se estabelecem via internet, principalmente sob a forma de intercâmbios que ali ocorrem tendo como objetivo principal o Caminho de Santiago de Compostela, permitem a observação das narrativas dos peregrinos dentro de um espaço virtual que agora abre uma relação de sociabilidade construída por essa via.

Embora a discussão sobre esse assunto não seja inédita, ainda é um campo embrionário, tendo em vista que as redes eletrônicas representam uma mudança sociocultural tão profunda o quanto é significativa.

Para as observações realizadas dos grupos de discussão sobre o Caminho foi utilizado o site <http://www.Caminhodesantiago.com.br/chat.htm>, que serve como ponto de encontro de pessoas que estejam interessadas em obter e trocar informações sobre o assunto, bem como suas narrativas de peregrinação. No site, foi verificado como são as narrativas feitas pelos peregrinos quanto às suas ideias, valores, crenças e definições de realidade, bem como as trocas de informações realizadas pelos participantes.

A comunicação via internet possibilitou a criação e desenvolvimento de novo espaço público, onde o sujeito vive a possibilidade da ambivalência entre o local e o global, entre o eu e o anonimato, entre o eu e outro.

A questão que explorei diz respeito não só as características midiáticas da internet, que afeta diretamente a comunicação, como também sobre a natureza das relações propiciadas por esse meio de comunicação.

Estamos, assim, diante da temática das relações sociais e da defesa de visões de mundo, *ethos* e valores, “religiosos” ou não, com o enfrentamento e oposições que acarretam, mas agora em um novo formato e em um novo ambiente desenhado por uma nova tecnologia.

O acesso à produção de bens materiais e simbólicos, proporcionado pelas novas tecnologias de comunicação, corresponde a uma democratização da informação, que repercute diretamente nas identidades no mundo contemporâneo. Atualmente, o debate sobre a influência dos meios de comunicação, no que diz respeito às transformações sociais, coloca em questão dois aspectos fundamentais - a interação interpessoal e intergrupal e o seu aspecto de instrumento ideológico.

No espaço virtual, os encontros ocorrem impulsionados por iniciativas individuais, advindas de vontades, interesses, por parte daqueles que participam pelo desejo de conhecer o Caminho de Santiago de Compostela e daqueles que querem manter viva a peregrinação conforme o discurso da maioria dos participantes da lista. São comuns alguns participantes se encontrarem nas reuniões das associações que ocorrem conforme uma agenda determinada para esses encontros, onde os laços de amizade são reforçados e também surge a possibilidade de conhecer pessoalmente os seus contatos que fizeram pela internet.

As relações estabelecidas via internet são reforçadas pelo contato face a face, tornando a relação mais fortificada. Normalmente, quando se procura estabelecer uma relação mais íntima com outra pessoa, entra-se em contato e marca-se um encontro. Existem vários tipos de site por onde as narrativas e discursos sobre o Caminho circulam frequentemente. Circular significa aqui um dos dois tipos de atividades: informativa (solicitação ou divulgação de dados) ou convencional (sobre determinados temas e assuntos).

A divulgação de informações pode ser conseguida nos seguintes sites:

- a) <http://www.caminhodesantiago.org.br/>
- b) <http://www.caminhodesantiago.com.br/index.html>
- c) <http://www.santiago.org.br/>

Nestes sites publicam-se textos informativos, preparados pelas diversas associações de amigos do Caminho de Santiago de Compostela existentes no Brasil e no Mundo, para difundir suas notícias. As redes das comunidades virtuais que se formam ao redor desses serviços, permitem que as pessoas se encontrem de maneira espontânea para conversar, trocar informações através da digitação de frases curtas e em geral em poucas linhas, sobre temas relacionados basicamente sobre o Caminho, tais como o que levar, equipamentos necessários, tipo de calçado, onde comprar os objetos, tipos de mochila, etc.

Normalmente o primeiro contato no grupo de discussão se dá com uma breve apresentação, como, por exemplo;

Olá, sou nova na rede e gostaria de me apresentar. Meu nome é Rosângela, sou mineira, moro em São Lourenço, sul de Minas e tenho 32 anos. Há algum tempo penso em fazer o Caminho de Santiago de Compostela e agora quero fazer no início do ano que vem. Ao fazer uma pesquisa na internet, descobri esse chat para ter mais informações de pessoas que já fizeram o Caminho. Conversei com o Sr. Macio Marcondes, ele me informou que existem reuniões que são realizadas uma vez por mês e é possível tirar as dúvidas. Caso eu não consiga ir, nos falamos pelo chat para eu obter algumas dicas.

Abraço (Rô).

No geral os peregrinos que já fizeram a peregrinação supostamente já têm uma experiência que pode contribuir com os novatos, respondendo perguntas, explanando as dificuldades e passando um panorama de seus principais momentos durante a caminhada.

Embora haja uma predominância das pessoas que acham que a “experiência no Caminho é única e que cada um vive o que tem para viver”, dificilmente alguém deixa de dar a sua opinião sobre o assunto quando abordado. Muitas vezes os debates giram em torno das transformações pessoais ocorridas, principalmente após a realização da peregrinação, dando margem à valorização do autoconhecimento.

Existe uma rotatividade muito intensa no Chat e a participação é intensa, normalmente associada à época da peregrinação. Os novatos, ou candidatos ao fazerem o Caminho tem uma participação mais ativa até a data de partida para o Caminho, quando pedem o seu desligamento temporário. Muitos voltam ao Chat quando retornam da viagem e outros, embora voltem a participar já não fazem com a mesma frequência.

De qualquer forma com maior ou menor intensidade na participação, todos concordam que é importante o trabalho de divulgar o Caminho, especialmente através da lista e do Chat.

A sociabilidade proporcionada pela inter-relação produzida pela participação no grupo aproxima ainda mais a pessoa, de tal forma que muitas se dizem íntimas de pessoas que nunca viram, embora tenham a sensação de que são amigos há muito tempo.

Uma das forças articuladoras da comunicação via internet parece residir no fato de constituir uma esfera pública não sujeita a regulamentações externas. O que poderia chamar de estatuto ético das comunidades virtuais estaria assentado em valores, crenças, motivações e interesses. Na ausência de uma ordem, os indivíduos navegam consignados em escolhas individuais ou de grupo. Portanto, são comunidades que constroem também suas estruturas de conhecimento.

Há uma troca de ideias intensa entre os participantes do Chat a respeito dos mais diversos assuntos, bem como uma preocupação constante em apoiar aqueles que procuram auxílio. Uma dessas singularidades da comunicação via internet consiste em que as comunidades virtuais definem e objetivam valores éticos e códigos de conduta, pois tais regras devem ser aceitas por consenso e adaptadas às práticas e objetivos do grupo, o que propicia a reelaboração da própria dinâmica do grupo.

O incentivo mútuo é uma constante nas relações estabelecidas, sendo comum a troca de cumprimentos entre os participantes do grupo em diversas ocasiões, como por exemplo, pela realização do Caminho, das datas significativas (Natal, Páscoa, aniversários), nascimento de filhos, netos, provas realizadas, aprovação em concursos, ingresso em novo emprego. Também é muito abordado o tema sobre a segurança em fazer o Caminho, principalmente por fazê-lo sozinho, em função dos “eventuais perigos” como roubo, cachorros, tempestades, chuvas, assédio sexual.

Ao acompanhar a lista e o Chat, somente uma vez foi noticiada a morte de um peregrino durante o percurso e foi dramática a forma como se soube, levaram quase um mês de busca da morte de um peregrino chamado Carlos de Assis, sendo informado no Chat através de um mediador em Outubro de 2011:

Hoje morreu o peregrino chamado Carlos de Assis. Os peregrinos se encontram tristes. No Alto do Pirineus na parte espanhola debaixo de um barranco, foi encontrado o seu corpo. Não se sabe o que ocasionou a sua morte, estamos todos de luto. Carlos fazia esse Caminho pela segunda vez e ele havia dito a seus familiares que essa seria a sua ultima experiência. Parecia que ele já estava prevendo. Que Santiago o conduza para o melhor Caminho por todo o sempre. Que Deus te acompanhe, peregrino, (Ricardo Jose Gonçalves, 44 anos).

Tanto nos sites, como nas reuniões da Associação dos Amigos do Caminho é feita a recomendação de que a peregrinação não deve ser realizada durante o período de inverno europeu, devido ao frio e a neve.

Os temas recorrentes sobre o Caminho são apresentados dentro do que poderíamos chamar de estrutura através do qual outros bens também circulam e são intercambiados. Um aspecto que é importante é o fato da pessoa poder construir e inventar a própria imagem na Internet. Nos meios eletrônicos, em particular, a comunicação mediada por computador, também são empregados formas de construção de identidades plurais. Não se fala em uma identidade, mas em muitas identidades, pois representadas pela linguagem, pelos sistemas simbólicos e produção material pelos quais adquirem sentido, as identidades são construídas através do compartilhamento de ações e crenças em comum.

Considerando que não existem comunidades naturais, as pessoas constituem grupamentos, através das representações elaboradas, significações e sistemas simbólicos e sociais, imaginados e inventados, que lhes permitem classificar o mundo.

Desta forma são criados e estabelecidos laços sociais que permitem ligar pessoas, que sem eles seriam simplesmente indivíduos isolados sem nenhum sentimento de terem qualquer coisa em comum (Hall, 2001). Consideramos a comunidade virtual criada a partir das relações sociais estabelecidas através da participação no grupo de discussão sobre o Caminho de Santiago, uma nova forma de sociabilidade.

O encontro virtual parece concretizar um encontro real, criando relações interpessoais através do interesse pelo Caminho. Interessante perceber ainda que o espaço virtual vai criando novas redes de sociabilidade entre os peregrinos, tanto no Brasil como no exterior, unindo mundos culturais e estilos de vida tão distintos e distantes. Se nos últimos anos, o aumento expressivo no número de peregrinos, provenientes dos mais distantes países, parece indicar a transnacionalização do Caminho, também será por conta da crescente utilização das novas tecnologias de comunicação que a eficácia dessa transnacionalização se verificará. Mas também não se pode esquecer que existe outra forma midiática importante para a difusão do Caminho, que é feita através dos livros existentes sobre o assunto.

Ao se referirem ao Caminho e falarem de suas experiências vivenciadas durante a peregrinação, os peregrinos brasileiros acionam um conjunto de referências que foram sendo acumuladas durante o Caminho, sendo criado um estoque de argumentos que são colocados em prática por um número cada vez maior de brasileiros.

Na análise das narrativas dos peregrinos brasileiros encontramos vários aspectos que, vão desde a mais estritamente religiosa, até vagas razões de tipo “espiritual”, como procurar “paz interior”, ou “simplesmente passar o tempo refletindo”. Como podemos perceber no depoimento abaixo:

Fui para Santiago buscando me aproximar de Deus pai, quero ir além do poder da Igreja e do julgamento final (Maurício, 46 anos)

Quis agradecer pois queria outro filho, já que a primeira tentativa não pode acontecer. Tive que passar por uma intervenção cirúrgica e quando a fiz percebi que estava grávida. Foi um erro médico sem precedentes [...]. Ela nasceu de sete meses, com diabetes e com um fissura na boca [...]. Hoje ela está bem depois de várias cirurgias. Aprendi muito com essa situação, de entender o sofrimento e eu não sei daqui para fazer penitências. Quis fazer o Caminho para ser feliz, eu queria me descobrir [...]. Eu queria ouvir à mim mesma. (Bernadete Santos, 34 anos)

O Caminho é um pretexto para quem precisa se dar um tempo, uma oportunidade para recolocar os valores em seus devidos lugares, identificar as atitudes e as pessoas que roubam frequentemente a sua energia. Um lugar para confirmar o amor e agradecer ao universo pelas bênçãos recebidas (Marco Antônio, 45 anos)

Entre as motivações os aspectos culturais, lazer, diversão, esportivo e outras, nas quais não aparece nenhuma vinculação inicial com a questão religiosa/espiritual.

Eu queria férias diferentes. Estava enjoado dos lugares a que costumava ir. (Marcondes, 38 anos, advogado e administrador.)

Podemos perceber também uma mistura entre os dois motivos referidos acima como declara Augusto (28 anos, estudante de comunicação):

Estava procurando um destino para as minhas férias em um lugar diferente, ao mesmo tempo conhecido (morei algum tempo na Espanha). Queria umas férias inesquecíveis. Queria tanta coisa que acabei me decidindo para uma viagem em busca de algo espiritual. Então resolvi fazer o Caminho de Santiago por varias razões e nenhuma em específico. Acredito que seja “o chamado”.

Assim o Caminho assume múltiplos sentidos e finalidades, como diz uma peregrina:

Não posso dizer que o maior motivo tenha sido religioso. Acredito honestamente que uma das motivações foi o desafio de andar a pé os 800 km, o turismo barato, percorrer um Caminho milenar que, em certos trechos, parece que parou no tempo, por aventura, por uma troca de cultura, e por último ficou o motivo religioso. (Rose, 27 anos)

A associação do Caminho com o turismo (“queria férias diferentes”) aparece em distintas narrativas, bem como o aspecto de ser “um turismo barato”. Por outro lado surge também o aspecto histórico-cultural: (“ouvi diversos mitos e histórias a respeito”), (“queria conhecer a sua história e arquitetura”), (“pela ideia de percorrer um Caminho histórico”).

Interessante destacar uma expressão utilizada por um dos peregrinos, em que aparece claramente a relação entre o turismo e o esoterismo: “Inicialmente eu pensei que estava fazendo um turismo esotérico, porém no final, pude ver que é fundamental para a vida e que todos deveriam fazer algo parecido”.

De acordo com Steil (1999), podemos distinguir duas estruturas de valores e sentidos associados ao campo da peregrinação e do turismo, mas no nível empírico, esses campos aparecem sempre distintos, tornando suas fronteiras bastante fluidas e indefinidas.

Não podemos considerar como experiências justapostas, mas sim estruturas de significados que se articulam, dando origem a múltiplas possibilidades e combinações. São lógicas que emergem em determinadas situações, dando aos eventos diferentes configurações e sentidos (Steil, 1999).

Dessa forma, podemos ver ligado ao campo religioso, significados e valores relacionados ao turismo que, algumas vezes, podem criar para uma tradição da peregrinação, onde produz outro evento, que poderíamos chamar de “turismo religioso”.

Em vez de focalizar o turismo como um elemento exterior ao campo religioso que poderia certamente deturpar um sentido “original” da peregrinação, compreendi a sua emergência com uma expressão da moderna “peregrinação”, como proposto por Steil (1999).

Vale ressaltar que a própria peregrinação, estaria exigindo uma abordagem que desse conta de sua dinâmica em atualizar e incluir novos elementos vindo de fontes distintas como, a lógica econômica que está ligada diretamente aos empreendimentos turísticos.

Particularmente, ao analisar o âmbito das motivações, emergiram discussões a respeito da busca interior, do sentido da vida e da necessidade de atualizar os valores e princípios básicos atribuídos pelos peregrinos à peregrinação, trazendo também à luz questões referentes ao tema das identidades estrategicamente construídas através das “biografias” ou “trajetórias” e de um *ethos* e visão de mundo específica.

O Caminho a Santiago de Compostela permeia ao peregrino uma construção dos sentidos, eles descrevem as suas motivações dentro das narrativas das histórias ao longo de suas vidas. A seguir veremos algumas similaridades nas narrativas e algumas considerações.

3.3 A Noção de Coincidências nas Narrativas e a Busca de Autoconhecimento

Nas narrativas apresentadas os peregrinos descrevem as suas motivações e seus desejos em fazer o Caminho, bem como os diferentes percursos e passagens que realizam ao longo de suas vidas. Em alguns relatos podemos perceber que alguns peregrinos citam fortemente histórias de suas vidas, dando maior densidade às narrativas, que estão sempre referidas a mitos, crenças e personagens que fazem parte do universo do Caminho.

Não é minha pretensão esgotar todas as questões que foram levantadas ou indicadas nessas narrativas, tal a sua complexidade, mas quero apontar para um conjunto de ideias, questões e problemáticas que dizem respeito aos dilemas enfrentados pelos indivíduos na sociedade moderna. Cada um desses relatos expõe, a partir de um dado ponto de vista,

aspectos parciais dos dramas e dilemas “humanos”. Eles falam de pessoas que buscam uma relação direta com Deus, que lutam contra “seus demônios”; dizem respeito a sentimentos, emoções e valores que em contradição constante alimentam nossa existência. Falam de questões filosóficas, que sempre em quase todas as sociedades e culturas, fizeram parte das reflexões de seus principais pensadores.

Os aspectos que considerei como mais significativos, são questões como “quem sou eu”, “de onde vim?”, “para onde vou?”. As diferentes respostas para esses dilemas sempre estiveram no centro das reflexões da sociedade. A necessidade de conhecer melhor o eu interior de cada um revela, entre outras coisas, uma positividade da busca do autoconhecimento que se torna a base central da vida dessas pessoas, constituindo-se como um projeto socialmente elaborado, que anima os distintos peregrinos em suas “buscas”.

Os trânsitos e as passagens retratados pelos distintos peregrinos são aspectos importantes a serem salientados. Eles dizem respeito a um conjunto de práticas que poderíamos chamar de “religiosas” ou “mágicas”, e mostram como as pessoas lidam com sistemas de crenças aparentemente distintos. A relação entre catolicismo e magia fica explícita em quase todas as narrativas. O outro aspecto a ser destacado diz respeito à análise que eles mesmos realizam dos fatos que consideram como mais importantes em suas trajetórias de vida.

A noção de “coincidências” é narrativa de fatos que poderia ser traduzida em outra linguagem, mas que dentro daquele contexto assume um significado específico. “Percebo que as denominadas” “coincidências” são lidas sob a ótica de uma espécie de crença que vigora entre os peregrinos brasileiros, ou seja, “se você pedir, você recebe”, no melhor estilo da famosa frase atribuída a Paulo Coelho: “o universo conspira a seu favor”. (Coelho, 2004, p. 148).

Os brasileiros inspirados nas “coincidências”, na ideia de que nada acontece por acaso, faz uma similaridade com a teoria da casualidade. Só que em vez de estar voltada para a singularidade do infortúnio, temos um sistema de explicação para o acaso, entendido também como um sistema de conhecimento. No caso das “coincidências”, o que se busca explicar é o que parece ser “imponderável”, “extraordinário”.

Esses aspectos parecem indicar que grande parte das representações apresentadas nessas narrativas está informada pelos mesmos princípios e categorias com que se constroem os discursos que venho denominando *jacobeo*.

Na análise dos sites busquei perceber os temas comuns, o que levou a organizá-los a partir de uma estrutura que os prioriza. Assim, os argumentos que se seguem estão

organizados dessa forma: conjunto recorrente de ideias, aspectos, crenças, mitos, lendas, personagens e monumentos encontrados nas narrativas. De alguma forma, são símbolos, signos valorizados, crenças compartilhadas que não só constituem uma estrutura mínima, como organizam também sentimentos que pertencem a uma “comunidade emocional” de amigos e companheiros do Caminho.

O ritual da peregrinação apresenta-se como um dos aspectos considerados mais importantes. Isso fica evidente na forma com a qual os peregrinos privilegiam as ações sociais que se realizam no contexto de visões de mundo compartilhadas.

Dessa forma, a análise das experiências vividas e descritas pelos peregrinos, durante o Caminho, me permite classificar a peregrinação com um ato de resultado em virtude do realizado.

Após análise das narrativas foi observado vários depoimentos dos peregrinos, onde: a de que “ninguém faz o Caminho impunemente” e que “nada ocorre por acaso”. A ela poderia ainda acrescentar outra noção recorrente que o indivíduo, quando faz o Caminho, está sempre atendendo a um chamado, de forma consciente ou inconsciente.

Essa linguagem própria do ritual, para ser eficaz tem que ser percebida e entendida pelos que a emitem e recebe daí o caráter redundante do ritual; a repetição, a observação de uma gestualidade própria, a observação de uma oralidade própria, anotações em um calendário. Enquanto ritual, o Caminho é percebidos através de categorias tanto individuais como coletivas, parece indicar e ao mesmo tempo, celebrar mudanças individuais que, no entanto dizem respeito às expectativas do grupo como um todo.

As experiências da peregrinação permitem aos peregrinos confirmarem, inventarem e construir seu mundo, colocando-os em contato com um universo discursivo e ritual, testando suas crenças, valores e certezas.

A ideia predominante não é tanto marcar a transição social daqueles que vivenciaram a experiência da peregrinação, isto é, de realizar uma mudança de um estado fixo para outro, seja social ou religioso. Em vez disso, busca-se viver quase 30 dias de peregrinação a experiência do encontro com pessoas e grupo com concepções práticas e ideias muitas vezes contrastantes.

Durante o percurso, os peregrinos realizam performance temporal e espacial de algumas concepções que compõem a sua cultura e que são a grosso modo englobadas pelo drama do Caminho. O ato de peregrinação está assim, marcado por vários sentimentos e valores éticos que são vivenciados durante o percurso. Sentimentos, emoções e expressões como paz, solidão, medo, fome, vaidade, angustia, amizade, solidariedade, humildade

companheirismo são recorrentes nas narrativas. Como afirmou Paulo (Advogado, 48 anos): “No Caminho aprende-se a habilidade de compartilhar tudo, no mais puro sentimento de humildade” (Trombini, 2012).

Praticamente todos os peregrinos praticam a atitude de respeito ao próximo, em todas as situações vivenciadas durante o percurso, o que também foi apontado por muitos peregrinos. Angélica (Analista de Sistemas, 35 anos) disse: “Existe um grande respeito entre os peregrinos é um ponto de honra, é uma das coisas mais lindas do Caminho” (Trombini, 2012). Mas o principal destaque foi atribuído ao sentimento de companheirismo que é construído e compartilhado por todos. Sobre essa questão, Manoel (Gerente Financeiro, 42 anos) disse: “Tínhamos um sentimento de irmãos, todos filhos do mesmo Caminho de Santiago de Compostela”.

Nas andanças dentro do percurso é imposta aos peregrinos uma “celebração à natureza”, exprimindo justamente uma ideia do sagrado que se projeta no mundo externo e íntimo do indivíduo, ligando-o às forças universais da vida, não na tradição, mas através das tradições. A maioria relatou assim o sentimento de completa harmonia e comunhão com a natureza, como Josimar (Engenheiro, 28 anos), que comenta: “Seguia encantado e, como por encanto, cheguei a Castrojeris e quase não acreditei: estado de êxtase puro, muitos anjos recebendo os felizardos que chegavam ao lugar onde a natureza, com a ajuda de Deus, vivia um momento de clímax completo e eu com ela”. Também o relato da Magali (Fonoaudióloga, 34 anos), que além de falar sobre a sensação de sintonia com a natureza, tinha também um sentimento da “presença de Deus”:

Depois de concluído o jantar, o sol já começava a se recolher e fui andando para dentro do bosque meditando, e numa sensação de êxtase com toda a beleza que me envolvia, com a passagem lenta do dia para a noite. Sem poder me segurar eu chorei, agradecendo por tudo aquilo existir, fazendo com que a vida tivesse uma grande importância para mim. Depois, me sentei na varanda totalmente solitária e acompanhei o término dos últimos raios solares daquele lindo dia. O céu começava a mudar de cor, era por volta das 21h30min, a noite chegava e com ela o canto das aves noturnas. Para mim foi uma contemplação divina e me fez sentir a presença de Deus.

Através da intensificação das emoções em sintonia com o sagrado, como fonte natural da vida, dramatiza-se, assim, o encontro do ego com algo que lhe extrapola – isso é o *self*, uma dimensão interior ainda não representada pelas afirmações e ações codificadas pela cultura.

Realizar a peregrinação a Santiago de Compostela significa, na visão dos peregrinos, uma promessa de transformação e, por isso, essa questão ganha centralidade na maioria dos sites analisados. É um ritual que leva seus participantes a uma “reavaliação da vida”, de “suas prioridades”, “crenças”, “ambições”, “desejos”. Embora a modificação fundamental se processe na maneira como eles “vêm a si mesmos”, o que parece indicar que através do ritual poderá ser operada uma ressignificação de suas próprias vidas.

Como fonte dessa promessa é a emergência de “um novo ser”, não apenas interiormente mas também nas relações sociais estabelecidas, pois desta forma o ideal de transformação é apresentado pelos peregrinos como a base fundamental que orienta ações e práticas que desenvolveram durante todo o seu percurso.

Através da predisposição e motivados pelos seus desejos de experimentar um processo de transformação, os peregrinos afirmam a importância do autoconhecimento como um dos elementos que desencadeiam esse processo. Podemos dizer que a noção de autoconhecimento é definida pelos peregrinos como o “processo de ver a si mesmo de verdade, sem os disfarces e as máscaras que os homens costumam usar”.

Outro preceito bastante generalizado das narrativas dos sites é a entrega da responsabilidade de decisão ao indivíduo. Prevalece a ideia do livre arbítrio, e este é um imperativo ético no universo do Caminho. Em sua condição interna ou externa, o Caminho é percebido também como uma experiência que desencadeia um processo de reflexão que pode levar a profundas modificações da forma como o indivíduo “encara a sua vida”.

Tais colocações parecem se aproximar de uma questão fundamental discutida por Giddens (1993) com relação a um princípio básico da chamada vida moderna.

Segundo o autor:

O princípio da autonomia proporciona a linha direcionada e o componente substantivo mais importante desses processos. No terreno da vida pessoal, autonomia significa a realização bem-sucedida do projeto reflexivo do eu que deve ser desenvolvido de maneira a permitir a autonomia em relação ao passado, este por sua vez facilitando uma colonização do futuro. Assim concebida, a autonomia permite aquele respeito pelas capacidades do outro, intrínseco a uma ordem democrática. O indivíduo autônomo é capaz de tratar os outros dessa forma e reconhecer que o desenvolvimento de suas potencialidades separadas não é uma ameaça... (Giddens, 1993, p.206.)

Ao mencionar o uso crítico que faz dos livros de autoajuda, para falar de autoidentidade e da autonomia pessoal, o autor destaca que existem relatos das alterações que afetam a vida pessoal, mas sim porque correspondem à expressões de processos de reflexividade que esboçam e ajudam a conformar. Desse ponto de vista para Giddens (2002,

p.73-74), são relatos que têm caráter emancipatório: apontam para mudanças que poderiam libertar o seu desenvolvimento autônomo. Como um processo ritual, o Caminho se apresenta também como um sistema culturalizado de simplificações, comportamentos padrão nos quais efetivamente as emoções humanas são manipuladas em direção a algum propósito.

Assim, por exemplo, o sagrado e o profano, longe de serem opostos absolutos, constituem-se categorias que operam simultaneamente. A um só tempo estamos diante de um conjunto de atos que celebram a tradição cristã e também atos de encontros, de solidariedade, de neutralização de diferenças. No Caminho, a relação com o sagrado parece tornar-se mais fundamental que a religião, através de um formalismo que não obedece, prioritariamente a um recorte. Nesse caso, importam menos a religião ou a crença e mais o modo específico de relacionar elementos e rituais.

Os peregrinos afirmam que percebem o recebimento de “um chamado ao Caminho”, também acreditam que tem uma “missão” para depois, embora nem sempre saibam o que fazer. O certo é que, depois de realizada a peregrinação entram numa fase em que só conseguem pensar na experiência e em seus significados.

Como fonte de memória, tiram centenas de fotos, as correspondências com os amigos que fizeram no percurso, das mais distintas nacionalidades. Mas, também, muitos peregrinos dizem que não conseguem falar em outra coisa que não seja a vivência no Caminho e de querer estar com os outros peregrinos. Veremos alguns traços de brasileiros que fazem o Caminho e que nos permitem discutir as razões pelas quais os brasileiros fazem o Caminho e buscam a construção dos sentidos.

3.4 O Caminho para construção dos sentidos

A construção da peregrinação é um momento fundamental para apontar alguns traços que nos permitem discutir as razões e os sentidos pelos quais diversos brasileiros fazem o Caminho. Por isso é interessante identificar as principais referências a fim de pensar na sociedade e também na atuação individual na vida social. Sair para uma peregrinação a Santiago requer uma preparação tanto física, como mental.

Mas independente do tempo, nas narrativas dos peregrinos sobre o Caminho há um consenso em torno da ideia de “quem vai, vai atendendo a um chamado”. Ana Lucia (Administradora de Empresa, 38 anos), enfatiza que o Caminho lhe chamou. Conforme a narrativa dela:

Hoje completa um ano que comecei minha viagem rumo à Espanha, e gostaria de dividir meus sentimentos e reflexões. Para mim, o Caminho foi uma coisa totalmente inesperada. Sabia que existia por ter lido há muitos anos o livro do Paulo Coelho, mas nunca pensei em fazê-lo. O que me levou a tomar uma decisão tão contrária ao modo como vivi a minha vida adulta? Eu, a "certinha" que não se arrisca, não gosta de exercício e banho frio, só fala português e tem medo de contato com muita gente, sair do conforto de minha casa para caminhar 1 mês pela Espanha!!!! Minha vida tomou um rumo muito diferente dos meus sonhos de adolescente, das minhas expectativas. Quando me imaginava no ano 2010, teria uma carreira profissional na área científica, seria solteira, independente e sem compromissos. Viajaria muito e já conheceria toda a Europa de trem. Na realidade, estava casada e com um filho, era dona de casa e minhas viagens se limitavam à casa dos familiares. Então, bateu a maior crise: o que estou fazendo? Não deveria correr atrás dos meus sonhos? Deveria me conformar com minhas escolhas ou largar tudo e começar de novo? Foi neste estado de espírito que surgiu a possibilidade do Caminho, através de uma amiga que iria e me convidou para acompanhá-la, ou seja o Caminho começou a me chamar. Se fosse em outro momento, provavelmente teria recusado. Mas queria pensar, decidir o que fazer, descobrir se estava só acomodada ou se estava satisfeita com tudo. Foram apenas dois meses de preparo. Também acho que se fosse mais tempo, acabaria desistindo. Mas tudo se encaixou perfeitamente. Já tinha mochila e saco de dormir, precisei comprar só a bota. Parcelei as passagens, meu marido conseguiu uma viagem a trabalho para o exterior e dividiu os dólares comigo. Minha sogra veio tomar conta da casa e do meu filho. Embarcamos num sábado. Cheias de planos e ansiedade. Demorei a acreditar que estava realmente fazendo aquilo, deixando tudo para seguir flechas amarelas pelo norte da Espanha!!! Foi uma das melhores decisões que tomei. Decidi muitos assuntos pendentes comigo mesma, muitos mais do que imaginava possível. E descobri que ainda tenho muitos mais a resolver, e mas tenho força para isso, é só eu querer. Conheci muitas pessoas, todas buscando alguma coisa. Nem todas encontraram exatamente o que queriam, mas descobri que no Caminho se aprende o que se precisa, e isso não é necessariamente o que se quer. Com todas elas troquei alguma coisa, mesmo com as pessoas que não gostei ou não gostaram de mim. De muitas, recebi mais do que dei, e aceitei que isso não é vergonha. Vergonha é não doar nada em momento nenhum, receber é importante e o orgulho não deve impedir isso. Minha vida mudou, tomei decisões e defini o que queria. Agora tenho um emprego, tomei as decisões que queria. Mesmo depois do Caminho, continuo com dúvidas, que vou decidindo aos poucos. Acredito que iria mudar de qualquer jeito, mas o Caminho foi um catalisador, ajudou a colocar tudo em perspectiva. Não tenho como descrever em poucas linhas a intensidade, a força de tudo que aprendi, nem estou tentando. Só queria dividir um momento de alegria e felicidade pela oportunidade que tive no momento certo. E dizer que não acredito em coincidências e acaso. Aos que ainda não foram por algum problema que surgiu ou que ainda não tem data marcada, acreditem que vocês irão quando for o tempo certo. Tenham fé. (Portal do Peregrino).

Quando parti para a decisão fazer o Caminho, percebi que o momento era aquele, mas acredito que também tenha sido um “chamado”, pelo menos foi a minha interpretação de alguns fatos que estavam ocorrendo naquele momento. Muitos peregrinos, na busca em

atender a um “chamado”, chegam no início da rota ainda se perguntando: “Porque fazer o Caminho de Santiago?”.

Hoje, consigo responder claramente a essa pergunta: Fazer o Caminho é descobrir o quanto de peso você carrega nas costas, porém o mundo é mais simples do que parece. Mas essa é uma resposta no meio de milhares, pois cada peregrino traz uma resposta a essa pergunta. Cada um traz um significado que preenche várias lacunas que estão abertas e que interferem na sua identidade. Na minha resposta mostro uma dimensão que se inicia na escolha do que levar na mochila, pois a maioria dos peregrinos sempre leva mais coisas do que irá necessitar e, chegando lá reavalia o que realmente vai precisar e o que sobra despacha-se pelo correio ou doa-se aos albergues, ou seja, isso já é considerado pela grande maioria um exercício de “desapego”, um dos grandes ensinamentos da peregrinação. Com isso posto percebemos que o Caminho inicia-se quando você começa a arrumar a sua mochila pela primeira vez.

Devido à necessidade de levar somente o “essencial³³”, o peregrino busca evitar o excesso de peso na mochila. Com isso as pessoas, por analogia, entendem que não precisam de tantos bens materiais para viver, ao contrário do que é pregado pelo mundo do consumo. Essa atitude de uma forma metafórica significaria “despojar-se do supérfluo”, “das cargas pesadas da vida”, “dos fardos”, “das culpas”, “do excesso de roupas”, “das frustrações”, “das coisas acumuladas”, “das coisas mal resolvidas”, “do excesso de responsabilidade”, enfim, de uma série de outras coisas, que foram ditas por vários peregrinos.

Um peregrino chamado Ricardo, de 27 anos, disse:

No Caminho pude perceber o quanto a minha mochila da vida estava pesada. Eu carregava o mundo nas costas, buscando dar o conforto necessário para mim e meus familiares. Porém quanto pesa dar esse conforto? A mochila da vida somente eu estou carregando. Será que terei força para chegar ao meu destino? Essas perguntas fizeram com que eu mudasse rapidamente a minha forma de ver a vida. E graças ao Caminho pude perceber na pele, o que eu queria carregar dentro da minha mochila da vida.(informação verbal)³⁴

De maneira geral durante o percurso, foi observado às várias manifestações sobre as definições do significado da peregrinação, nas quais eram colocados de forma explícita os benefícios do tipo psicológico e espiritual, ou seja, se conhecer melhor, perceber os limites, o reencontro com o seu “autoconhecimento”, face a face com você, contato com Deus ou com o divino.

³³ Nas Oficinas e Associações de peregrinos, à indicações do que levar dentro da mochila para fazer a peregrinação.

³⁴ Relato de peregrino, Ricardo, 27 anos

Nessa mesma direção, são atribuídas várias benesses ao ato de caminhar, como por exemplo, “a ideia de que caminhar, andar é a melhor forma de sair da mente”. Outra ideia é a de que uma rota não pode ser simplificada por causa de uma origem ou de um destino, sobretudo ser entendida a partir da visão de que “a própria vida é uma eterna caminhada”.

Quando se está no Caminho, a comunicação é feita através de vários recursos, entre eles, os livros dos albergues que servem para os companheiros que ficam atrás. Normalmente os albergues tem hora para fechar, por volta das nove horas da noite, pois após esse horário o local precisa ser limpo para receber os peregrinos do dia seguinte. A mochila normalmente tem que ser esvaziada cada vez que se necessita de alguma coisa, expondo assim todo o seu conteúdo.

A ideia de fazer o Caminho sozinho é sempre considerada positiva por todos os peregrinos apesar de que a ideia geral é “que cada um faz como pode e não como quer”.

Os peregrinos definem sua identidade a partir de diversos elementos, sendo que um deles é o vestuário peculiar que inclui basicamente uma mochila nas costas, um cajado nas mãos, um chapéu ou boné, uma concha (vieira) que normalmente se leva pendurada na mochila.

As vestimentas são uma particularidade única entre os peregrinos, pois muitos trazem modelos típicos de sua nacionalidade, porém não diferem muito umas das outras. Ao conversar sobre as dificuldades enfrentadas, o peso da mochila e as motivações para fazer o Caminho eram recorrentes, mas também são frequentes as trocas de ideias sobre os monumentos, catedrais, ruínas de castelos e conventos. Os relatos feitos pelos moradores de cada cidade e vila, narram os mitos, lendas e histórias de santos que povoam o percurso. Ao longo do Caminho, tive a oportunidade de conversar com vários peregrinos de diversas nacionalidades, e sempre lhes perguntava sobre as suas ações.

Praticamente todos concordavam que a sensibilidade estava ficando muito mais expressiva, pois muito choravam no Caminho sem saber o motivo, também a reflexão mexia muito com o seu estado emocional.

Como dizem os peregrinos “a emoção os tomava”, a expressão das emoções através do choro era constante, dos abraços, dos beijos, dos pulos e gritos, da música, onde tudo se constituía em uma forma de comunicação entre os peregrinos.

O que me chamava à atenção é que a expressão das emoções era particular para cada cultura: o Italiano falava alto, o Espanhol gritava, o Japonês expressava suas emoções de uma forma introspectiva; enfim, cada um se expressava de uma forma. Também pude perceber que em toda a conversa com os peregrinos como era frequente a pergunta sobre motivo da

jornada. Era como se fosse uma introdução para se iniciar uma conversa. Essa pergunta surgia naturalmente entre os peregrinos, independente do assunto que eles desenvolviam. Era como se o motivo de alguém estar ali definisse a sua identidade, que poderia servir como um ponto de referência.

Como o meu recorte é sobre os brasileiros, uma questão orientou o estudo, porque os brasileiros realizam essa peregrinação? Essa pergunta se desdobra em muitas outras, como: quais são as suas motivações? De que forma isso afeta as suas vidas?

Quando se referem ao Caminho e falam das suas experiências vivenciadas durante a peregrinação, os peregrinos brasileiros buscam um referencial que foi sendo acumulado em torno do Caminho.

Ao trazerem uma quantidade de argumentos, de ideias e de representações, padrões de comportamento, vão sendo atualizados ao serem colocados em prática por uma quantidade cada vez maior de peregrinos brasileiros. Assim, ao levantar as razões que mobilizam os brasileiros, foi constatado que as romarias, os milagres, os votos, graças e promessas não são os principais motivos.

De acordo com os relatos, os principais motivos levantados pelos brasileiros foram “aventura”, “férias diferentes”, “por gostarem de atividades físicas”, “percorrer o Caminho e descobrir lugares novos”, “encontrar pessoas novas”, “história e arquitetura”. Também foi possível perceber as motivações com o objetivo “religioso e místico”, “sou esotérico”, “pela fé e pela experiência da peregrinação”, embora não fossem os predominantes.

Todos esses motivos não apontam somente para a diversidade entre os peregrinos, pois eles podem indicar uma ou mais motivações para fazerem o Caminho.

Enquanto uns representavam o Caminho como um “local sagrado”, “místico”, ou como um “campo energético”, propício ao desenvolvimento espiritual ou ao autoconhecimento, outros apontavam para o aspecto turístico propriamente dito ou até mesmo para fatores que transformavam o Caminho em um palco de múltiplas disputas de sentido.

Cabe ainda dizer que o primeiro aspecto assinala uma ampla situação que vai desde a religiosidade “encontrar a Deus” ou até razões do tipo “espiritual”, como procurar a “paz interior”, ou “simplesmente buscar reflexões”.

Como aponta a narrativa que segue:

Fui para Santiago em busca do autoconhecimento, mas descobri algo, além disso, descobri a mim mesmo. A simplicidade daqueles lugares, tão longe da tecnologia moderna e tão perto do coração, tocava-me de uma maneira maravilhosamente doce, parei, tirei a mochila e fiquei ali a sentir aquela vibração de calma e serenidade, como se estivesse gravando aquelas sensações dentro de mim, para quando delas precisasse... Comecei a pensar

na teoria da mudança do padrão mental, coisa que tantas vezes falei, mas, que naquele momento, eu parecia estar vivendo de uma maneira total e absoluta. Comecei a pensar nos motivos que nos levam a sofrer... Em cada lágrima, em cada dor existe uma grande oportunidade de se fazer uma análise e perceber a causa da dor ter se instalado... "Como foi que ela conseguiu entrar em nosso coração? Será que de alguma maneira produzi oportunidade para que este estado negativo se instalasse em mim?" Por que naquele lugar tão cheio de beleza e calma, eu estava pensando em momentos de dor? Os pensamentos vinham de uma maneira tão clara e definida, percebi que naquele instante alguma resposta estava sendo direcionada a mim: - Mais uma das respostas do Caminho! Cada vez que praticamos uma ação, certa ou errada, mobilizamos energias, provocamos interferência nos mecanismos da vida, alteramos ciclos, isso é uma escolha única e individual. E a vida responde a cada uma destas ações... em forma de alegria ou sofrimento. Resta-nos o "bem sofrer". Não a resignação calada, mas a certeza de que estamos crescendo através do sofrimento, que deve ser consciente e calmo; levando à possibilidade de acertos com nossos inimigos internos e externos, através do esforço próprio e a ajuda de outros planos de vida. Percebi por que estava me envolvendo em pensamentos de tristeza, dentro de um quadro de beleza e paz tão natural... a tristeza fora acumulada em mim ao longo de um Caminho de desacertos e ignorância, agora eu percebia que ela aflorava... Mas uma mudança mínima de posição me levaria a luminosidade, a esperança... e naquele momento eu chorei. Molhei com minhas lágrimas o caderno onde fazia minhas anotações... Chorava pela alegria ter sentido em mim um momento de calma e serenidade que agora estava instalado dentro de minha alma, e que ficaria ali como uma reserva natural, era um porto onde poderia ancorar sempre que pudesse ou se fizesse necessário. Eu tinha um padrão mental pronto para ser usado! Era mais um "presente" que recebia de Santiago... Esta ligação com este padrão mental positivo seria para mim, como uma ponte entre os seres de luz e o meu coração. Sentado ali, à beira do Caminho de Santiago, eu sentia a minha mente e o meu coração pacificados, e me sentia amparado num grande e generoso colo maternal de amor e tranquilidade... Percebi que eu também fazia parte desta energia de paz. (Inácio Cruz, 2012).

No universo dos peregrinos é dada uma grande importância à reciprocidade, à solidariedade ligada às relações sociais que circulam. Tal experiência parece levar os peregrinos a uma reflexão sobre si, provocando confiança ilimitada em sua capacidade pessoal de ser independente e autônomo. Cada peregrino independente de suas motivações passa por uma transformação que muitas vezes contribuem para uma mudança significativa após ter percorrido as rotas da peregrinação.

Saliento que o Caminho não é a quantidade de quilômetros que se percorre, mas sim o quanto você andou em busca das suas motivações e suas respostas. Portanto, o Caminho traz lições que contribuiram muito dentro da construção do seu processo de aprendizagem e referem-se a determinados valores, sentimentos e emoções que vão sendo "modificados, aprendidos", durante a experiência da peregrinação. Enquanto um meio de expressão, a peregrinação confere outra dimensão às experiências que passam a ser vivenciadas a partir de

novos ordenamentos de sentido e significado como uma sensação de que “nada acontece por acaso”, e que o Caminho dá o que cada um precisa e não o que cada um espera.

Todos esses aspectos podem ser entendidos como situações em que os peregrinos entram em contato com a sua própria subjetividade. É nessa capacidade interpretativa da existência que nos deparamos com as definições dos múltiplos sentidos e significados do Caminho. Nas palavras dos peregrinos:

Tudo mudou a forma de ver as pessoas, a forma de ver a vida, a forma de eu mesmo me ver. (Informação verbal)³⁵

O objetivo que vai me levar à felicidade, pois o Caminho para buscá-la eu mesmo posso traçar. (Informação verbal)³⁶

Não adianta ver as coisas mais lindas se você não pode compartilhá-las com as pessoas que você ama. Pois o belo fica finito, não podendo ser apreciado, discutido e ponderado, tornando-se vazio e egoísta. (Informação verbal)³⁷

O Caminho de Santiago é o Caminho das pessoas comuns, as quais podem participar de um processo de iniciação que marcará o “resto de suas vidas”, pois o que elas passam a vivenciar nessa rota lhes proporciona um processo de transformação dentro de suas visões e seus princípios.

Esses peregrinos passam a operar um verdadeiro milagre em suas vidas, pois aplicam a arte de transformar “aquilo que você é naquilo que você crê que pode ser”. Na visão de muitos peregrinos, isso é a “grande alquimia da vida”, conectar-se com o universo, com ou sem a presença de Deus, na maioria dos casos, mas também da natureza, do reino animal ao vegetal. Seja como for essa celebração isso é o próprio fundamento da vida social.

A peregrinação é um processo que se inicia de acordo com as motivações de cada peregrino e isso implica em etapas que separam o indivíduo da vida cotidiana.

A partir do momento em que a pessoa sai do cotidiano, e vivencia a experiência do Caminho há uma mudança que é sentida como essencial. Quando se inicia o Caminho existe uma separação, e até chegar a Santiago o peregrino passa por vários rituais de agregação e de celebração, como o tradicional abraço ao Santo, colocar a mão no Pórtico da Glória, assistir à missa dos peregrinos com o ritual do bota fumeiro e também a queima das roupas usadas na peregrinação na cidade de Finisterra, etc.

³⁵ Relato de Peregrino, Analista de Sistema, 42 anos ao autor.

³⁶ Relato de Peregrino, Maria Goretti de Oliveira, Secretária, 36 anos.

³⁷ Relato de Peregrino, Valdinei Trombini, Professor, 46 anos.

Entre a vida cotidiana e a peregrinação, existe uma grande dicotomia que faz com que a pessoa se sinta vivendo em dois mundos ou duas dimensões totalmente distintas. Sair da vida cotidiana e partir para uma peregrinação pressupõe uma série de etapas que devem ser feitas para poder proporcionar uma passagem da melhor forma possível na qual podemos definir de maneira resumida:

- a) Os impasses da vida e as rotinas sendo quebradas através da peregrinação;
- b) O atendimento de um chamado, ou seja, a decisão de fazer o Caminho;
- c) A preparação para a viagem;
- d) O começo da viagem;
- e) O seu encontro dentro do Caminho;
- f) O encontro com o Apostolo dentro da Catedral;
- g) O retorno;
- h) À volta ao cotidiano.

Dentro das suas rotinas, os peregrinos passam por diversas e distintas situações que de alguma forma poderiam significar mudanças radicais tais como mudança do estilo de vida, sendo que essas mudanças podem vir acompanhadas de ações singulares.

Essas mudanças podem trazer certas semelhanças, pois neste caso, fica a seguinte pergunta: Qual o principal significado atribuído à experiência da peregrinação?

Ao entrevistar vários peregrinos obtive várias respostas distintas, sendo:

- a) Inesquecível, única, simplesmente maravilhosa;
- b) Contribuiu para o meu autoconhecimento, permitiu o meu encontro com o meu “eu” interior;
- c) É um mundo mágico, iluminado, algo que vem do espiritual;
- d) Uma convivência com pessoas do mundo, uma riqueza histórica e cultural.

Praticamente foram unânimes as respostas quanto à mudança em que o Caminho proporcionou em suas vidas, dizendo que a experiência foi “transformadora e renovadora” e no seu retorno, muitos se filiaram às Associações que desenvolvem práticas assistencialistas, como arrecadações de donativos à entidades, grupos de autoajuda etc.

Os peregrinos ao retornarem de suas experiências, trazem um sentimento que chamam de *pós-Caminho*. Esse sentimento foi narrado por Rosângela Albuquerque (Professora, 33 anos):

Fui para lá e não sei o que trouxe de lá. Passou-se uma semana e ainda não me desliguei daquela energia que contagia. Na volta muitas reflexões tomaram conta do meu ser, pois algo havia mudado dentro de mim. O Caminho é uma experiência mágica que, mostra que com muito pouco, somos capazes de viver. Então começamos a ver que o desapego as coisas materiais passam a ser para muitos um objetivo de vida. De repente temos que conviver com situações que antes nos pareciam normais, porém hoje posso ter um olhar diferenciado em relação a vários assuntos e situações. (Informação verbal)³⁸

Tudo aquilo que o Caminho proporciona é sempre pessoal, particularmente por ser entendido como uma nova linha de vida ou conduta marcada pela tolerância, compreensão, fraternidade, companheirismo, solidariedade, amizade etc. Surge uma necessidade de se buscar uma reorganização da própria vida, reavaliando valores e conceitos sobre a nova visão da vida. Algumas narrativas demonstram essa necessidade:

A experiência do Caminho entra na sua vida e não sai, você caminha por toda a rota e ao terminar, ele estará ainda dentro de você. O Caminho passa a ser o seu propósito de vida, pois ela é e será sempre conduzida por um Caminho. (Informação verbal)³⁹

O Caminho faz de você um passageiro da sua própria história, pois ele possibilita, durante a sua realização, você ver o passado, analisar o presente e definir uma nova rota para o futuro. A mudança é inevitável pois independentemente dela, você será, no mínimo, mais um peregrino. (Informação verbal)⁴⁰

Alguns peregrinos declararam que durante a sua jornada eles se reencontraram com o seu “eu” e isso proporciona uma verdadeira paralisia, porque o ambiente faz com que você se depare com você mesmo. Para muitos isso é um grande choque, porque não tem como mentir, fingir e dissimular situações e conceitos para si mesmo.

A experiência do Caminho permite um novo relacionamento entre o indivíduo e a tradição, pois a religião traz uma metáfora de que a vida é um caminhar em busca de uma salvação. No entanto, buscar essa transcendência traz um forte indício de que o ser humano busca um significado quanto a sua própria existência.

Em decorrência da própria existência, muitos peregrinos projetam a possibilidade de transformação em termos sociais. A crença de que o homem tem uma essência, ou da existência de uma realidade interior, o verdadeiro eu, leva os peregrinos a uma busca

³⁸ Relato de peregrino, Rosangela Albuquerque, 33 anos.

³⁹ Relato de peregrino, Roberto de Meneses, 28 anos

⁴⁰ Relato de peregrino, Jose de Alencar Brito, 48 anos.

constante e isso está associado à ideia de que a transformação individual traz efeitos positivos no mundo social.

No Caminho, a transformação individual ganha certa centralidade em substituição aos ideais de transformação do mundo. Antigas representações que se faziam presentes nas grandes narrativas que diziam como deveria ser a vida em sociedade e no mundo parecem não surtir mais o mesmo efeito.

Muitas pessoas de vários níveis culturais, com acesso à mídia e ampla rede de informação, que não dão importância à política, igrejas, templos etc, buscam encontrar um sentido para si no atual cenário do mundo. Para essas pessoas é que a peregrinação pode ser percebida como “algo novo”, um horizonte que se abre como uma rede de significados dentro de suas vidas.

A finalidade é que cada indivíduo abra as portas do seu inconsciente e entre em contato consigo mesmo através das reflexões. A noção de alteridade é assim deslocada e passa pelo interior da mente. Falar das experiências da peregrinação não significa enfatizar apenas o caráter subjetivo, mas afirmar o caráter social que define seus conteúdos e significados.

Significa dizer que a experiência de “transformação” é num primeiro momento, do mundo da cultura, definida por seus significados que são constantemente negociados.

A peregrinação traz experiências como se trouxesse vários significados da vida das pessoas, principalmente na conduta moral, pois mostra como se pode atualizar a identidade em espaços apropriados com uma dada condição social e nesse caso “ser peregrino”, como identidade, que é, ao mesmo tempo individual e coletiva.

Sem dúvida a realização da peregrinação fornece os elementos simbólicos acionados para afirmar as identidades de indivíduos, grupos e por que não dizer da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas dos peregrinos descrevem diversas situações nas quais o homem comum se transforma, possibilitando abrir seus canais de sensibilidade e entrar em contato com a sua própria subjetividade. É através da peregrinação que os peregrinos organizam essa subjetividade, projetando vários sentidos sobre a sua experiência existencial e suas relações com a sociedade. É um momento especial no qual se busca uma construção de princípios e valores geradores de uma nova identidade, sendo essa transformada a cada momento na contemporaneidade.

Nessa transformação, o peregrino passa a ter consciência de que “o dar, o receber, o retribuir”, são ações que estarão sempre com ele durante a sua longa viagem e são expressões que fundamentam valores que podem ser traduzidos como atos de solidariedade e fraternidade. O Caminho de Santiago é uma tradição que recebe continuamente reinvenções de seus atores diretamente envolvidos com a sua produção, como uma forma de legitimar valores, ações e normas de comportamento que cada um deles considera centrais dentro de suas convicções.

Muitos aspectos revelados pelos peregrinos brasileiros dizem respeito às descobertas sobre si mesmos, pois a oportunidade de relativizar o tempo teria lhes permitido compreender o quanto eram reféns do próprio tempo, dos valores materiais, das convenções, das imposições sociais. Por mais que muitos peregrinos tenham expressado vários motivos para justificar a realização da peregrinação, dizendo inclusive que não se sabiam ao certo porque o realizou, a maioria afirmou que suas motivações estavam vinculadas ao objetivo de passar por uma mudança interior através da vivência do Caminho.

A maioria dos peregrinos comentou as mudanças que ocorreram em suas vidas após a realização da peregrinação, podendo ser sintetizadas na expressão utilizada por um dos entrevistados ao afirmar que “nada depois do Caminho será como antes”, ainda que essa ideia recorrente tenha diferentes significações. O fato é que cada um expressa as suas experiências para uma nova visão de mundo, uma nova dimensão dentro de sua vida.

O Caminho ganha uma sustentação metafórica, apresentando-se como uma possibilidade de múltiplas interpretações sobre as quais se englobariam distintos personagens, como os hospitaleiros, santos, bruxos, padres e magos, os quais estão envolvidos diretamente através de diferentes formas de trocas de convivências. Um dos aspectos mais ressaltados nas análises das narrativas dos peregrinos brasileiros é que durante o Caminho fizeram várias

descobertas sobre si mesmo, pois ao se defrontarem com o seu próprio eu, não puderam usar de subterfúgios para escapar deles próprios. A oportunidade de relativizar a dimensão temporal teria lhes permitido compreender o quanto eram escravos do próprio tempo, dos valores materiais, das convenções, das necessidades consideradas básicas.

Embora muito peregrinos tenham declarado diversos motivos para justificar a realização da peregrinação ou declarado não saber ao certo por que a realizavam, implícita ou explicitamente afirmavam que a sua motivação principal estava vinculada ao objetivo de passar por uma mudança interior, associada ao processo de vivências e experiências que poderiam mudar o percurso de sua vida.

No Caminho, os peregrinos declaram-se confrontados com desafios físicos, psicológicos e mentais. Eles vivenciam ações e sentimentos marcados por fortes emoções, com manifestações como solidariedade e de comunhão com o próximo, amizade, experiência de solidão, intolerância, medo, encontros e desencontros com pessoas queridas.

Essas experiências representam um sentido único que lhes possibilitam redimensionar suas noções de tempo e espaço e colocar em suspenso às regras da vida cotidiana. Com isso se abriga um espaço para as experimentações em todos os sentidos, como fazer novas amizades com pessoas de vários cantos do mundo.

A peregrinação é um fluxo de discursos sempre dinâmico de experiências e relações que parecem expressar os principais dilemas que enfrentamos como seres humanos. Por isso que a atração do Caminho está na sua flexibilidade, na possibilidade de acomodar e abarcar diferentes interpretações de seus espaços, tempos e encontros. Essa flexibilidade tem exigido que diversos agentes buscassem a sua identidade em consonância com os seus sentidos. Nesse contexto, os peregrinos expressam a seguinte frase: “Fazer o Caminho é como fazer uma terapia, você tem que enfrentar seus desafios internos e externos e só você pode viver esta experiência”.

Assim sendo, estamos com um tipo de experiência que envolve a participação mais intensa do indivíduo, uma vez que ele acredita que a força da transformação é a fé e que é constituída por cada indivíduo em particular. Entenda-se por fé a própria crença, o ato de crer. Levando em conta essa consideração, o mais importante da peregrinação é poder vivenciar uma experiência que leva as pessoas a uma nova forma de ver o mundo.

Essa experiência vivenciada leva na maioria das vezes o sentimento de renovação física, espiritual, tomada de decisões importantes que vão desde se tornarem menos materialistas, mais generosos, aproveitando melhor a vida, até decisões sobre mudança de emprego e residência, sobre continuidade ou ruptura de relações afetivas.

Fazer o Caminho traz um sentimento de conexão com valores que são considerados fundamentais para a atuação na vida cotidiana experimentando-os como uma base ética e sólida para o futuro.

Nesse sentido, percebemos que para os peregrinos, a chegada a Santiago está sempre associada à esperança de um novo começo, uma nova etapa em suas vidas. A chegada é sem dúvida um grande momento de celebração: lágrimas pela conclusão do trajeto, a alegria do reencontro com os novos amigos, considerados "irmãos ou companheiros do Caminho", risadas pelas inúmeras histórias contadas e recontadas, sobretudo pela "tristeza e saudade do término do trajeto". Assim a estada na cidade de Santiago, ainda que breve, representa uma situação única, entre o passado e o presente, entre o que se acredita ter sido deixado para trás (velhos sentimentos e valores) e o que vem pela frente (a nova etapa).

Concluído o Caminho, não há mais o desafio diário da sobrevivência, não há mais a meta a ser atingida a cada dia, não há mais a preocupação com os quilômetros a percorrer, com o que comer ou onde dormir.

Dentre os aspectos que compõem a construção da identidade peregrina, não há a pretensão de encontrar uma verdade, pois é essa atitude que favorece a multiplicidade dos sentidos e ela permite que os peregrinos vivenciem aspectos aparentemente contraditórios que desafiam o sentido usual das categorias culturais. A peregrinação a Santiago de Compostela, é um importante recurso simbólico que nos permite ter acesso a um universo de representações vinculadas a uma nova maneira de se relacionar com as antigas e novas formas principalmente as religiosas.

Nesse sentido, as narrativas dos peregrinos sobre as suas mais distintas experiências começaram a fazer sentido como parte de um corpo de valores, ideias e crenças que pareciam configurar uma determinada visão de mundo, informada por algo particular, construída em torno de uma identidade representada pela noção do que é "ser peregrino".

É nesse contexto que exploro as narrativas dos peregrinos, em suas buscas de novos e renováveis recursos que auxiliam a procurar uma harmonia entre domínios que se pensavam dicotômico. É importante perceber que existe uma linguagem que vem atraindo pessoas das diversas camadas da sociedade que apresentam interesses eminentes em fazer o Caminho de Santiago de Compostela.

Ao analisar as narrativas dos peregrinos percebemos um tensionamento da relação dialética entre o individual e o coletivo, quanto os estudos que usam a perspectiva narrativa podem ser, ao mesmo tempo, formação e investigação.

Assim, ao reconstruirmos nossa experiência de maneira reflexiva, fomos desvelando os significados que atribuímos aos fatos que vivemos, realizando uma espécie de autoanálise que possibilitou compreender melhor as escolhas que fizemos.

A capacidade de narrar a si mesmo (o peregrino), além de envolver a capacidade de refletir sobre a experiência vivida, pode ajudar a entender e a organizar a realidade social e, dessa forma, oferecer melhores condições para que os sujeitos possam transformar a própria realidade. As lembranças de alguns acontecimentos da experiência que se tornam significativas no sentido de perceber que lembrar não emerge no vazio.

A narrativa vai além de lembrar os acontecimentos vividos no cotidiano, pois tem a influência tanto da dimensão coletiva quanto da individual. Escrever a respeito de si, além de envolver a reflexão da experiência vivida no processo coletivo pode nos levar a conhecer a multiplicidade da realidade social e a nossa relação com essa realidade.

Nesse sentido, as experiências individuais são as expressões de uma realidade social que o sujeito organizou e das quais se apropriou. Segundo Bueno (2002 p.19), "o indivíduo é sujeito ativo no processo de apropriação do mundo social, traduzido em práticas que manifestam a sua subjetividade." Sendo assim, a experiência individual não está isolada da experiência social, é o conjunto de características próprias e variadas de experiências singulares que a realidade social manifesta. A questão da singularidade de um indivíduo versus o contexto social e histórico em que está inserido também merece atenção.

Segundo Bourdieu (1996), o fato de as narrativas estarem circunscritas ao universo metodológico das biografias, poderíamos pensar a "vida como história". Avançando na compreensão metodológica sobre a história de vida, Gómez; Flores e Jiménez (1996) propõem a delimitação conceitual entre relatos de vida e história de vida.

Sendo que os primeiros seriam a história de uma vida tal como uma pessoa viveu e contou, na segunda a perspectiva de um estudo de caso sobre uma pessoa, quando, então, se busca a compreensão de seu relato de vida na interação com outras informações ou documentos (pessoais ou oficiais) que possibilitem a reconstrução da trajetória de um ou mais aspectos de sua vida, por exemplo, a formação.

No primeiro caso, estamos falando pelo menos, três eixos distintos: história de vida, biografia e autobiografia. No segundo caso, estamos falando de uma nova perspectiva (como uma qualificação da pesquisa qualitativa) da investigação qualitativa. Ou seja, estamos falando de metodologia da pesquisa qualitativa, que neste caso podemos encontrar ou produzir: o relato único (de um peregrino, de um informante); relatos paralelos (como

diferentes peregrinos vivem uma mesma experiência); polifonia de relatos (analisar a polifonia das fronteiras entre diferentes relatos).

Cabe dizer que o relato biográfico tem sido mais frequentemente identificado nos exercícios narrativos, tanto os que tem objetivado a formação (relatos reflexivos) quanto os casos de objetivar construção/produção de conhecimento (reconstrução hermenêutica).

As narrativas, a partir da experiência própria, que desenvolvemos pelo fato de serem textos feitos dentro dos sites, podem ser mais disciplinadoras, não no sentido da censura, mas no sentido reflexivo dos discursos. Ou seja, a textualidade exige outra qualidade e outro esforço ao sujeito autor, preocupações geralmente não presentes na oralidade, tanto na expressão quanto na compreensão, na ênfase e nos limites das situações narradas.

É nesse argumento que concordamos com a afirmação de que a narrativa é ou pode vir a ser um aprofundamento, uma qualificação ou ainda um requinte disponível para as análises de relatos dentro de sites, chats e outros meios.

Nessa perspectiva, as narrativas não refletem de modo linear ou simples as experiências reais do sujeito que narra. As pessoas que narram veem-se obrigadas a recorrer a modos linguísticos com as quais estão familiarizadas para narrar suas histórias.

Por isso, sem dúvida, a narrativa é também uma forma de prática social através da qual o sujeito elege/escolhe/busca/constrói, a partir de um repertório sociocultural de relatos (coletivo), o que melhor expressa a sua narrativa pessoal, ou seja, a sua história.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov.** In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.* São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRASIL, A Associação de Confrades e Amigos do Caminho de Santiago de Compostela - São Paulo - Brasil foi fundada em 25 de novembro de 1995 e é uma das muitas associações existentes no mundo destinado a promover a apoiar as Peregrinações pelo Caminho de Santiago de Compostela na Espanha.

BARREIRO RIVAS, J. L. **La función política de los Caminhos de perigrinación em la Europa medieval.** Madri: Tecnos, 1997.

BARREIRO RIVAS, J. L. **The construcion of political space: symbolic and cosmological elements (Jerusalem and Santiago in Wstern History).** Jerusalem : AlQuds university; Santiago. The Araguaney Foundation , 1999.

BOURDIEU, P. A Ilusão Biográfica. In: FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. **Usos e Abusos da História Oral.** Rio de Janeiro: FGV, 1996.

BUENO, B. O. **O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade.** *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.28, n.1, p. 11-30, jan./jun. 2002.

CARDOSO, António Homem e ALMEIDA, Lourenço de “**O Caminho Português de Santiago**”. Edição Lucrena , 2005.

CARNEIRO, Sandra M. C. de Sá, **Desenvolvimento da espiritualidade: problemas de sentido de pertinência na modernidade,** In: SILVA, Dayse de Paula M. (Org), **Identidades étnicas e religião,** Rio de Janeiro: UERJ/Pegge, 2000

CARNEIRO, Sandra de Sá – **A pé e com fé: brasileiros no Caminho de Santiago** , São Paulo: Attar Editorial , 2007

CHARPENTIER., Plaza & Janés Barcelona Tela Bueno - **Outros Mundos Santiago de Compostela** 5^a edición 1975.

CHARLOT, B. **Práticas languageiras e fracasso escolar.** In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DE LETRAS (ENEL). Cuiabá, 18 jul. 2000. Palestra.

COELHO Paulo **O Diário de um mago** - Página 171, - Publicado por Rocco, 1998 ISBN Breda - página 152, Paulo Coelho - Rocco, 1995.

COMPOSTELA: **Revista de la Archocofraria Universal del Apostol Santiago. Santiago de Compostela: Junta Directiva de la Archicofraria,** n.24, maio 2001.

CORREIA, Margarita. **A Semântica das Palavras construídas**: nova ... de Linguística e Filologia Românicas, Santiago de Compostela. 1.992 .

COUSENEAU, P. **A Arte da Peregrinação** . São Paulo: Agora 1999

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978

GIDDENS, **Modernidade e Identidade**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar 2002

GIL, Carlos & RODRIGUES, João (2000) “**Por Caminhos de Santiago: itinerários portugueses para Compostela**”. 3ª edição – revista. Publicações D. Quixote

GOMÉZ, G. R.; FLORES, J. G.; JIMÉNEZ, E. G. **Metodologia de la investigación cualitativa**. Barcelona: Aljibe, 1996.

GUIMARÃES, C. FRANÇA, V. **Na mídia, na rua: Narrativas do cotidiano**. Belo Horizonte: Autentica 2006

HALL, Stuart – **A identidade cultural na pós modernidade** - 11ª Edição., Editora DP&A - 11ª Edição – Rio de Janeiro, RJ – 2006

HERBERS, Ascaso – **Em camino hacia Santiago de Compostela**. Madrid: ... 1999. 209 p. 31. Brasil, Baby do – Peregrina: meu Caminho no Caminho. São Paulo Editora Paloma.

INACIO CRUZ, n: José Horácio Costa, Emerson da Cruz Inácio, Wilton Garcia Sobrinho, Berenice ... João Pessoa / Campina Grande: Editora Universitária UFPB / Realize Editora, 2009. v. 1. ... In: **IV Congresso Norte Nordeste da ABRAPLIP, 2012**, Manaus.

LEMONS, Andre et al. **Narrativas midiáticas contemporâneas**. Porto alegre: Sulina, 2006
MATOS, Lucia Helena Lopes de - Coordenador / Rita Maria Abreu Maia **Santiago de Compostela**- Galiza: Candeia Editora, 1988.

MENDES, Faria e José Amado, Lisboa, EDIUAL – Universidade Autónoma Editora, S. A., 2009,

MESQUITA JR. Jose Maria de. **Praticando o Caminho de Santiago**. Rio de Janeiro, 2000

MIKLOS, Jorge. **Ciber-religião: a construção de vínculos religiosos na ciber-cultura**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2012.

PLOTZ , Lisboa: Ed. Távola Redonda, 1992: 42-52. Também R. Plotz, num artigo interessante, apresenta a origem por J. Duque, **Cultura Contemporânea e Cristianismo Lisboa**: Universidade Católica Editora, 2004.

REGISTRO de la Oficina de Acogida de Peregrinos. Elaboracion: Oficina de Sociologia del Arzobispado de Santiago de Compostela.

RICOUER, P. **Tempo e narrativa (tomo I)**. São Paulo: Papyrus, 1994.

RODRÍGUEZ, González - **Santiago de Compostela** - Editorial ... GIL Carlos e João Rodrigues - **Por Caminhos de Santiago** - Itinerários Portugueses ... de Santiago - 2ª Edição - Editora Alcance - Porto Alegre - RS - 2000 .

SILVA, Míriam Cristina Carlos . **João da Filmadora e as narrativas midiáticas** – Texto para Revista Cuturais Midiaticas, Sorocaba – SP - 2013

SINGUL, Francisco. **O Caminho de Santiago: a peregrinação ocidental na Idade Média.** Rio de Janeiro:Eduerj. 1999

SHUTZ, Alfred. **Fenomenologia e relações sociais**, Rio de Janeiro: Zahar 1979

STEIL, Carlos Alberto. **O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa** – Bahia. Petrópolis: Vozes. 1996

SOLLA, Fernández - **Consolidação de espaço econômico** (1995-2001-2006), Ltr Editora, São Paulo, 2006.

TURNER, **Os Peregrinos, ao deixarem as casas e comunidades**, entram Silva e Guacira Lopes Louro : De Paula Editora – Rio de Janeiro – RJ, 1974.

Disponível em:<www.oficinadelperegrino.org/2012/05/publicaciones-para-peregrinar.html>acesso dia 20/05/2013.

Disponível em:<<http://www.peregrinoviajor.com/2011/12/concha-simbolo-do-peregrino.html>>acesso dia 20 Maio 2013.

Disponível em:<<http://peregrinossantiago.es/esp/oficina-del-peregrino/estadisticas/?anio=2004&mes=6>>acesso dia 20Maio 2013.